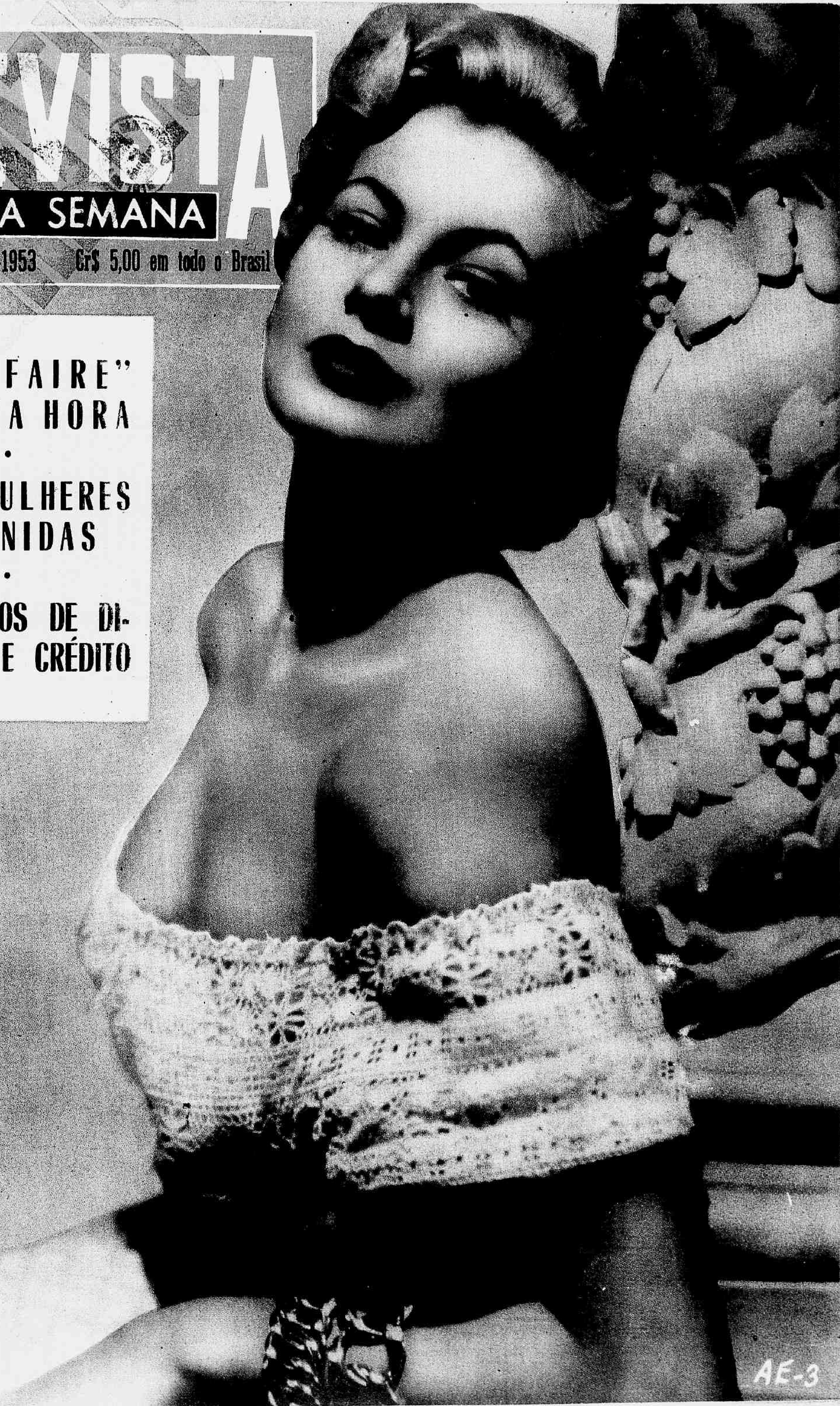
REVISTA DA SEMANA

N. 32 8-8-1953 Cr$ 5,00 em todo o Brasil



O "AFFAIRE" ÚLTIMA HORA

•

MIL MULHERES REUNIDAS

•

CEM ANOS DE DINHEIRO E CRÉDITO

AE-3

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:

em

1953

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.
49 MTS. 6185 KLCS.

em

1954

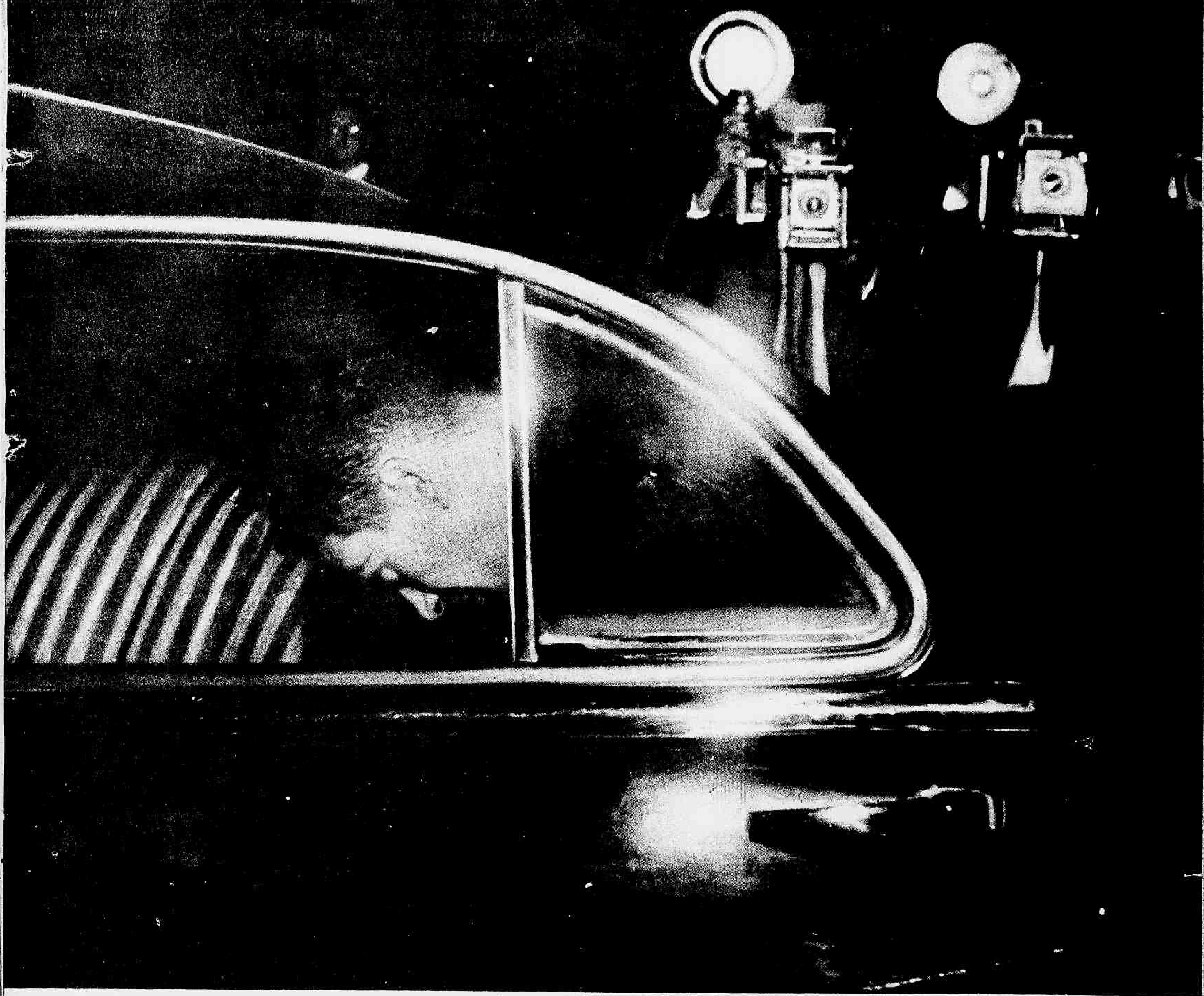
TELEVISÃO

CANAL 13

RÁDIO BANDEIRANTES

– a mais popular emissora paulista





Samuel Wainer, no mesmo dia de sua prisão, a 21 de julho de 1953, quando chegava à Câmara para depor perante a Comissão de Justiça.

O "AFFAIRE" ÚLTIMA HORA

TOMA ASPECTOS AINDA MAIS SENSACIONAIS O CASO DO JORNALISTA SAMUEL WAINER COM A COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO ★ A PRISÃO DO JORNALISTA POR DETERMINAÇÃO DO JUIZ ★ DESRESPEITADO O PARLAMENTO? ★ ENQUANTO READQUIRIA A LIBERDADE, POR FÔRÇA DE UM "HABEAS-CORPUS", O DIRETOR DE "ÚLTIMA HORA" SENTE O CÊRCO APERTAR-SE CADA VEZ MAIS ★ COMPROVADA A ADULTERAÇÃO DO DOCUMENTO ★ AS PROVIDÊNCIAS DO MINISTRO DO TRABALHO, QUE JÁ PUNIU O RESPONSÁVEL PELO D.N.I. ★ SURGE UM SUSPEITO.

Reportagem de JOSÉ MARIA NEVES

O «affaire» Samuel Wainer, na semana que passou, tomou aspectos ainda mais sensacionais com a súbita decisão do juiz Emílio Pimentel de Oliveira, da 7ª Vara Criminal, decretando a prisão, por 15 dias, do diretor de «Última Hora». A medida judicial foi aplicada, por entender o magistrado que o sr. Samuel Wainer, deixando de comparecer à Comissão Parlamentar de Inquérito, conforme havia ordenado a Justiça, em atenção ao que foi comunicado pela Câmara dos Deputados, incorrera em flagrante desrespeito ao Poder Judiciário. O jornalista, que se ausentara do Rio, segundo suas próprias declarações, passou, então, a ser caçado por dois oficiais de justiça, não sendo localizado.

Informado por amigos de que a Justiça o procurava, Samuel Wainer, na madrugada de segunda-feira apresentou-se ao juiz Emílio Pimentel de Oliveira, na residência do magistrado. Foi, logo em seguida, prêso e conduzido, sob escolta, para o Quartel da Polícia Militar, no Méier, onde permaneceu por 12 horas, dali sendo transferido para o Quartel Ge-

O "AFFAIRE" ÚLTIMA HORA

neral da mesma corporação, onde ficou encarcerado num xadrez especial, durante 7 dias.

Mesmo prêso, Wainer compareceu à Comissão Parlamentar de Inquérito, escoltado por dois oficiais. Estava, porém, munido de um «habeas-corpus» preventivo que lhe concedia o direito de não declinar os nomes dos seus financiadores no empreendimento jornalístico que dirige. Os parlamentares foram pegados de surprêsa, vangloriando-se Wainer da astúcia de seu advogado Hariberto de Miranda Jordão, que pregou verdadeira peça nos parlamentares. Aliás, houve quem declarasse que Wainer pretendia, com isso, desmoralizar o Legislativo. Todavia, o presidente da Comissão que está apurando as transações comerciais entre o Banco do Brasil e as emprêsas Érica S. A. e «Última Hora», deputado Castilho Cabral, mostrou serenidade e encarou a situação tal qual ela se apresentava. Não se alterou. Conferenciou discretamente com seus pares e deu por encerrada a sessão.

Na dia imediato era noticiado que a Comissão de Inquérito havia interposto um recurso ao Tribunal de Justiça. Distribuído à 2ª Câmara Criminal, o processo entrou em julgamento, concluindo os juízes pela anulação da decisão do juiz da 7ª Vara Criminal, que mandou prender Wainer e recolher ao Quartel da Polícia Militar. Imediatamente foi expedido o alvará de soltura, sendo o jornalista pôsto em liberdade e conduzido por seus auxiliares, em triunfo, para a sede do jornal «Última Hora». Houve foguetório, muita alegria e incisivos artigos publicados no vespertino que é mantido com o dinheiro do Banco do Brasil, ou melhor, do povo.

Enquanto isto... enquanto os funcionários pagos pelo sr. Samuel Wainer comemoravam «a retumbante vitória» do seu chefe, o jornalista Carlos Lacerda vinha a público para apresentar mais provas a respeito da falsa nacionalidade do ex-repórter dos «Diários Associados», que chegou a diretor de jornal e milionário, da noite para o dia, graças à campanha eleitoral que realizou em Itu, quando o sr. Getúlio Vargas recolheu-se ao seu retiro voluntário. O diretor da «Tribuna da Imprensa», principal responsável pela denúncia do escândalo entre o Banco do Brasil e o sr. Samuel Wainer,



O perito Carlos de M. Ebole, auxiliado por Oswaldo Lage, examina a lista de passageiros do navio «Canárias», do ano de 1905.



Constatada a fraude pelos peritos, recaíram suspeitas no senhor Raul de Assunção Borges, que se vê na foto, no momento do interrogatório.

conseguiu reunir farta documentação para provar que o diretor de «Última Hora» falsificara todos os documentos para se registrar brasileiro. Várias petições firmadas pelo próprio Wainer foram encontradas nos arquivos do Ministério da Educação e procedentes da Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo por ocasião do curto período do curso superior de Wainer. Nesses documentos, o próprio Wainer se declara natural da Bessarábia, cidade de Edenitz, hoje incorporada ao território russo. Também no Colégio Pedro II, foram passados por certidão, vários documentos referentes ao «aluno Samuel Wainer, de menor idade, natural da Rumânia, cidade de Edenitz, etc. etc.» O cêrco em tôrno do ex-repórter, para provar a sua falsa nacionalidade, apertou-se cada vez mais, até que...

Até que, ainda desta vez o combativo jornalista Carlos Lacerda, saiu com a notícia sensacional: foi adulterado no Ministério do Trabalho, no Departamento Nacional de Imigração, o documento constante da lista de passageiros do navio «Canárias», que aportou ao Rio de Janeiro em 1905. Trazendo apenas 9



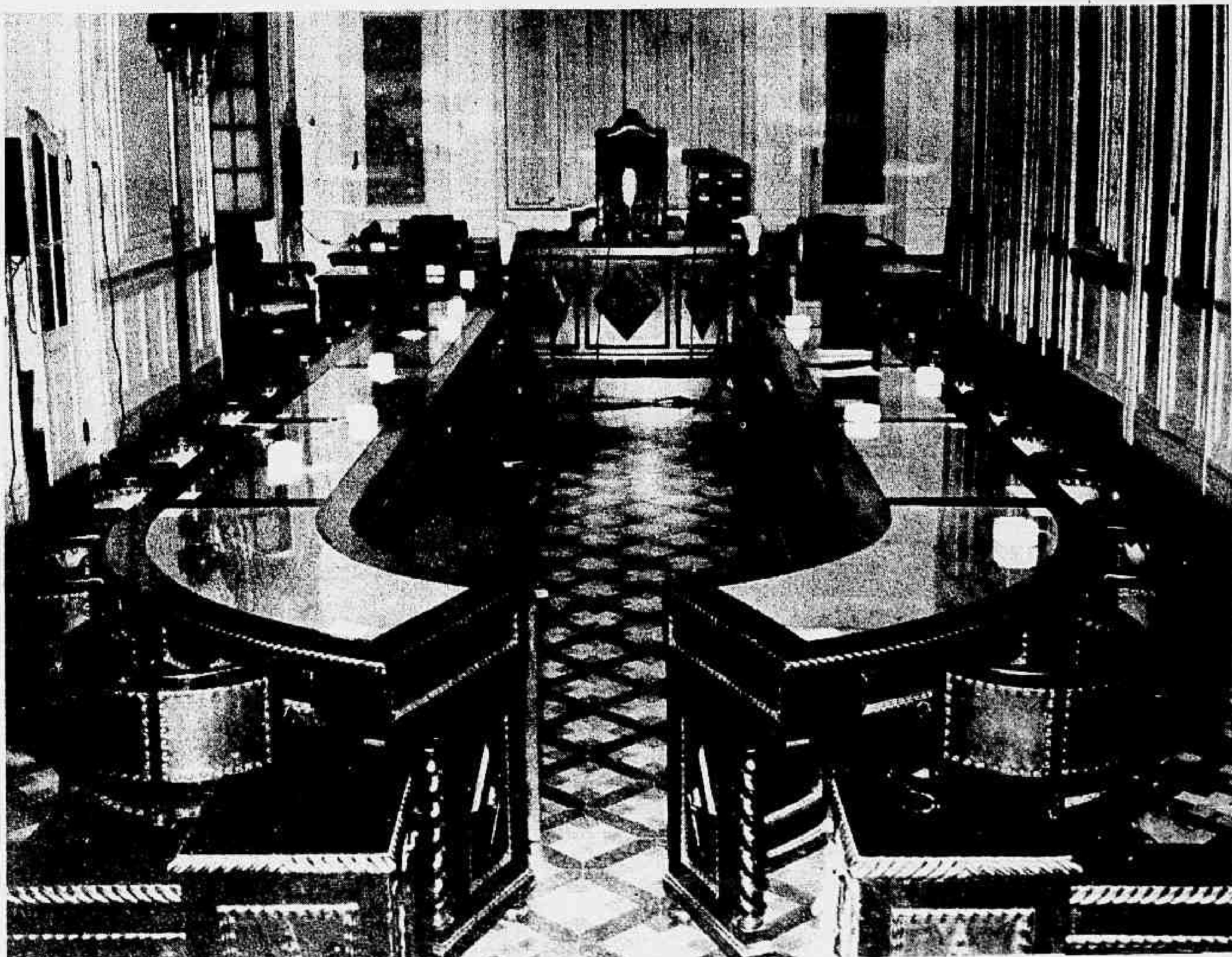
Escoltado por um oficial da Polícia Militar é o jornalista Wainer levado para o Quartel General da Polícia Militar do Distrito Federal.



Essa diligência foi realizada pelo jornalista Carlos Lacerda, em pleno recinto da Câmara de Vereadores, da qual é alto funcionário o suspeito Assunção Borges. Êste flagrante foi apanhado quando o senhor Carlos Lacerda crivava o senhor Raul Assunção de perguntas desnorteadoras

passageiros para o Brasil, conforme os jornais da época, o documento de bordo, que estava arquivado na repartição competente, foi dali retirado e rasurado para possibilitar a inclusão dos nomes dos pais do jornalista Samuel Wainer, sr. Jayme Wainer e sra. Dora Wainer. A adulteração era grosseira e gritante, mas se impunha, a fim de justificar o fato de ter dito o sr. Samuel Wainer ser brasileiro, natural de São Paulo, onde nasceu em 1914. E' que no Registro de Estrangeiros os pais do sr. Samuel Wainer, foram registrados como tendo entrado no Brasil em 1914, a mãe do jornalista, e em 1920, o pai do mesmo.

A denúncia do jornalista Carlos Lacerda provocou celeuma nas altas esferas administrativas e o caso teve a mais ampla repercussão. Agora, percebia-se, era o próprio govêrno quem estava interessado na defesa de Wainer. Mas o sr. João Goulart, Ministro do Trabalho, demonstrando o seu alto espírito público, solicitou à polícia que providenciasse sôbre o exame do documento no Gabinete de Exames Periciais, com urgência, recomendando fôsse a tarefa executada por funcionários de compro-



Não havendo o jornalista Samuel Wainer declinado os nomes de seus financiadores, a Comissão Parlamentar não se reuniu dia 22.



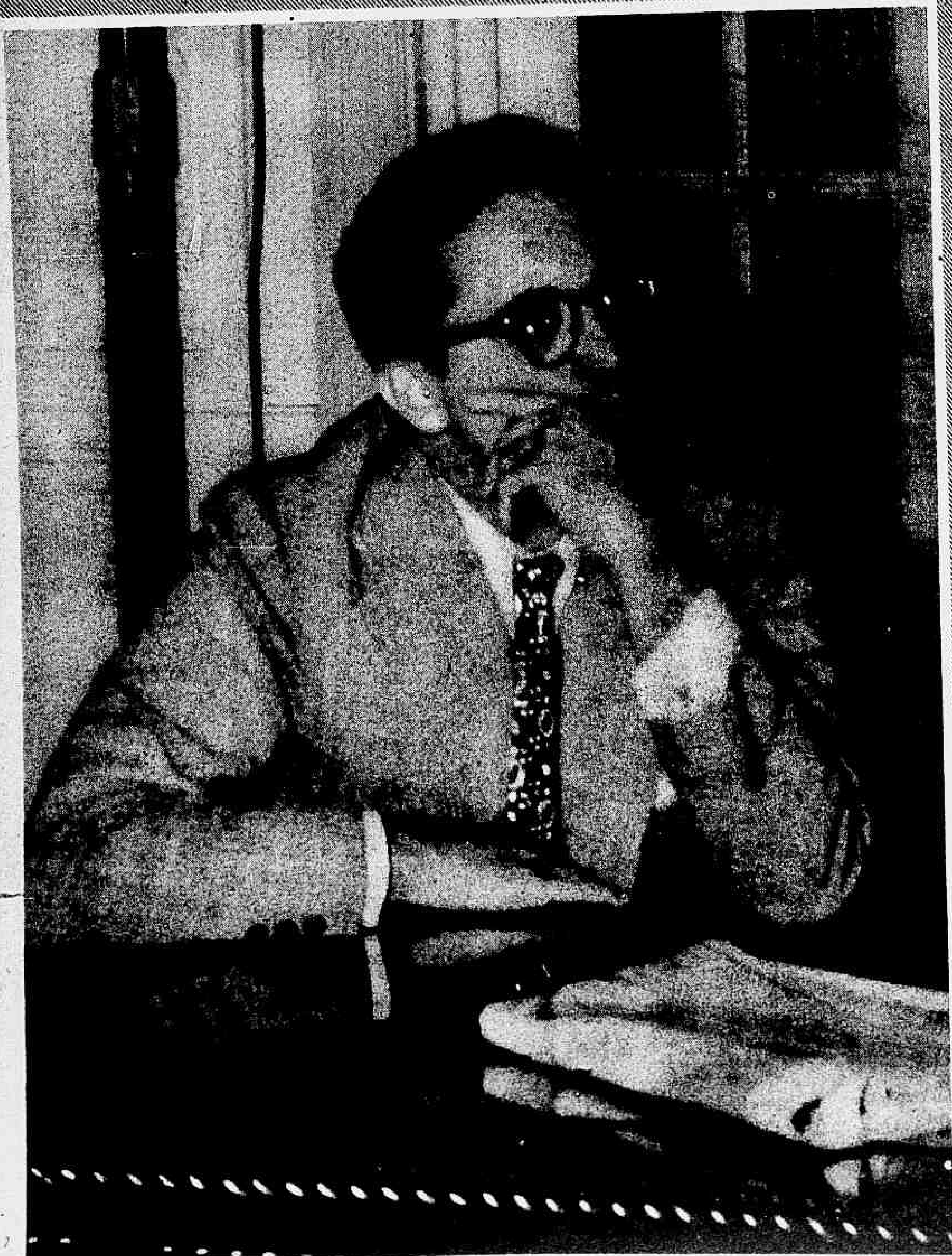


Os deputados Lopo Coelho e Armando Falcão trocam confidências sôbre o rumoroso caso das emprêsas «Última Hora»-«Érica»-Wainer.

O deputado Ulisses Guimarães (à esquerda), ouve explicações do jornalista Samuel Wainer num intervalo do primeiro interrogatório.

Carlos Lacerda, o jornalista que levantou a lebre, acompanha atentamente os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito.

O sr. Bocaiúva, interrogado, nada adiantou; parece que o deputado Guilherme Machado, repete: «Senhor sabe e não quer dizer...»







O jornalista Samuel Wainer, que foi beneficiado por um «habeas-corpus» obtido por seu advogado, é pôsto em liberdade a 27 de julho e levado, entre enorme regosijo de seus amigos e companheiros de trabalho, entrando na redação de seu jornal como um grande herói e triunfador.

vada idoneidade moral. O diretor da GEP designou, para o serviço, os peritos Carlos de Mello Ebole e Oswaldo Lages, que, após acurados estudos e experiências químicas que provocaram a reação do material empregado na suposta adulteração, acabaram por constatar a fraude. A tinta usada pelo grosseiro falsificador é de côr azul, quando na época (1905), ainda não havia sido introduzido no Brasil êsse material de origem inglêsa. Os documentos oficiais eram grafados com tinta especial, côr de cópia.

O resultado da perícia foi entregue pessoalmente pelo chefe de Polícia, general Armando de Morais Âncora, ao Ministro do Trabalho. Tomando conhecimento das conclusões dos peritos, o sr. João Goulart assinou portaria, no mesmo dia, suspendendo o sr. Oswaldo da Costa Miranda, das funções de diretor do Departamento Nacional de Imigração, outra instaurando inquérito administrativo, para apurar as responsabilidades funcionais, oficiando, ainda, ao chefe de Polícia, solicitando a instauração de um inquérito policial, que correrá paralelamente ao administrativo. E' possível que se verifique a demissão de alguns funcionários, desde que fique provada a prevaricação dos mesmos.

Foi ainda o sr. Carlos Lacerda quem, mais uma vez, denunciou a existência de um suspeito na falsificação da lista do navio «Canárias». O acusado foi o sr. Raul de Assunção Borges, alto funcionário da Câmara dos Vereadores e cujos antecedentes não são dos melhores, conforme apurou o diretor da «Tribuna da Imprensa». Êsse funcionário teria feito a adulteração, em troca de um emprêgo para um seu filho, que foi realmente nomeado para a carreira de fiscal, letra «L», para uma das autarquias. Localizado, o senhor Raul de Assunção negou a autoria do crime. Uma verdadeira caravana de jornalistas acompanhou o sr Carlos Lacerda na sua diligência, que se realizou no gabinete do 1º secretário da Câmara sr. Pascoal Carlos Magno.



O deputado e industrial, senhor Euvaldo Lodi, numa pose oratória, quando prestava seu depoimento perante a C. P. de Inquérito.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

C O R R E I O   D A   R E V I S T A

★ A. GOMES DE ALBUQUERQUE (S. Paulo) — A primeira fase do Concurcurso foi encerrada com a corrida da Loteria Federal de São João, cujos resultados foram publicados em diversas edições da REVISTA. A segunda e última fase se estenderá até ao fim de dezembro próximo. Mas, para ter direito ao sorteio de Natal, não é preciso ter colecionado as figurinhas correspondentes à primeira viagem.

★ BELARMINO SILVA (Rio) — Nem sempre é possivel seguir a numeração sem "pular" os cromos, pois isso depende dos ilustradores e, nem sempre, são obtidas as gravuras em ordem seguida. No fim, porém, dá certo, como todos vimos na primeira viagem ideal.

★ ISAURA AMORIM DE OLIVEIRA (Salvador) — Em futuros "ÁLBUNS" é possivel que a direção da REVISTA inclua entre os prêmios alguns de viagens. Sua sugestão é muito interessante e já objeto de estudos.

★ C.B. de O. (S. Paulo) — Qualquer reportagem só poderá ser aceita depois de examinado o respectivo texto e o material fotográfico. Caso o amigo tenha tudo pronto, pode mandar-nos para apreciação.

★ CREMILDA (Belo Horizonte) — O têrmo "balípodo" foi o neologismo que o sr. D'Archanchy criou para substituir o inglês "foot-ball", hoje aportuguesado para *futebol*. Não pegou, porém, uma vez que se trata de palavra de sabor erudito, com o que o povo não se habitua.

NESTE MÊS VAI SOFRER OUTRA VEZ?

Esta pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males sim, porque além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza.

Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier Nº 1 ou o Nº 2, conforme o seu caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o Nº 1 e o Nº 2 — de acôrdo com as naturezas diferentes dos males femininos. O Nº 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O Nº 2 se aplica na falta de regras, regras atrazadas, suspensas, diminuídas e suas conseqüências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.

a REVISTA há 50 anos

DOMINGO, 9 de Agosto de 1903

CHRONICA

JÁ tem novo Chefe a Egreja de Christo: desde terça-feira que está eleito o successor de Leão XIII e, desde terça-feira, que o mundo catholico — milhões e milhões d'almas que povoam a maior parte da terra — recebeu de Pio X a benção primeira, a primeira affirmação de que é elle o Summo Pontifice, continuador da obra de Pedro, o Pescador d'Almas, distribuidor da Justiça, executor da Lei, propagador da Verdade que Christo, em nome de Deus, andou prégando aos mortaes.

É esse o facto culminante da semana. Vêm depois numa enfiada numerosa, pequeninos assumptos, sem valor, insignificantes, cousas banaes da vida: dous delegados que brigam por causa de uma cadeira de theatro; linguas vorazes de incendios a lamber predios, destruindo-os; assaltos de gatunos; agressões, lutas, conflictos, ferimentos; invejas, intrigas, desanimos; nullos que se evidenciam, actividades que não logram compensação, meritos que não alcançam ser comprehendidos; dias de sol, claros, risonhos e dias de chuva melancolicos, tristes, nostalgicos; festas alegres, ruidosas e missas funebres por alma dos que desertaram do mundo; toda a vida, todas as nuanças da vida varia, contradictoria mesmo, passaram pelos sete dias, num atropello, numa confusão, enchendo-os todos, interessando a toda gente.

Uma semana, pois, que sem a elevação de Pio X ao throno da Fé, teria sido banalissima. Enfim, passou e todos os olhares se voltam para a outra, para a que chega, que promette uma nota sensacional na vida monotona do Rio de Janeiro: a batalha de Flores, no Parque da Republica. Lá andam carpinteiros a montar pavilhões elegantes, a construir bizarras barraças. Preparam jardineiros o jardim e, cá fóra, discutem-se ornatos para carros, para barquinhos, encommendam-se flores, fazem-se planos, erguem-se castellos. E, enquanto para uns os dias correm lentos, lerdos na espectativa da grande festa gentil e fidalga, outros acham curtissimo o prazo de hoje a sabbado proximo para a conclusão do que imaginaram, do que têm de realizar para concorrer á batalha em que as armas são das mais lindas, mais delicadas que mãos humanas podem manejar. Que chegue esse dia bemdito em que por algumas horas, contemplando um espectaculo novo, encantador e finissimo, poderemos esquecer a banalidade irritante desta vida confusa, varia, contradictoria, que ha muitos seculos é assim e não melhora...

JOSÉ VARIO

●

PARTINDO

A IDALINA

Em breve vaes partir — Escuta o canto —
Que é o Adeus de minh'alma soluçante
E em segredo te diz o terno amante
Coração, que por ti padece tanto.

E' a lagrima sentida do meu pranto,
Que o rosto vem banhar-me neste instante
E' ella talvez que tremula, hesitante,
Se esconda na pontinha do teu manto.

Guarda-a em teu seio que é tão casto e puro
Pois commigo talvez não a vejas mais,
E á tarde, quando o céo tornar-se escuro

E escutares na brisa sussurrante
Um gemido, um soluço, tristes ais
E' minh'alma que parte agonisante.

A. L. VIEIRA.

●

ROWING — O CAMPEONATO

● **Realiza-se hoje na enseada de Botafogo o grande campeonato annual. As regatas de hoje devem ter um brilho excepcional, tendo-se em vista a quantidade de premios que são offerecidos para este festival.**

A REVISTA DA SEMANA publica hoje os tres premios principaes, offerecidos um pelo Sr. presidente da Republica, outro pelo dr. Pereira Passos, prefeito municipal e o terceiro offerecido pela Federação Brasileira das Sociedades do Remo ao official de marinha patrão do escaler de marinheiros nacionaes, vencedor do 7º pareo.

●

EM VESPERAS DE ELEIÇÃO

— Mas, afinal de contas em quem vota você ?
— Eu ? Vóto-me d'aqui p'ra fóra



ANO LI ★ Nº 32 ★ 8-8-1953

SUMÁRIO

O «affaire» Última Hora 3/ 7
Mulheres reunidas 11/15
Ho-Chi-Minh e a rua das Marrecas 16/17
Quatro jornaleiros furam o mundo 20/21
Cristo vivo, reina! 27/31
De tenista a sorveteiro 36/37
Cem anos de dinheiro e crédito .. 51/55

Outro casto José 9
O lago da saudade (conto) 19
A Bem-Amada 22/23
Semana Literária 25
Elizabeth da Inglaterra 34/35
O Jubileu do Bota-Abaixo 56/57

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 10
Janela sôbre o mundo 32/33
De Rádio 44
De Cinema 45
Arabelle 49
De Teatro 50
Último Flash 58

A luz da psicanálise 18
Modelos esportivos 38/39
Timidez 40
Súgestões para o lar 40
Um pouco de beleza 41
Week-end na cozinha 42

CAPA: **Anita Eckberg** (Universal - International)

●

Diretor: GRATULIANO BRITO - Paginação VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA - Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

●

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 - Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia, Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS.

Porte simples — Um ano ... Cr$ 250,00
Seis meses .... Cr$ 125,00
Registrada — Um ano ...... Cr$ 280,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ...... Cr$ 400,00
Seis meses .... Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

OUTRO CASTO JOSÉ



EDMUNDO LYS

JOSÉ, êsse moço que pôs em circulação o falado caso das taradas, repete, em segunda mão, o caso do seu homônimo, José do Egito. Mas a explicação daquele incidente histórico foi dada em uma de nossas melhores páginas de humorismo. Foi João do Rio que escreveu certa vez, sôbre a resistência heróica do moço bíblico à mulher de Putifar: por que teria José se recusado à madame, deixando-lhe às mãos o manto, para ser denunciado e castigado? O psicólogo mundano chegava à conclusão de que a castidade de José se fundara em motivo muito simples e muito respeitável: a senhora Putifar era feia... Há feialdades assim.

O nosso José, inventor dessa fábula que a polícia — não Sherlock Holmes ou o Santo — mas a simples polícia, na pessoa de um decidido investigador, desmascarou, repetiu sem saber o mesmo conto, antes, nos deu uma variante do exemplo clássico: também veio para a rua grintando que fôra seduzido, que as moças elegantes do Buick prêto lhe haviam violentado... Apenas o José — que se chama também José — de Braz de Pina quis se vangloriar de alguma coisa, modernizando a velha fábula e parecendo bem. Afirmou, assim, que foi ameaçado de morte e que, em seguida, foi roubado, tendo sido deixado em cuecas, na ponte da ilha do Governador.

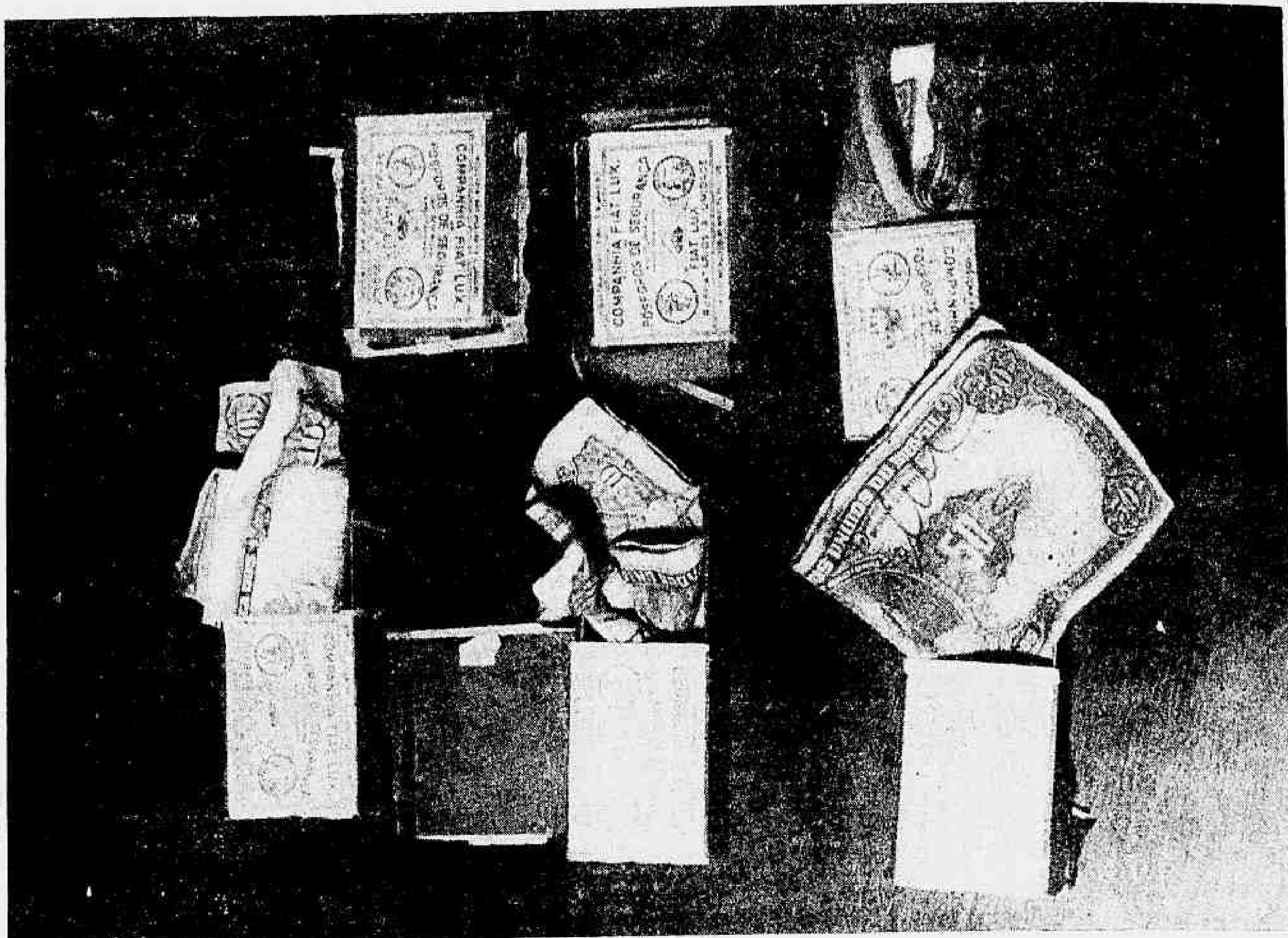
● Essa anedota policial foi desde logo considerada nas suas justas proporções. Seus elementos não chegavam a imitar um pobre «thrilling» de cinema, feita em Hollywood. José de Braz de Pina, no seu delírio fabulístico, esqueceu um elemento que ensinam abundantemente os autores de contos policiais — despresóu o claro-escuro. O seu caso era muito brilhante, muito escandaloso. E até quando a vida imita a arte não chega às puerilidades perpetradas pelo nosso José. Em vez de arranjar uma dama solitária, inconsolável, envôlta em véus, em busca de aventuras noturnas, lotou logo o Buick conversível: suas taradas eram quatro — quase que não sobrava lugar para êle. Exagêro! Como se sabe, as mulheres não andam sobrando assim no Rio... Além disso, José não se contentou em fazer taradas mulheres muito bonitas — e êsse foi outro engano seu: as mulheres bonitas, nesta cidade, não têm tempo nem de falar ao telefone, quanto mais para sair em caravana, pela noite, a catar jovens suburbanos que esperam ônibus para a casa, a horas mortas... Em vez de pôr à mãozinha enluvada de uma das suas taradas um plausível revòlverzinho de cabo de madre-pérola, o canhestro autor de novela radiofônica, armou de revólver e navalhas as imaginárias moças do imaginário Buick conversível... E José se esqueceu de que nem as Gigoletes, nem as fadistas usam mais navalha, arma que perdeu todo o contato com o mundo feminino, desde que as navalhas-de-segurança substituíram nos toucadores os incômodos depilatórios... Falasse êsse frustrado Hitchcock em um punhalzinho dourado, ainda seria possível — navalha, não! Até porque as moças se arriscavam a cortar as almofadas do Buick.

● José, o egípcio, foi mais discreto, só deixou o manto. O nosso, o de Braz de Pina, deixou tôda a roupa, ficou em trajes menores. Ridículo. Mas tudo faz crer que o rapazinho andou sonhando acordado. Certa vez, teria visto passar pela praça Saenz Pena, onde trabalha, um automóvel com louras e morenas, em intimidades com rapazes felizes, que os há. Começou a pensar em como a vida assim é melhor. Teve uma coisa. E saiu com essa história das taradas do Buick conversível — pois agora anda tudo muito tarado por aí. Inventou, sem prática alguma, nem de contos policiais, nem de aventuras com louras e morenas em automóveis: saiu aquilo... Aquilo que está mostrando que o nosso José de certo é um romântico solitário, de castidade forçada, exacerbado pelos encantos que a vida tem, com louras e morenas, fora de horas, num carro de luxo... No fundo, sua história é uma vingança — como já está em Freud.

Dorme, menino grande...

A SEMANA EM REVISTA





O DINHEIRO VOAVA — A vida não está sopa. Por isso o guarda nº 1 465, Alberto Dias do Nascimento, com ponto de serviço na Praia do Flamengo, cansado de multar para lucro da Inspetoria de Trânsito, resolveu colher para si mesmo. Propôs então aos motoristas de lotação em trânsito pela sua zona, a taxa de 50 cruzeiros todo sábado, como indulgências plenárias a qualquer infração. Dito e feito. Aos sábados, cada motorista de lotação que passava pela esquina de Silveira Martins com a Praia do Flamengo, mandava pelos ares uma caixa de fósforo com a «gratificação». Se os políticos têm uma «caixinha», por que o 1 465 não teria a sua também? Mas durou pouco a «caixinha». Surpreendido em flagrante pela denúncia de um amigo-da-onça, foi prêso o esperançoso Nascimento, que agora está maldizendo o dia em que nasceu essa idéia de receber dinheiro pelos ares... (Fotos O GLOBO)

A PERSONAGEM DA SEMANA



DEPOIS de seis dias de estada no Brasil, em visita ao Rio e S. Paulo, seguiu às sete horas da manhã de 28 de julho p. p., diretamente para a América do Norte, o sr. Milton Eisenhower, embaixador em missão especial do presidente dos EE. UU. para vários países sul-americanos. Viajou o representante pessoal do presidente Dwight Eisenhower, em companhia de sua senhora, D. Helen Elsie Eisenhower, trazendo uma comissão de técnicos em assuntos ligados à economia e à política da boa-vizinhança entre os Estados Unidos e esta parte do continente. O ilustre visitante é natural de Kansas, onde nasceu a 15 de setembro de 1889. Casou-se a 12 de outubro de 1927, de cujo consórcio tem dois filhos: Milton e Ruth. O sr. Eisenhower foi educado em sua terra natal, tendo-se bacharelado em Ciências, em 1924, possuindo também diplomas honorários de cinco Universidades norte-americanas. Foi Reitor de Universidades e é muito dedicado a estudos econômicos, especialmente sôbre o aproveitamento de terras. Em 1924, foi Vice-Cônsul dos Estados Unidos em Edinburgo, na Escócia. Durante sua estada no Brasil, visitou Volta Redonda, a Universidade Rural, vários Institutos de Cultura. Resta agora grande expectativa em tôrno dos resultados práticos de sua visita ao Brasil, perante o seu irmão, o presidente Eisenhower. Eis o importante.



O CASAMENTO DE ALFA — Ainda está fresquinha a tragédia que houve em Copacabana, quando o prof. José Corrêa Filho assassinou o comerciante Luís Augusto Ferreira, por causa de uma jovem chamada Alfa Carneiro Dias. O «pivot» do crime não pertencia, realmente, nem a um, nem a outro. O criminoso foi prêso e o outro, para o necrotério. E a moça? Estaria chorando a tragédia? Não. Estava tratando de casar-se com um terceiro. E foi o que sucedeu na semana que passou. Alfa compareceu perante o juiz Cyro Olympio da Matta, e, de véu e vestido de noiva, como nos casamentos religiosos, uniu-se civilmente aos destinos do seu eleito, Karl Franz Hermann Kieling, na sede do Clube Central, em Niterói, atraindo grande número de curiosos. Segundo consta, a Igreja Católica recusou o ato ritual por motivos de natureza impeditiva, canônicamente falando, é claro. (Foto O GLOBO)

Estas enfermeiras das Filipinas, em pleno Pacífico, viajaram 5 dias. Foi a 1ª delegação que chegou à Conferência.



MIL MULHERES REUNIDAS

E TUDO EM PAZ NO X CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENFERMAGEM ★ AS GRANDES FIGURAS ★ MUITA BISBILHOTICE ENTRE OS BROTINHOS E MUITO TRABALHO ★ GENTE DE TÔDAS AS RAÇAS

Reportagem de MENDES CAMPOS — **Fotos de ARNALDO VIEIRA**

MULHERES de 46 países participaram do X Congresso Internacional de Enfermagem. Mais de 1.000 representantes de associações de todos os cantos do mundo, inclusive da China, Coréia, Austrália, União Sul Africana e outros países longínquos, discutiram magníficas teses de enfermagem obstétrica, tubérculo e pediátrica, algumas à base de impressionante documentação. O certame foi promovido pelo Conselho Internacional de Enfermeiras, cuja presidente, senhora Gerda Hojer, da Suécia, foi eleita em 1947, na reunião de Atlantic City, nos Estados Unidos. Desde 1901 são realizadas conferências internacionais de enfermeiras, buscando aperfeiçoamentos e melhorias para a profissão tão diginificada por Florence Nightingal, cuja grande discípula, no Brasil, foi Ana Nery. As congressistas, inicialmente, estiveram três dias em visita à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

O X Congresso teve lugar em «Quitandinha» e a êle compareceram as figuras mais representativas do país. Não foi uma

MIL MULHERES REUNIDAS



Representantes do Haiti e da África do Sul, irmanados pelo mesme ideal: ser útil ao próximo, sem distinção racial ou religiosa.





Senhora Inoue, membro da Dieta do Japão, autora de uma das teses aprovadas. Viajou dez dias de avião para chegar ao Rio de Janeiro.

Líder das enfermeiras do sul dos Estados Unidos. Sua tese sôbre tratamento da paralisia infantil foi aprovada sob grande aclamação.

Representantes da União Sul Africana ao conclave. Ao lado, uma das duas enfermeiras enviadas pela longínqua e martirizada Coréia.

Enfermeiras finlandesas, com suas roupas nacionais, encheram de alegria a grande convenção. A Finlândia enviou sete representantes.





MIL MULHERES REUNIDAS



Mais de mil mulheres de todos os continentes participaram do Décimo Congresso Internacional de Enfermagem, em Quitandinha. Foram lidas cêrca de seiscentas teses, e diversos trabalhos de interêsse internacional foram aprovados, sendo de destacar os trabalhos de moléstias tropicais.

simples reunião de mulheres. Houve trabalho em excesso e, além do natural congraçamento entre enfermeiras de todo o universo, de várias raças, brancas, negras, amarelas, muitas religiões, as teses despertaram vivo interêsse.

AS GRANDES FIGURAS

Entre as ilustres delegadas de outros países, estavam: Miss Gerda Hojer, da Suécia; Miss Mary I. Lambie, da Nova Zelândia; Miss Katherine J. Densford, dos Estados Unidos; Miss Grace M. Fairley, do Canadá, Miss G. E. Davies, da Grã-Bretanha; Miss Marjorie J., dirigentes do Conselho Internacional de Enfermeiras. Reconhecido pela Organização Mundial de Saúde, como órgão consultor de enfermagem, o I. C. N. é uma associação-membro da Federação Mundial de Higiene Mental e da Federação Internacional de Hospitais. Foi fundado em 1899, pela sra. Bedford Fenwick, da Inglaterra, em cooperação com enfermeiras de todo o mundo e é a mais antiga associação internacional da classe de mulheres.

Mais de 600 teses foram apresentadas dentro do seguinte temário: o trabalho do Conselho Internacional de Enfermeiras; a Organização Mundial de Saúde e a Enfermagem; Novas tendências no currículo de escolas de enfermagem; Ensino e supervisão de pessoal auxiliar; Novas tendências na terapêutica; Padrões aceitáveis de enfermagem obstétrica; pediátrica; em tuberculose e em Saúde Pública.

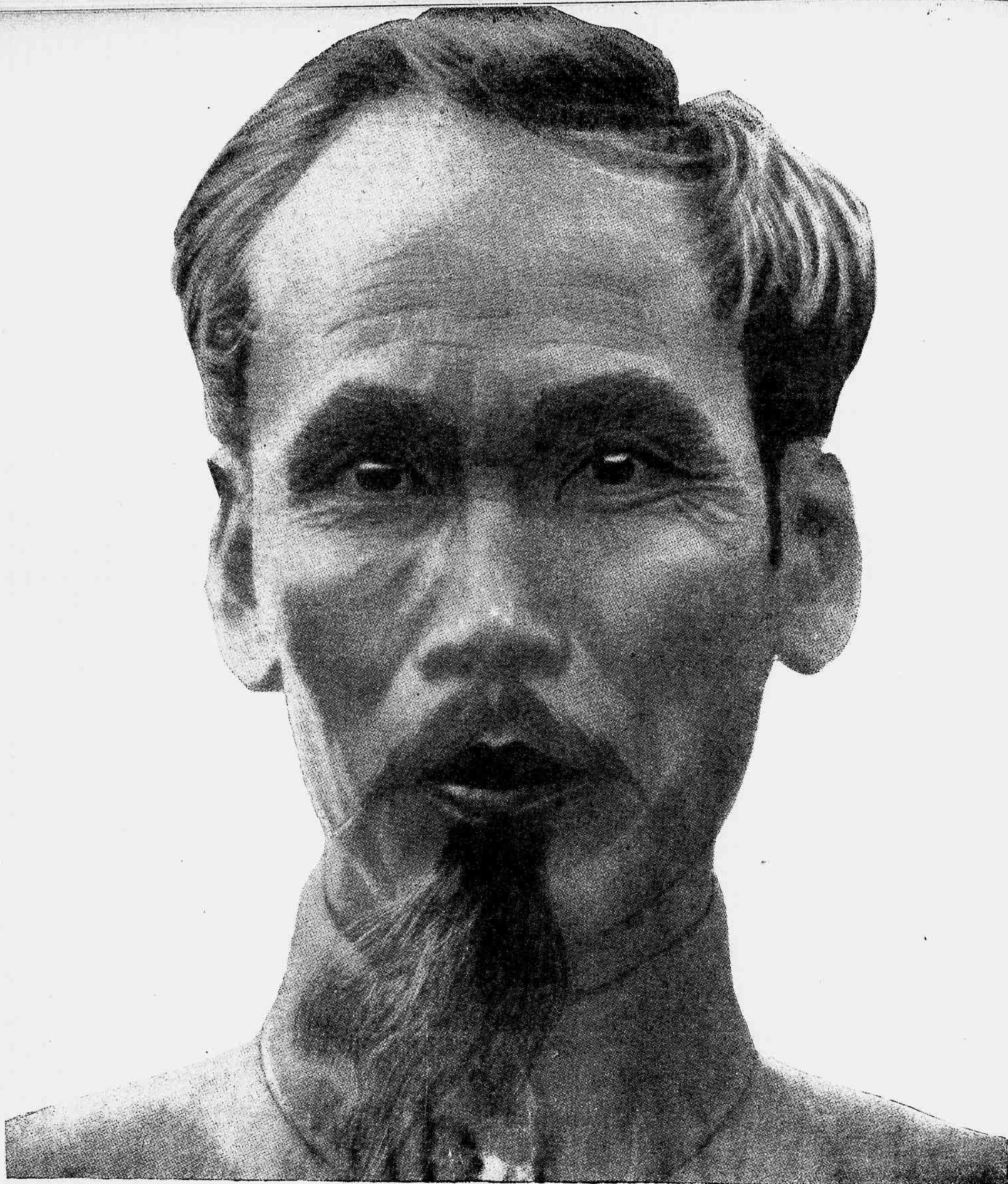
PITORESCO

Fácil é avaliar o que ocorreu em matéria de bisbilhotice, entre mil mulheres, 50 % jovens, com menos de 25 anos...

Os chamados «brotinhos» brilharam pela graça natural da idade e, também, pelo trabalho intelectual.

Moças de todos os Estados do Brasil participaram do Congresso de Enfermagem, já realizado duas vêzes na Alemanha, Estados Unidos, Inglaterra, Dinamarca, Finlândia, França e o último em Estocolmo, na Suécia.

As moças da Coréia, ao lado de suas companheiras da Inglaterra e da União Sul Africana, sem preconceitos raciais, eram vistas em grupos alegres, enquanto as enfermeiras brasileiras, a maioria do Rio e São Paulo, procuravam atendê-las nos mais esquisitos pedidos de informações. Uma jovem da Síria, por exemplo, manifestou vontade de comer quibe num restaurante árabe. Uma moça da India quis comer «Madras Curry», prato nacional da pátria de Ghandi. Depois, passeios em busca de «souvenirs», geralmente, os mesmos objetos fabricados há 30 anos, enfeites com asas de borboletas... Mas tudo era lembrança e as enfermeiras do mundo inteiro, em grupos testivos, com suas roupas típicas, encheram de alegria as ruas de Petrópolis, transformado em Liga de Nações, com representantes de 46 países...



HO-CHI-MINH E A RUA DAS MARRECAS

O CHEFE DOS GUERRILHEIROS DA INDO-CHINA, ENTRE DUAS REFREGAS, SE RECORDA COM SAUDADES DOS SEUS DESPREOCUPADOS PASSEIOS NA CIDADE MARAVILHOSA ★ CONFIDÊNCIAS NAS MARGENS DO RIO MOSCOVA ★ A HISTÓRIA DE UM VOTO DE CASTIDADE DE UM MONGE BUDISTA

Por **EURÍPEDES Y. QUEIJÓ**

QUEM não conhece êsses bate-papos nos quais tudo é julgado em tom categórico, desde a teoria da relatividade à legislação do petróleo do Peru, e da política de Foster Dulles às pinturas de Portinari? Num dêles, estávamos prevendo a próxima queda da capital de Laos nas mãos de Viet-Minh, e prestes a nos perder num debate da situação da Indo-China, quando ouvi alguém ao meu lado dizer:

— «Ho-Chi-Minh? Vocês sabem quem é êsse camarada? Já estêve no Brasil!»

Um silêncio, um pouco cético, caiu sôbre o pequeno grupo, já então sentado num terraço da av. Atlântica.

— Foi êle próprio quem me contou, — numa conversa que tivemos em Moscou — prosseguiu o nosso companheiro.

Inegàvelmente o homem criou um certo mal-estar nos circunstantes. Ou êle contava vantagens baratas, ou teria vindo diretamente do Cominform, onde pròvàvelmente confabulara com os caudilhos asiáticos, sôbre o melhor modo de acabar com a civilização cristã e ocidental... — raciocinei.

Não foi, porém, nem uma coisa nem outra.

O nosso homem, aliás brasileiro, não vinha de tão maligna companhia. Há 15 anos que não deixa esta terra e como confirmam seus amigos, há vinte que leva uma vida de cidadão pacato, que só briga com o imposto de renda e com os preços da COFAP. Mas não se pode negar que, nos dias eufóricos de sua juventude como muitos outros cidadãos respeitáveis — foi arrastado pelas esperanças de um mundo melhor, organizado conforme os princípios científicos de Lenine e Trotzky. Como milhares de outros jovens dos cinco continentes, dirigiu-se a Moscou, a Meca da revolução comunista, lá chegando em 1923.

Acolhido com muitas honras e demonstrações de solidariedade internacional, recebeu um quarto onde teve a companhia de um camarada com traços evidentemente mongóis. O companheiro que lhe deram Ho-Chi-Minh seria mais tarde o líder dos comunistas da Indo-China, exatamente aquêles que hoje combatem os franceses de armas na mão. Naquela época usava o nome de Nguyen Ai Quoc e como tal, era conhecido no QG da revolução mundial. E o depoente continuou:

— «Não posso afirmar que tenha sido uma companhia desagradável. Era um jovem inteligente e modesto, que falava um francês admirável. Tivera uma boa educação. Era culto e conhecia a natureza humana. Lia e estudava muito. Passava noites em claro, matutando sôbre os problemas da mais alta estrategia política. Um dos seus divertimentos era cozinhar, o que fazia muito bem. Seu prato predileto era peixe com arroz. Assim, não me foi difícil acostumar-me ao seu paladar. De físico era extremamente feio, e por isso tinha pouca sorte no amor. Uma série de «paixonites» não correspondidas, marcaram a sua estada em Moscou».

— «Uma noite fomos convidados para um banquete, oferecido por funcionários do «Socorro Operário Internacional», a Meshrapom, dirigido pelo conhecido agitador alemão Willy Muenzenberg. Comeu-se caviar e bebeu-se vodka à vontade. Lá pela meia-noite a festa degenerara numa autêntica orgia russa. Eu apreciava — não sei mais com que sentimentos — a dança de uma moça seminua sôbre uma mesa, quando senti que uma mão tocava no meu ombro. Era Ho-Chi-Minh. «Vamos embora daqui, dizia-me, êsse pessoal está ficando corrompido e aburguesado.»

— «Descemos uma escada estreita e enfrentamos o frio inverno moscovita. Sem trocar palavra, atravessamos as mal iluminadas ruas da «Cidade Chinesa» e chegamos às margens do rio Moscova. De repente Ho-Chi-Minh começou a falar. Não sei se pelo espetáculo de há pouco, ou por que cargas dágua, o fato é que pela primeira vez eu o ouvi falar da vida dêle.»

«Após relembrar passagens do seu país, disse-me: — conheço a tua terra. Passei por lá várias vêzes e ainda sinto saudades dela. Foi lá que perdi a minha inocência, — ajuntou.»

Ho-Chi-Minh, quando moço, pensou tornar-se monge budista. Entrou para um convento na sua terra, no Anam, e fêz voto de castidade. A boa intenção, entretanto, não vingou. Seu espírito arguto observou que os velhos monges levavam uma vida dupla, contrária aos ensinamentos dos antigos sábios, e isso minou o seu credo. Do alto do mosteiro onde se encontrava, podia observar a vida no pôrto próximo e a ida e vinda de estranhos navios, que se dirigiam a um mundo desconhecido. Isso começou a fascinar o jovem. A idéia da fuga germinou ràpidamente no cérebro de Ho-Chi-Minh. Um dia realizou-a, aceitando o lugar de foguista num barco que se dirigia à França. Lá não ficou. Seu irriquieto temperamento fê-lo procurar outro navio. Desta vez para a América do Sul. Chegou ao Rio pela primeira vez em 1913.

«O exótico indo-chinês, à medida que relembrava os fatos, animava-se e pisava mais forte a neve de Moscou. Fazia um frio de rachar. Cada palavra nossa vinha acompanhada de um bafo de ar quente, que se congelava na atmosfera. Mas o entusiasmo com que descrevia as noites tropicais e o meu tão bem conhecido Rio de Janeiro, parecia derreter o gêlo em tôrno de nós. Gostara de tudo, da paisagem da cidade, da tolerância e da hospitalidade dos seus habitantes, das quietas águas da baía de Guanabara, enfim, de tudo o que por aqui vira. Não aprendera, porém, a falar o português. Não precisava disso para se defender. Mas se lembrava do nome de uma rua, — a rua das Marrecas. Lá rompera com as ascéticas tradições da sua educação budista. E, parece, um acontecimento dêsses não se esquece tão fàcilmente...»

«Ho-Chi-Minh não demorou muito tempo nessa primeira visita. Ficou apenas enquanto o seu navio estadiava no pôrto. Mas não foi essa a única vez que aqui estêve. Sempre que possível arranjava um navio e, pronto, lá estava êle entre os cariocas. Depois acabou-se a alegre vida de marinheiro. O foguista tornou-se revolucionário profissional a serviço do Kremlin. Fêz a sua escola em Moscou e desapareceu do cenário.»

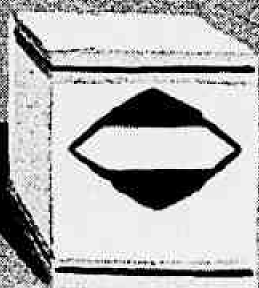
«Surgiu, de novo, depois da Segunda Guerra Mundial, liderando um exército de guerrilheiros numa guerra implacável contra a França. Mas, de certo modo, levou consigo a rua das Marrecas para a selva da Indo-China. E, agora entre duas batalhas, talvez se lembre com saudades, dos seus passeios pela Cidade Maravilhosa.

Estava terminada a entrevista



Irradiando mocidade e beleza





PROTEJA

A SUA CÚTIS

COM

ANTISARDINA

O CREME CIENTÍFICO

ANTISARDINA renova as células da **epiderme, protege** as células novas, **restitui à pele cansada,** ou **prematuramente envelhecida,** sua normal **elasticidade, limpando-a** de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. **ANTISARDINA é um** creme de beleza **CIENTIFICAMENTE** preparado com **ingredientes rigorosamente** selecionados.



CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● MARIA HELENA (Santos)

2º SONHO — Havia festa em casa, embora eu não soubesse quem era o aniversariante. Quis ajudar minha irmã, mas ela me repeliu bruscamente. Lá estava minha avó, falecida há muito tempo, enfeitada, bonita e cheia de jóias. Falei-lhe : — A senhora não mudou nada. Há tanto tempo não nos vemos ! — Nesse instante, minha sobrinha sentou-se no piano e começou a tocar alegremente. Minha irmã interrompeu-a para dizer que não tocasse alto, em virtude da morte de um primo, porém, para que ela não ficasse impressionada, pois é muito criança, disse baixinho : — Não toque alto porque estou com dor de cabeça.

INTERPRETAÇÃO — Entre a superconsciência (havia festa em casa) a consciência e a subconsciência (avó falecida) há uma disparidade de sentimentos e reflexões em choque (. . . ela me repeliu enèrgicamente) talvez em vista da falta de convicções em seus princípios e crenças (oferecer seus préstimos a sua irmã). Você gostaria de coordenar sua vida social com os princípios religiosos que acata (menina ao piano) e, de vez em quando, se maldiz (morte do primo) e deseja mesmo ver-se livre de tais preconceitos (ardil de que se valeu sua irmã) para viver conforme lhe dita o coração.

● L. O. (Rio)

SONHO — Limpando uma casa que era minha, mas diferente daquela em que moro, arrumando gavetas, roupas de crianças, jarras, etc. como se estivesse esperando visitas, ouvi : — Você vai escutar agora . . . Voltei-me : sala escura, mesa redonda; num dos ângulos estava uma irmã em transe, com os olhos fechados . . . Do teto, descia sôbre ela um grande foco de luz. Fiz-lhe algumas perguntas, que ela respondeu sempre de modo favorável.

INTERPRETAÇÃO — É um gesto bastante recomendável e de grande significação para o seu futuro, a **limpeza** que você faz em seus sentimentos (sua casa) e muito louvável a ordem que procura dar às suas idéias (arrumar gavetas). Depois que conseguir harmonizar seu Eu com os fatos que a rodeiam, você estará apta (irmã em transe) a ouvir a **voz** de sua própria consciência, fazendo **luz** nas suas dúvidas e incertezas (olhos fechados). Então, poderá receber **resposta favorável** aos seus pedidos e anseios.

● CAMPINENSE (Campina Grande) — Paraíba

SONHO — Ao entrar no colégio em que estudo, um rapaz meu colega, a quem amei apaixonadamente, veio ao meu encontro e disse : — Mamãe manda convidá-la para um lanche em nossa casa. Fiquei muito comovida e agradeci. Imediatamente, vi-me conversando com alguém e repetindo sem sentir : — Sei que é seu aniversário, por isso não irei; porque, êle não foi ao aniversário de mamãe. Comprarei um presente e mandarei a êle.

INTERPRETAÇÃO — Seu sonho é um reflexo singelo das pequenas futilidades da vida quotidiana, em que estas represálias são tão comuns e banais. Você que me diz **adorar** ainda aquêle rapaz, vendo-se desprezada e, talvez por isso mesmo, mantendo vivo desejo de reatar o namôro (convite que êle lhe fêz) deve arquitetar em seu cérebro certos pensamentos de vingança, como uma desforra do seu amor não retribuido. Daí o seu sonho, tão pequeno e tão simples. Se eu estivesse, porém, fazendo um estudo grafológico, muita coisa teria a escrever ! Por exemplo: para **decifrar** o seu pseudônimo, foi preciso valer-me de um sinal táquigráfico que você pôs ao lado de sua assinatura. Campinense, você ainda é uma garôta de colégio e já tem uma letra indecifrável e **enrolada,** ocultando sob disfarces sua verdadeira natureza. Como não será quando fôr adulta ? Então, você **camuflará** seu Eu como os camaleões que mudam de côr conforme o ambiente. Escreva mais claro, faça menos **arabescos** e **rococós** na sua letra, para ser melhor compreendida. Não foi por falta de compreensão que vocês brigaram ?

● MARIA HELENA (Santos)

1º SONHO — Meu noivo não mais queria se casar comigo. Fizemos um trato : êle dormiria comigo a primeira noite e depois eu passaria a viver com um colega, com quem nunca tive qualquer pretensão de namôro. Êsse meu colega propôs-se a passear comigo por tôda a repartição, o que foi feito. Notei que meu colega estava muito feliz, embora, apesar de tudo, eu estivesse muito calma.

INTERPRETAÇÃO — Os sonhos são o eco dos gritos que gostaríamos de poder dar e que sufocamos no subconsciente. Na eterna e ininterrupta luta que travamos, constantemente, em nosso íntimo, os conflitos surgem a cada momento e nós nos interrogamos se, na realidade, desejamos praticar tal ou qual ato pré-determinado por nós mesmos. Não raro, a dúvida nos atormenta, nos deixa indecisos e sem vontade própria. Você deve se **enquadrar** perfeitamente dentro dêstes conceitos (seu noivo não iria mais casar com você); porém refreia seu desenfreado [illegible] (passear com seu colega), chama-o à realidade das coisas (dormir uma noite só com seu noivo) mas, não tendo uma certeza absoluta do que deseja (felicidade que emprestava ao outro), vive borboleteando de pensamento em pensamento. Noto que você não envida esforços para se conhecer melhor (passear pelas salas da repartição) e, sem esta minúcia, talvez (alternativa entre o noivo e o colega) venha mais tarde a sentir-se algo desgostosa, (. . . apesar de tudo achava-me calma) e julga ser êste estado o caminho para a sua felicidade (notei que êle estava feliz)

O Lago da Saudade

Conto de NEGE ALÉM

Ilustração de ORVAL

ERA bem cedo. Mal despontara o dia, um automóvel parou ao lado da estrada. Um homem alto, moreno, ombros largos, de seus trinta anos, rosto fechado, desceu do carro, devagar, olhando para os lados, como que se orientando. Deu alguns passos em frente, parou, olhou e voltou-se à direita, onde havia uma picada estreita e sinuosa, que se alongava pelo bosque.

— Volto já, disse êle à mulher que ficara no carro.

Meteu-se por ali a dentro, desvencilhando-se dos galhos secos e encarquilhados que lhe iam dificultando a passagem. A relva estava úmida de rocio, e mal se divisava o céu sôbre a espêssa ramagem verde. Andou um bom bocado. À medida que avançava, percebia cada vez mais distintos os rumores de água. Não tardou em achar-se à frente do lago. Acima, o rio descia contrangido entre seu leito de pedras, e parte das águas vinha desviar-se, um pouco abaixo, por pequeno canal, alagando-se. Mais ao fundo, ela já descia veloz, aproveitando a declividade do terreno. À esquerda um trilho ia ter a uma fazenda, pouco além.

O homem parou, sentou-se numa pedra sob antiga paineira, e lançou o olhar ao longe, até onde se descobria o horizonte; depois, lentamente os veio baixando e fixou-os no lago. As águas agitavam-se trêmulamente com a aragem, retratando um céu sulcado de fitas avermelhadas. Parecia ver também desenhar-se na água a figura de sua Rosana, e a saudade suave se lhe ergueu do coração, naquele momento, diante de lugares tão conhecidos e saudosos. A imaginação de quem sofre não tem folgar, e nem se limita ao presente. E então galopou pela estrada de seu passado.

— Que foi feito de Rosana! exclamou êle. Dez anos passados, dez séculos sofridos!

★

Rosana era a nova professôra da fazenda «São Geraldo», no interior de Minas, pertencente ao sr. Guilherme dos Santos. Êste, notando o aumento da população de sua propriedade rural, mandou construir um prédio para a escola. Entretanto, tudo terminado, não lhe foi fácil conseguir uma professôra, mesmo tendo oferecido bom ordenado. Nenhuma trocava o confôrto da cidade por uns oitocentos cruzeiros e isolamento na roça.

Era em janeiro. O sr. Guilherme, depois de muito pelejar inùtilmente por avisos e correspondências, resolveu êle mesmo ir a outra cidade mais próxima procurá-la. Só lhe interessava que a escola funcionasse, mesmo à custa de algum sacrifício. Ter escola na fazenda era o seu ideal. Mandou preparar um bom quarto em casa, que destinou à nova mestra, e partiu. Seu filho caçula, de vinte anos, que se achava em férias, noivo da filha única de um ricaço industrial de São Paulo, acompanhou-o.

Depois de muito indagarem, souberam que ali chegara havia pouco uma jovem normalista e talvez se interessasse pela oferta. Meia hora mais tarde batiam-lhe à porta da casa. Não tardou que uma jovem de olhos negros, bem vistosa, aparecesse, cumprimentando-os gentilmente. O filho do fazendeiro sentiu-se extático diante daquela invulgar beleza. Não lhe tirou os olhos de cima; ficou a observá-la, quieto, enquanto seu pai lhe fazia o convite. O velho o apresentou:

— Meu filho Fernando. — Entraram, e ela explicou:

— Há um mês estou aqui; vim para lecionar no grupo escolar, mas terei de esperar um pouco, porque atualmente não há nenhuma vaga, disse ela.

— Como lhe disse, é para a escola de minha fazenda. Espero que aceite; seu ordenado será superior ao que lhe pagarem aqui, terá seu quarto... aliás, o quarto já está arrumado, disse sr. Guilherme sorrindo, e lançando o olhar ao filho a seu lado. Seus pais estão em casa?

— Não, senhor. Estou na casa de meus tios, e infelizmente saíram. Meus pais moram em Guaxupé.

— Você pode, antes de aceitar, visitar-nos. Se gostar... É aqui perto; veja o endereço. Posso esperá-la?

— Sim.

— Fernando, ao lado, nada dizia. Conservara-se em silêncio, com os olhos presos, como que por feitiço, à professôra, enamorado, completamente enamorado. Podia ter ela dezoito anos; pouco mais nova que êle. Durante a conversa, notou Fernando que nem uma vez aos lábios dela assomou um sorriso. Simplesmente falava sério, mal deixando aparecer duas fileiras de dentes alvos e perfeitos.

Despediram-se. Ela prometeu no próximo domingo visitá-lo.

O fazendeiro deu alguns passos, e voltou-se ligeiro à professôra, que ainda se conservava à porta meio aberta.

— Ia-me esquecendo; qual o seu nome?

— Rosana Maria.

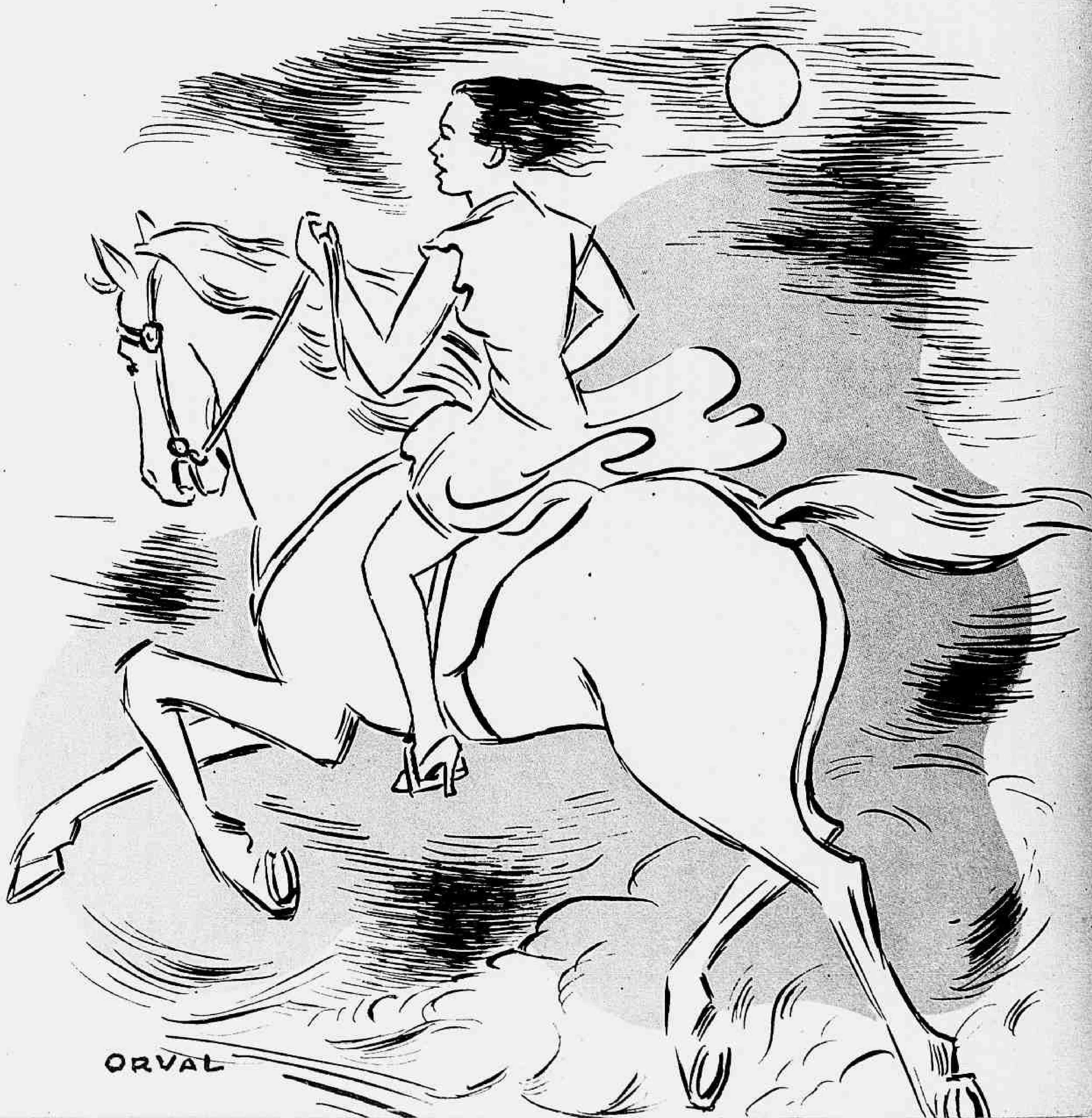
— Rosana! Belo nome! pensou Fernando.

★

Aquela noite, na fazenda, a família reunida em tôrno da mesa, na varanda, só falava em Rosana, e na boa impressão que ela causara ao sr. Guilherme. Fernando nada comentou, apenas concordava em tudo com o pai.

Era bem tarde quando se recolheram a seus aposentos. Fernando uma vez só, sentou-se ao pé da cama, e principiou a reconstruir tudo o que se passara naquele dia, desde o momento em que Rosana apareceu à porta para atendê-los. Ali, deteve o pensamento, e foi recompondo os seus gestos, a sua conversa séria, os seus olhos, o seu porte divinal. Pouco depois se levantou e foi à janela. A fazenda tôda dormia. A lua batia de chapa no terreiro. Fernando ali se deixou ficar, cismando. Agora, seu pensamento esbarrou em sua noiva, Regina; o compromisso que fizera de desposá-la cortou-lhe, sùbitamente, as asas do sonho em que deixara embalar-se. Meteu-se na cama.

Rosana visitou a fazenda, em companhia do tio, conforme prometera; apenas se atrasara um pouco; chegou ao fim da tarde, de automóvel, e teve de regressar uma hora depois, porque seu tio precisava resolver alguns negócios urgentes, ainda naquele dia. Fernando estava na cidade, e não a viu; esperou-a na **(Cont. na pág. 44)**





«Assim ganho a vida em Ohio, vendendo jornais para custear os meus estudos no «St. Charles High School», diz Jimmy Hollern.

Quatro jornaleiros furam o mundo...

PRESENÇA DE WINKS, HOLLERN, DOLDER E WELCH NO BRASIL ★ COMENDO PIPOCAS NO "PÃO DE AÇÚCAR" ★ JERRY E SUAS SEIS GARÔTAS ★ JIMMY DURANTE E O SEU "OBRIGADO" ★ ÁGUA TÔNICA É CERVEJA VELHA...

Reportagem de **MÁRIO MORÉL**

OS jornais americanos «Dispatch» e «Ohio State», da cidade de Columbus, Estado de Ohio, resolveram estimular os seus vendedores. Constituíram um prêmio de viagem fora dos Estados Unidos para os jornaleiros que conseguissem maior número de assinaturas.

Desde 1950 que estas excursões vêm sendo realizadas. A primeira constou de uma visita à capital do México. Depois uma viagem à Africa, em 1951. A seguir houve uma semana em Pôrto Rico, um mês no Canadá e, agora, êste giro pelas Américas.

Os quatro jornaleiros fizeram 450 assinaturas cada um e ganham, em média, um dólar e meio por dia. Seus nomes são: Jerry Welch, que está estudando em «St. Charles High School», tem 17 anos e pretende ser advogado. Vende o jornal «Ohio State». Já foi ao Lago Erie, visitou Chicago e passou 30 dias, juntamente, com seus três colegas, no Canadá, México e costa Este, dos Estados Unidos. É o galã do grupo e diz, com orgulho, que possui seis garôtas na sua cidade. Teve um problema ao comprar lembranças para as suas pequenas. Seis objetos seriam muito caro... Resolveu levar um e dá-lo à primeira que aparecer.

— Possìvelmente será a Margaret, que é muito viva... — disse-me Welch.

Dick Winks tem 18 anos, e é o mais velho. Êste jovem é considerado um dos mais viajados, na sua idade, em todo os Estados Unidos. Fêz tôdas as viagens-prêmio estabelecidas pelos dois jornais de Columbus e, ainda, a volta ao mundo, em avião, em 1950. É um guapo rapaz e a sua principal diversão é tirar retratos coloridos e filmes. Faz exposições fotográficas nas universidades e escolas, no Estado de Ohio. Êste ano pretende entrar para a «Ohio State University», em Columbus. Dick deseja ser médico.

Jimmy Hollern, por sua vez, vende jornais desde 12 anos. Tem, atualmente, 14. Está fazendo o seu curso em «St. Charles High School». No ano passado ganhou o concurso anual do «Dispatch» e passou 30 dias no Canadá, México e costa Este dos Estados Unidos. Está entusiasmado com tudo que vê e, como os seus companheiros, tira fotografias. Tenciona ser engenheiro.

Bill Dolder é o mais alegre. Tem 16 anos e parece ter menos. Estuda em «Holly Rosary High School». Está sempre pronto a uma explicação e é o mais conversado. Usa, a tiracolo, a máquina, porém, raramente a utiliza. Prefere observar e perguntar. Espera ser repórter.

Os seus esportes preferidos são «baseball», «basketball» e natação. Êstes rapazes que visitaram o Brasil, deviam servir de exemplo à mocidade brasileira. Todos estudam e trabalham. Tiram boas notas no colégio e são o orgulho de suas famílias.

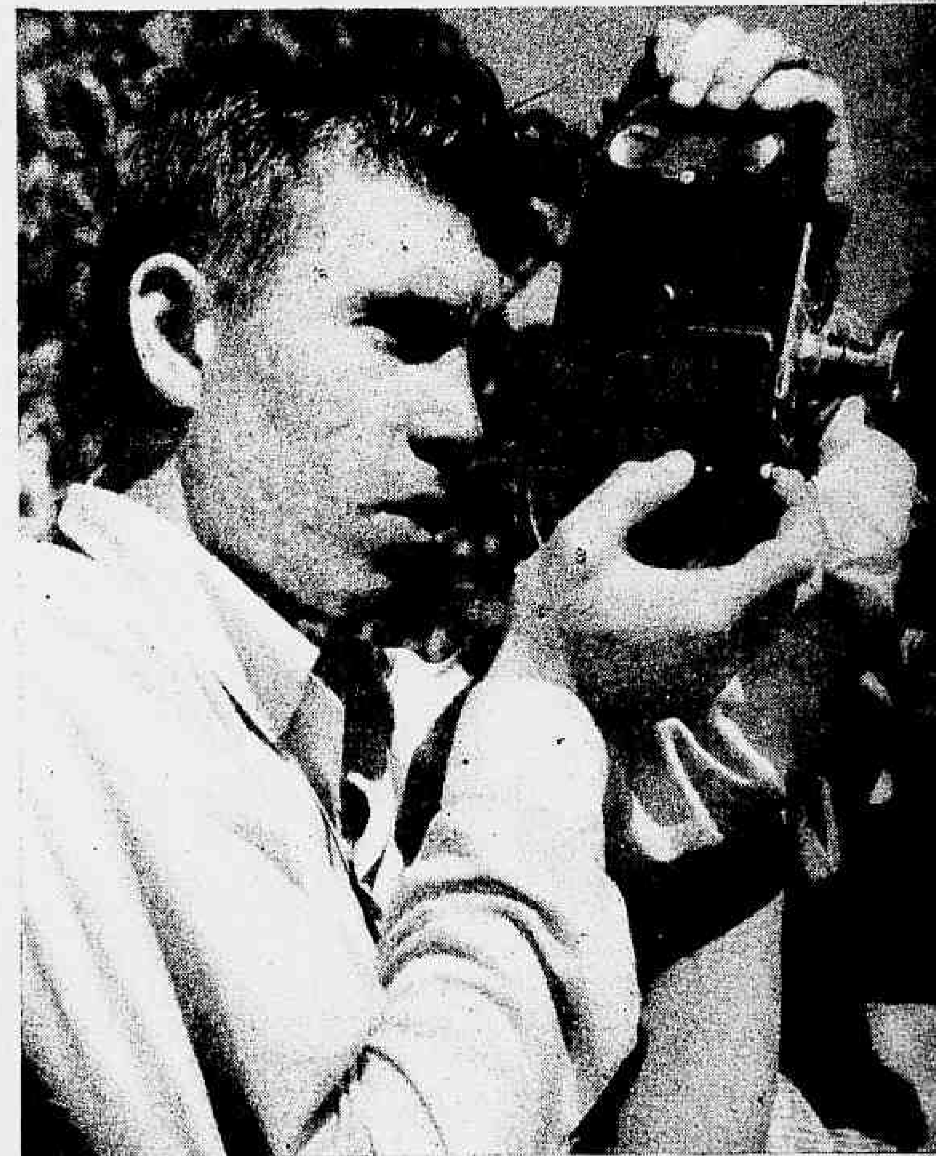
Com os quatro jornaleiros vieram um jornalista e um fotógrafo, fazendo a cobertura. Johnny Jones é o jornalista, um dos mais populares no seu Estado. Escreve uma crônica diária no «Dispatch». É muito conhecido pelas conferências que faz sôbre viagens. É a primeira vez que vem ao Brasil e tem como missão, além da cobertura, fazer observações sôbre a vida do povo sul-americano. É autor do livro «Now Let Me Tell You...».

Gordon Kuster, o fotógrafo, é considerado um dos bons especialistas em fotografias e filmes em côres. Cita-se, como um dos seus principais trabalhos, a reportagem que fêz na Africa. Já gastou mais de 6.000 pés de filmes na atual excursão.

(Cont. na pág. 44)



Bill Dolder, com 16 anos, o mais conversador e o maior comedor de pipocas do mundo. Quer ser repórter do «Life», de N. York.



Dick Winks, considerado o jovem mais viajado nos Estados Unidos, na sua tenra idade. Já fêz a volta ao mundo, em avião.



As garôtas cariocas cercaram os jornaleiros americanos e pediram autógrafos. Êles partiram e ficaram quatro namoradas apaixonadas...



Jerry Welch, com 17 anos, já estêve no Canadá e no México. Tem 6 garôtas em Ohio e comprou um só presente. Como é que vai ser?



A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY **Tradução de RENATO DE ALENCAR**

NÃO era, de modo algum, uma excursão perdida para aquêle homem de coração flutuante, mesmo que o êxito inicial significasse para êle, no transcurso dos sucessos, algo pior do que o fracasso inicial. Até então nada havia de extraordinário na docilidade da jovem. Vestindo-se Pierston à última moda, e à luz da lua, tinha muito bom aspecto.

Seus conhecimentos artísticos e seus modos de homem muito viajado, não exigiam mais atrativos para uma jovem que, por um lado, pertencia à culta classe média, e, por outro, aos rudes e simples habitantes da ilha. Suas afeições e simpatias intensamente modernas estavam realçadas por pontos de vista peculiares e locais.

Pierston havia considerado com excessivo egoísmo seu interêsse por ela, motivado pelas velhas e patéticas memórias que haviam engendrado o seu amor, infundindo-lhe o mais terno, anelante e protetor afeto como jamais sentira. Seguramente contribuia para isto, e em demasiada proporção, o juvenil fervor que caracterizou semelhante afeto, quando ainda era loução o seu rosto e ligeiro os seus pés, como os daquela jovem; porém, se tudo isto eram sentimentos da juventude, ainda havia mais.

A mãe de Avícia, temerosa de ser franca, para que não parecesse que cobiçava a fortuna de Pierston, via naquele episódio uma compensação do destino em favor de Pierston, tão mal sucedido nas duas gerações anteriores, em relação às anteriores Avícias. Aquela facilidade carinhosa era como que um prêmio ao desventurado escultor, naqueles últimos quarenta anos. O tempo não a havia feito egoísta, mas apenas amortecido as suas ambições; e, se bem que seu desejo de casar a filha não envolvesse o propósito de enriquecê-la, a convicção que ela alimentava de que Avícia seria muito mais rica do que pudera imaginar, se viesse a unir-se ao escultor, levou-a a consentir no amor de Pierston.

Ao mirar-se ao espelho na manhã seguinte, Pierston não se julgou assim tão velho. Aparentava muito menos idade do que realmente tinha. Mas levava escrita no rosto tôda a sua história.

Sua face já não era aquela página em branco de outros tempos. Conhecia êle a origem da ruga em seu rosto. Passadas atribulações a traçaram um ou dois meses atrás. Recordava a aparição daqueles fios de prata em seus cabelos, trazidos pela enfermidade sofrida em Roma, quando, tôdas as noites, tanto desejava não mais despertar.

Aquêle feixe de ruguinhas, ao lado dos olhos, era o efeito daqueles meses de abatimento, quando tudo parecia conspirar contra sua arte, seu vigor e sua felicidade.

Então êle dizia a si mesmo: «Jocelyn, não podes viver e, ao mesmo tempo, reter a vida». O tempo lutava contra êle e contra o amor, e provàvelmente o tempo venceria.

Continuava a dizer a si mesmo, como se, na realidade, fôsse desditoso: «Quando me separei da primeira Avícia, tive o pressentimento de que algum dia sentiria arrependimento e muito sofreria. Estou penando e penei desde aquêle momento, desde que aquela idéia escravizadora de um ideal inatingível me jugiu à forma de uma só imagem».

Por fim, não desejava continuar naquela idéia, pois sabia ser loucura temerária, insistir na mesma.

CAPÍTULO XXVI

A aparição de Somers, o velho e íntimo amigo de Pierston, em companhia da espôsa e filhas, na Esplanada de Budmouth, interrompeu aquêle frívolo galanteio com a jovem Avícia, tão hàbilmente provocado por sua mãe. Alfredo Somers, que fôra um jovem tão colorido como os seus quadros, era, agora, um pai de família de mediana idade, que usava óculos, sem outro objetivo que o de ver tudo através de seus cristais, tinha uma fileira de filhas já crescidinhas, as quais aumentavam notàvelmente a concorrência nos balneários instalados na praia.

A senhora Somers, em outro tempo a intelectual e emancipada senhora Pine-Avon, havia retrocedido ao mesquinho e timorato estado mental de mãe e avó, e examinava com estrito rigor a literatura e arte da atualidade, que chegavam às inocentes mãos de sua numerosa prole feminina, a fim de separar de seus lindos olhos, todo o cruel e descorado da vida. Era outro exemplo de que a mulher, em sucessivas gerações, rara vez se distingue pela acumulação de seus conhecimentos culturais, pois o que ganha nos tempos de solteira perde ao casar-se, movendo-se acima e abaixo na corrente de seu desenvolvimento intelectual, como objetos flutuantes no fluxo e refluxo das marés. E isto, não por motivo de seus defeitos individuais, mas sim, pela dificuldade de educar os filhos.



O pintor de paisagens, já clássico como Pierston, e mais popular do que acadêmico, havia deixado de mão aquêles temas pictóricos que lhe foram peculiares em tempos passados, dedicando-se, em troca, por instigação da crítica de vôo curto, a pintar agradáveis aspectos da Natureza, destinados a ornamentos residenciais, e que eram, realmente, muito notáveis em seu gênero. Por êsse motivo recebia vultosos cheques de pessoas bem instaladas na vida, tanto da Inglaterra como da América, com o que pudera construir suntuoso estúdio e uma grande casa no mesmo local, além de custear a educação de suas filhas, àquele tempo, na idade de crescimento.

Ao ver Pierston, que Somers havia passado de sua humilde posição ao nível superior de ter família, casa, estúdio e reputação social, e que seus extravagantes conceitos e imagens aloucadas eram para êle prazeres que jamais haviam de voltar, pensou que, como contemporâneo do pintor, também havia de ser um dos que mudam o seu passado, e tomam, em conseqüência, uns ares de gravidade anti-romântica. Absteve-se de ir à casa de Avícia, durante os quinze dias em que permaneceu Somers na estação balneária, apesar do contôrno cinzento da ilha, «entronizada à orla do mar», acariciar seus olhos de manhã à tarde, através do caminho.

Quando o pintor e sua família terminaram a temporada balneária, pensou Pierston que, também êle, devia ir-se embora, devendo, pelo menos, despedir-se da Avícia maior, do contrário não ficaria bem para a amizade que desde tanto tempo o unia a ela.

Uma tarde, à hora mais apropriada para visitá-la, empreendeu uma visita à ilha pelo atalho do istmo, chegando a casa da segunda Avícia já ao escurecer.

Brilhava uma luz no andar superior. Ao perguntar por sua amiga viúva, lhe disseram que estava gravemente enfêrma, se bem que não em perigo de morte. Embora soubesse que sua filha estava como ela e se inteirasse de outros pormenores, ficou vacilando se devia ou não entrar. Assim, mandou-lhe recado, perguntando se podia vê-la. A doente, porém, já ouvira sua voz e pedira que subisse.

Não lhe era possível recusar; mas, como um relâmpago, cruzou em sua mente a lembrança de que a jovem Avícia ainda não o havia visto, em realidade, senão apenas o confôrto de sua figura, a silhueta que dava aparência de ser um homem mais jovem uns trinta anos, remoçado graças à débil luz da lua. Foi com certa preocupação que o escultou subiu a escada que levava ao dormitório de Avívia.

Estava ela recostada a um sofá, e surpreendia o abatimento de seu macilento semblante, em relação ao pouco tempo decorrido desde o acesso que a levou ao leito. Logo que viu Pierston, estendeu-lhe a mão:

— Venha cá, meu bom amigo. Não se assuste ao ver-me.

A filha estava sentada junto à sua mãe, a ler, e levantou-se de um salto, com ares de que não reconhecera de pronto o recém-chegado. Mas, imediatamente exclamou:

— Oh! E' o sr. Pierston.

E, ràpidamente acrescentou, com evidente surprêsa e sem meditar nas palavras:

— Eu pensava que o sr. Pierston era...

Não saíu de seus lábios o que pensava que era, e Pierston não pôde decifrar o enigma, até que nova modalidade na maneira de tratá-lo revelou-lhe que o complemento daquela frase só poderia ser, «mais jovem».

Se o escultor não a houvesse visto de novo, poderia suportar filosòficamente a mudança de opinião da jovem para com êle. Mas a estava novamente vendo e sua presença lhe avivou os arraigados sentimentos.

Inteirou-se Pierston, pela primeira vez, de que a viúva havia sofrido durante os últimos anos, freqüentemente, repentinos ataques daquela espécie. Eram provenientes de angina do peito, e o último havia sido bastante grave. Naquele momento estava sem dores, mas muito fraca, esgotada e nervosa. Entretanto, não quis falar de si mesma, e, aproveitando ligeira ausência da filha, começou a comentar o assunto que mais lhe preocupava o espírito.

Não a havia contrariado tanto, como a êle, o caso da diferença das idades. Mas a enfêrma se mostrava desassossegada porque, depois de iniciado o romance, não voltara mais Pierston ao convívio da jovem. E isso influiu no seu estado de saúde, o que a tornava mais franca do que pudera ser.

— As atribulações e as enfermidades despertam tôda ordem de temores, sr. Pierston — disse a viúva.

(Cont. no próx. número)

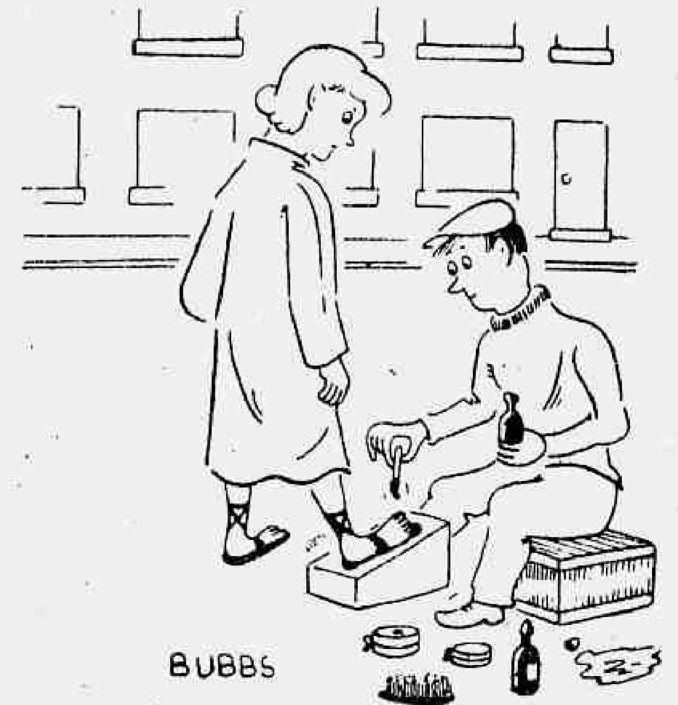
RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

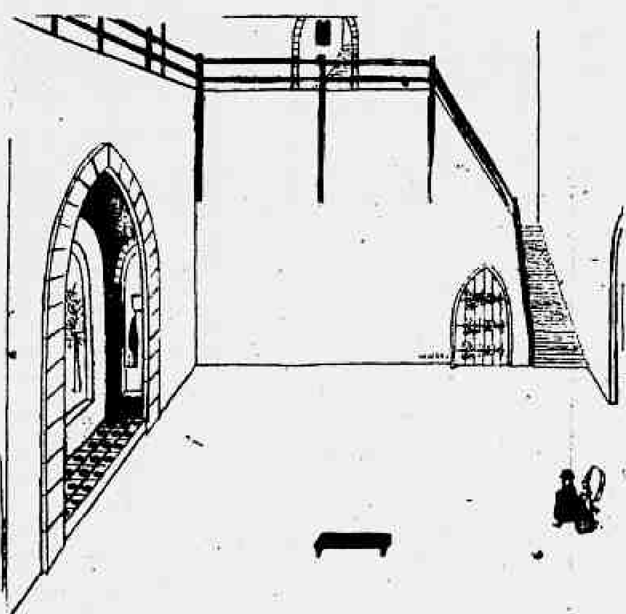
O escultor Jocelyn Pierston, depois de tentar casar-se com várias jovens, não chegou a realizar os seus sonhos, pelo fato de andar em busca de um tipo ideal a que deu o nome de a «Bem Amada». Natural de pequena povoação situada numa ilha do litoral inglês, dedicou muito amor a uma conterrânea companheira de infância, Avícia Caro. Mas, em virtude de andar em busca da Bem Amada, abandonou o noivado. Depois de outras tentativas, e já aos quarenta anos, foi visitar o túmulo de Avícia, que, já viúva e com uma filha de dezenove anos, falecera e fôra inumada na aldeia natal. Pierston se apaixona por sua filha, a segunda Avícia; mas esta, se casara com um rapaz da ilha, que a abandonara. Pierston promove a reconciliação dos dois. Do casamento vem uma filha, a terceira Avícia. Já estava Pierston com sessenta anos de idade, quando vai visitar a ilha e se apaixona pela moça, que tem apenas vinte primaveras.





— Desculpem o Barão, a camp- nha está quebrada...

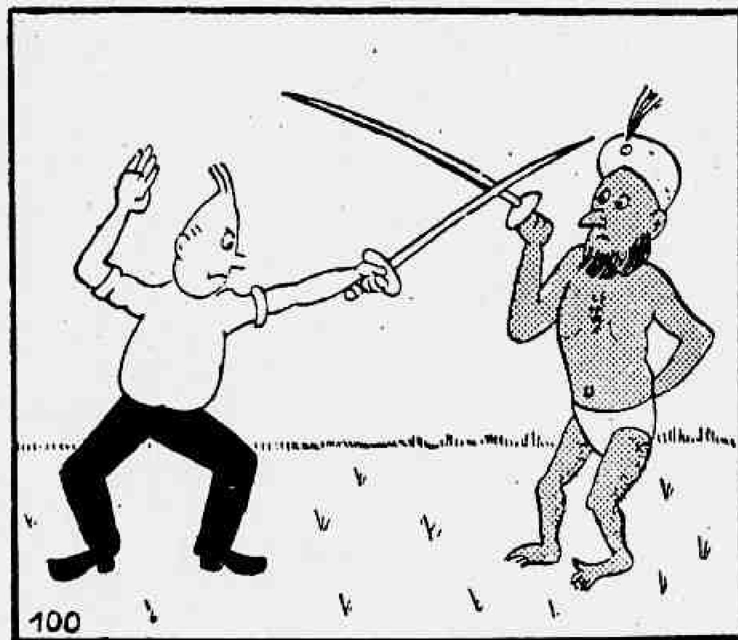


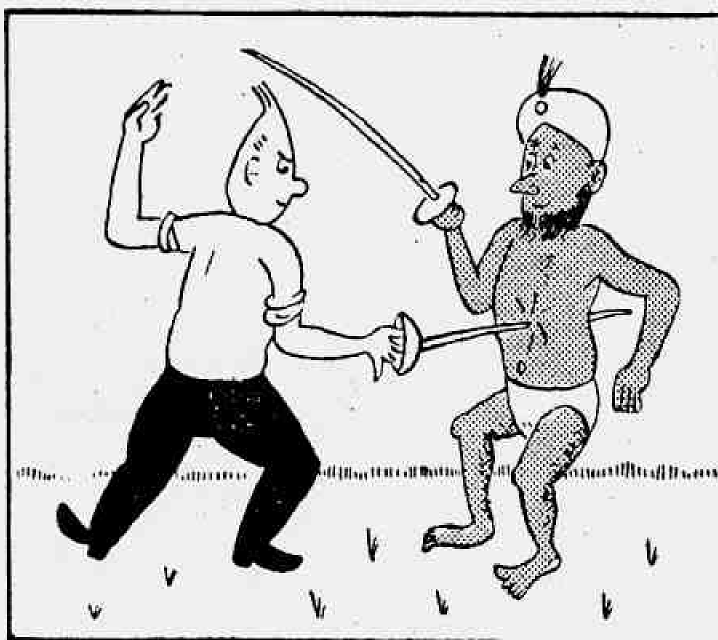


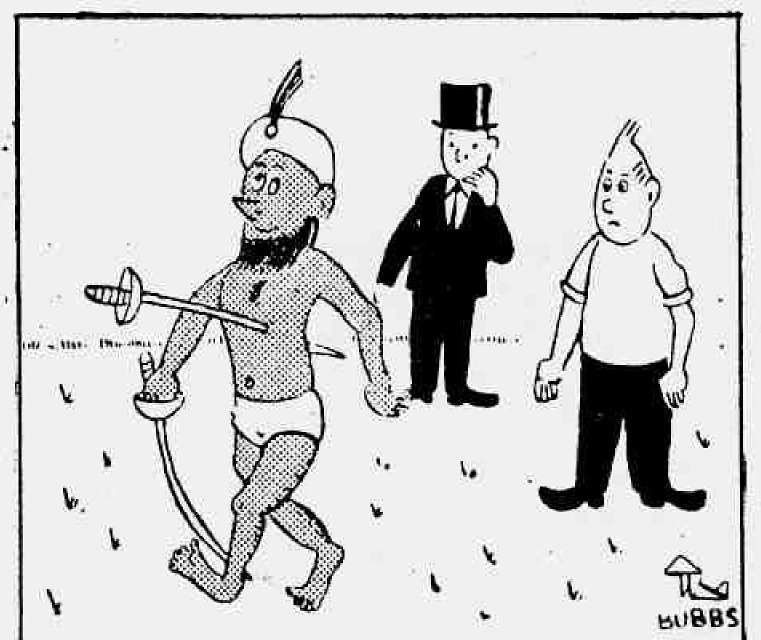
— Querida, acho que calculamos mal os presentes do casamento, para mobiliar a nossa casa.

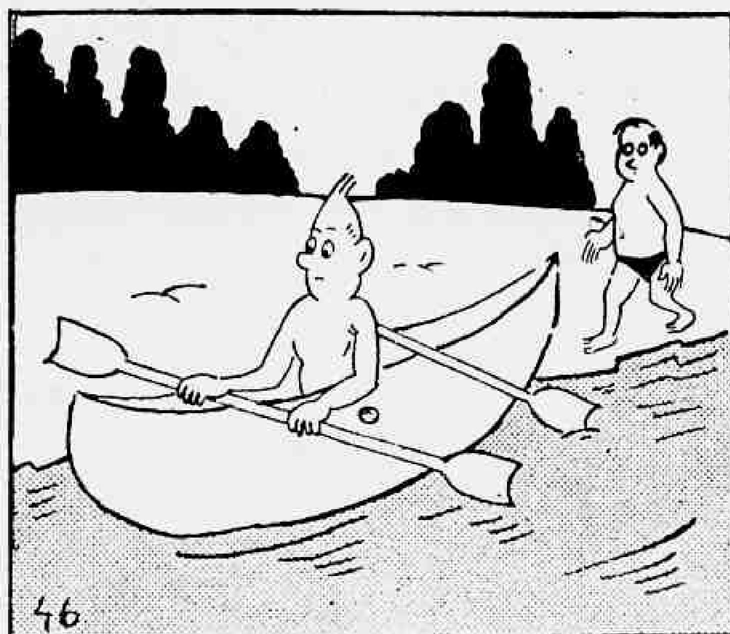
O RISO dos OUTROS



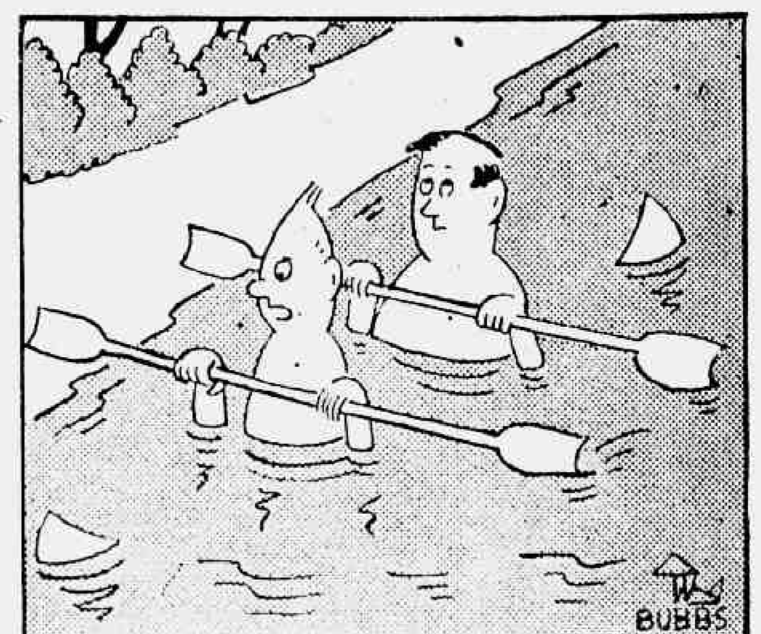












UM AUTOR:

ANTERO DE FIGUEIREDO



Perdem as letras de Portugal, com o falecimento de Antero de Figueiredo, uma de suas figuras mais ilustres. Antero, cujo nome ficou tão prestigioso no Brasil, teve próximas ligações conosco, pois era membro correspondente da Academia Brasileira de Letras e, quando Salvador de Mendonça foi nosso ministro em Washington, Antero de Figueiredo era seu secretário, assim vivendo por muito tempo em permanente contato com as coisas brasileiras.

Prosador dos mais brilhantes e dos mais castiços estilistas que já teve a língua portuguêsa, suas obras são verdadeiros modelos de bem escrever, isso, com serem também dos mais belos livros produzidos em nossa língua. Mestre da linguagem, mantendo aquêle alto sentimento do idioma que herdou de seus maiores, seus livros, como os de Herculano, Garrett, alguns mais, representam escolas de boas letras e de bom gôsto. «Leonor Telles», entre tantos de seus livros, é obra que se lê, sentindo-se o legado de Herculano, tanto pelo tema histórico, tão do agrado do mestre de Val de Lobos, como pelo primor da língua, a segurança e a seleção do vocabulário, a plasticidade e a perfeição do estilo. Sua bibliografia é abundante e expressiva do labor de um intelectual que o foi com a maior altitude.

Antero de Figueiredo desaparece aos oitenta anos, depois de uma extensa vida tôda ela dedicada aos problemas do espírito, ao culto da beleza, às indagações da História, as questões da ética. Foi êle, na sua geração, um dos escritores portuguêses que maior estima teve dos leitores brasileiros.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

FORA DO PRELO

● OS VIGILANTES DO ARCANSAS — Cada criatura é uma sucessão de aventuras vividas na imaginação, quase tôdas e quase sempre. Mas, não deixam elas de ser uma expressão da própria existência, na qual a humanidade busca aspectos diferentes. Afinal, todos nós somos crianças indifinidamente. A esta necessidade vital do espírito humano corresponde a Coleção Aventuras, das Edições Melhoramentos — já com umas três dezenas de volumes, como «No Continente Negro», «Os grandes exploradores», «A conquista do Acre», «Tesouro Perigoso», «O Filho do Gaúcho», «Os piratas do Mississipi» — êste, de autoria de Friedrich Gerstacker, de quem é o novo livro da série: «Os vigilantes do Arcansas», em tradução de Antonieta Sousa Queiroz do Amaral, desenhos de Emery Guéron.

● PAGANINI, MESTRE DO VIOLINO — Há sempre explicações esquisitas para a vida e as obras dos talentos superiores. E' conveniente, mesmo, conhecê-las em sua realidade — não menos bela, às vêzes, que a fantasia dos admiradores. Na série Gênios da Música, as Edições Melhoramentos já haviam estampado, em volumes ilustrados que reproduzem composições dos biografados, «Ludwig van Beethoven e os sinos do campanário»; «Franz Schubert e seus alegres amigos»; «Mozart, o menino prodígio»; «Robert Schumann»; «Sebastian Bach, o menino da Turíngia»; Haendel na côrte de Reis»; «Joseph Haydn, o camponezinho alegre»; «rFréderic Chopin, o menino da Polôônia», primeiros anos, e «Fréderic Chopin, o menino da Polônia», últimos anos. A êsses Gênios da Música, as Edições Melhoramentos acrescentam, agora: «Paganini, Mestre do Violino», com as mesmas normas artísticas e informativas da série, de autoria de Opal Wheeler.

● QUADROS MÁGICOS Nº 1, BRANCA DE NEVE — E' outro certame, bastante recreativo, que as Edições Melhoramentos apresentam para a adolescência e para a garotada escolar. Manejando os Quadros Mágicos, o menino forma a célebre história de Branca de Neve.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

ESTÊVE na capital paulista, durante alguns dias, o célebre escultor Max Bill, primeiro prêmio da I Bienal de S. Paulo («Unidade Tripartida», escultura) e grande prêmio da Trienal de Milão, com um projeto arquitetônico. Max Bill realizou aqui duas conferências: a primeira na Faculdade de Arquitetura e a segunda, no Museu de Arte Moderna.

★

SÃO DEZ, ao todo, o número de autores da revista teatral que Geisa Bôscoli está apresentando no velho Teatro Sant'Ana; Juraci Camargo, Henrique Pongetti, R. Magalhães Júnior, Guilherme Figueiredo, Humberto Teixeira, Assis Valente, Vladimir Irmann, Irineu de Freitas, Jàime Mendes e o próprio Bôscoli. Como viu o leitor, alguns dêsses nomes são bastante conhecidos na nossa literatura teatral contemporânea.



NA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS

● A Academia Carioca de Letras vem de eleger o seu novo membro efetivo, o escritor e jornalista Nelson Costa, na vaga do saudoso poeta e diplomata Afonso Lopes de Almeida, na cadeira sob o patrocínio da romancista Júlia Lopes de Almeida. O novo imortal, autor de «Bonecos e Bonecas», «Páginas Cariocas», «Páginas Brasileiras», «História da Cidade do Rio de Janeiro» e de vários livros de leituras escolares, é antigo professor da Municipalidade, ex-chefe do Serviço de Educação Cívica e do Distrito Educacional, sendo atualmente diretor do Departamento de História e Documentação da Prefeitura e redator do «Correio da Manhã».

UM LIVRO:

"Doze jovens poetas portuguêses"

ESTA pequena antologia que vem de editar o Serviço de Documentação do Ministério da Educação, na série «Cadernos de Cultura», vem prestar um inestimável serviço às letras portuguêsas e à cultura comum dos dois países de lusa fala. Merecem assim os melhores elogios Alfredo Margarido e Carlos Eurico da Costa, seus organizadores, por apresentarem ao leitor brasileiro êsses representantes da nova geração lusíada que, realmente, tanto a representam.

Não precisamos insistir em que, entre Portugal e Brasil, continuam a haver barreiras inexplicáveis que fazem ecoar entre nós, com muitos anos de distância, as mais nobres vozes da poesia portuguêsa. De certa maneira, excluindo naturalmente os círculos cultos, só agora os representantes da geração «modernista» estão sendo divulgados no Brasil. O caso de Fernando Pessoa, poeta do momento entre nós, é típico: só agora, quando, anos depois de sua morte, aparecem suas obras completas, começa o leitor comum a tomar conhecimento da grande obra que nos legou êsse gênio da poesia protuguêsa contemporânea. Que dizer-se, então, dos novos de Portugal? São absolutamente desconhecidos entre nós. Esta pequena antologia dos «Cadernos de Cultura» apresentam doze nomes completamente ignorados no Brasil, para os leitores de poesia: Alberto Lacerda, Alexandre Pinheiro Tôrres, Alfredo Margarido, Antônio Maria Lisboa, Carlos Eurico da Costa, Carlos Wallenstein, Egito Gonçalves, Eugênio de Andrade, Fernando Guedes, Henrique Risque Pereira, Mário Casiriny de Vasconcelos e Mário Henrique Leiria. O volume se abre com um prefácio lúcido, um belo ensaio sôbre a poesia contemporânea e os poemas selecionados dão uma demonstração segura da boa escolha que orientou os antologistas. «Doze Jovens Poetas Portuguêses» é um livro oportuno, apresentando ao Brasil um grupo representativo da nova significativa lírica de Portugal.

ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA

COMBINAÇÕES CONTEMPLADAS NO SORTEIO DA LOTERIA DE SÃO JOÃO DE 1953:

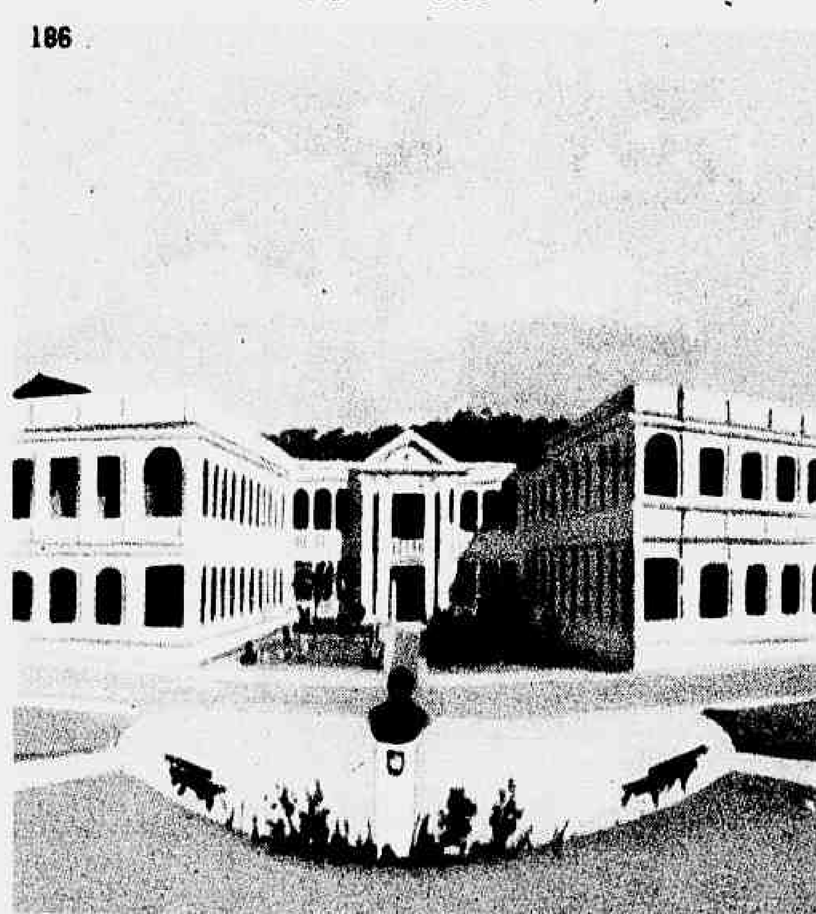
1º prêmio — Um aparelho de TV, no valor de Cr$ 25.000,00, ao Album nº 54.130.
2º » — Um terreno de 12x30, em Duque de Caxias, no valor de Cr$ 20.000,00, ao Album nº 30.743.
3º » — Uma máquina de escrever, no valor de Cr$ 6.000,00, ao Album nº 43.225.
4º » — Uma máquina de costura, no valor de Cr$ 5.000,00, ao Album nº 25.699.
5º » — Um prêmio de utilidades domésticas, no valor de Cr$ 1.000,00, a cada Album com a terminação 4.130.
6º » — Um prêmio de utilidades domésticas, no valor de Cr$ 200,00, a cada Album com a terminação 130.
7º » — Uma bicicleta motorizada, no valor de Cr$ 4.000,00, ao Album nº 54.129 (aproximação do 1º prêmio).
8º » — Uma bicicleta motorizada, no valor de Cr$ 4.000,00, ao Album nº 54.131 (aproximação do 1º prêmio).
9º » — Uma enceradeira elétrica, no valor de Cr$ 2.500,00, ao Album nº 30.742 (aproximação do 2º prêmio).
10º » — Uma enceradeira elétrica, no valor de Cr$ 2.500,00, ao Album nº 30.744 (aproximação do 2º prêmio).
11º » — Um liquidificador, no valor de Cr$ 1.500,00, ao Album nº 43.224 (aproximação do 3º prêmio).
12º » — Um liquidificador, no valor de Cr$ 1.500,00, ao Album nº 43.226 (aproximação do 3º prêmio).
13º » — Um serviço para café, no valor de Cr$ 1.000,00, ao Album nº 25.698 (aproximação do 4º prêmio).
14º » — Um serviço para café, no valor de Cr$ 1.000,00, ao Album nº 25.700 (aproximação do 4º prêmio).



Realização da BRAZILIA TURISTICA E COMERCIAL S. A. — Rua Visconde de Inhaúma nº 134 — Rio de Janeiro.

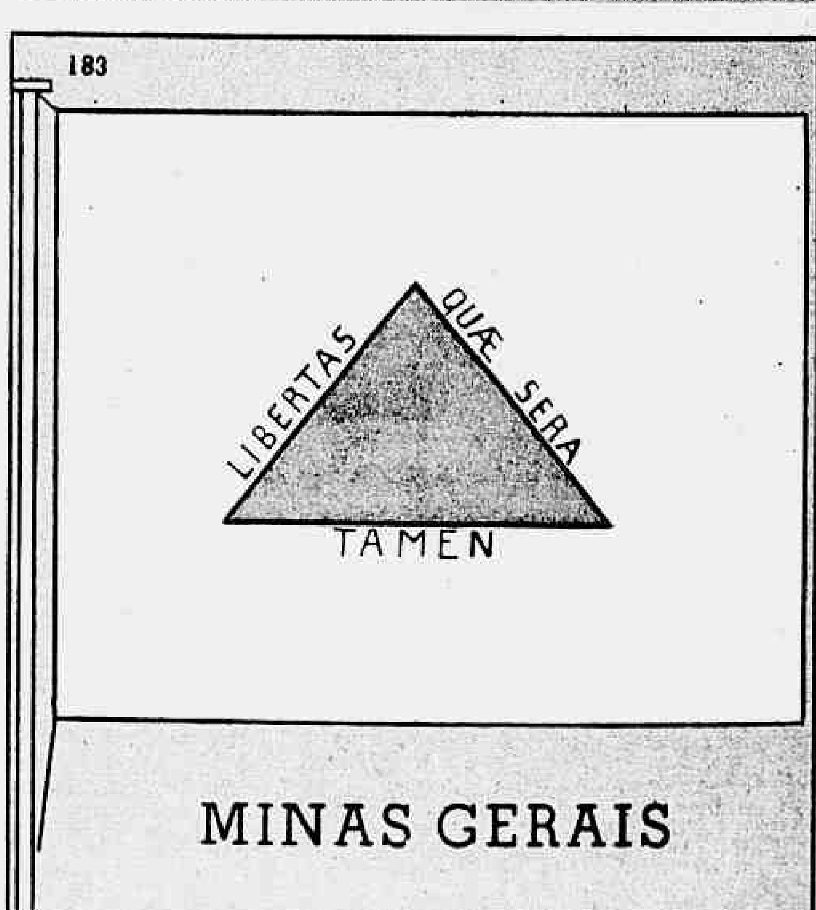


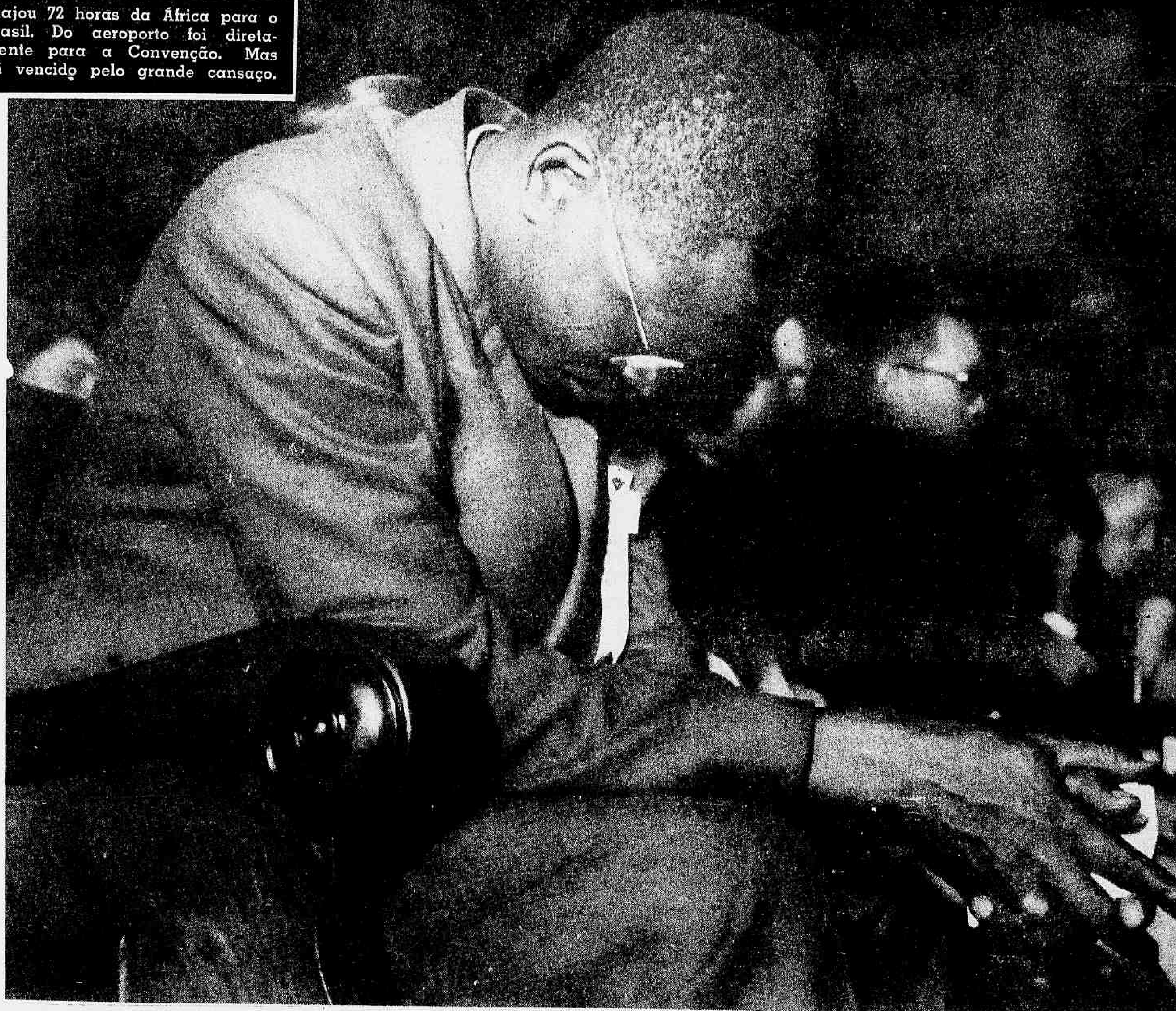












Viajou 72 horas da África para o Brasil. Do aeroporto foi diretamente para a Convenção. Mas foi vencido pelo grande cansaço.

O Cristo, Vivo, Reina!

NO RIO DE JANEIRO, CÊRCA DE DOIS MIL ASSOCIADOS DA IGREJA BATISTA ★ QUARTA CONFERÊNCIA MUNDIAL DA RELIGIÃO DE LUTERO ★ UMA HONRA PARA O BRASIL ★ PROBLEMAS DA JUVENTUDE CRISTÃ, UM DOS OBJETIVOS DO CONCLAVE ★ ATÉ REPRESENTANTES DA CHINA COMPARECERAM À CONVENÇÃO RELIGIOSA.

Texto de JOSÉ MARIA NEVES **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

O tema da Conferência foi «O Cristo Vivo Reina», sôbre o qual falaram vários oradores. Na abertura dos trabalhos usou da palavra o sr. Robert S. Denny, relator da Comissão da Aliança Batista Mundial, patrocinadora do conclave. A certa altura do seu discurso, frisou o orador: «É nossa oração que a direção de Deus prevaleça nessa reunião, e ao voltarem os congressistas aos seus lares no Brasil e pelo mundo afora, que as gentes notem terem êles estado com Jesus». Outros oradores se destacaram. Pelo Brasil, falaram o dr. Walter Kalchel e o dr. João Silsen Soren. Os Estados Unidos fizeram-se representar pelo



Enquanto cantam, a delegada deixa o filho adormecer no seu colo. Todos pertencem à delegação da Noruega, uma das menores.



A presença de mulheres foi grande. Quase tôdas falaram e disseram da assistência social dos protestantes em várias nações.



A Filipina mandou uma boa delegação e suas teses, bem interessantes, foram aprovadas por unanimidade. Eis o chefe da embaixada.



A moça dos Estados Unidos ouve atentamente a pregação de um pastor da China, onde o budismo tem milhões e milhões de adeptos.

expoente máximo da Igreja Batista daquele país, sr. Joel Sorensen e, também, pelo sr. Robert Denny. Também a Alemanha mandou um grande orador. Foi o sr. Culdert Rutender.

PROBLEMAS DE ORDEM SOCIAL E RELIGIOSA

Durante os 7 dias em que estiveram reunidos na primeira Igreja Batista do Brasil, os congressistas discutiram problemas de interêsse social, religioso e doméstico. As reuniões foram realizadas pela manhã e à noite, tendo sido destinada a parte da tarde para passeios e excursões a locais pitorescos do Rio de Janeiro. Todos os pontos turísticos foram visitados pelos protestantes que participaram da IV Conferência Batista, os quais foram acompanhados por seus irmãos de religião brasileiros. Os trabalhos encerraram-se solenemente no dia 22 do mês passado, tendo os congressistas estrangeiros levado a melhor das impressões do nosso país. Isto mesmo foi demonstrado através de entrevistas concedidas à imprensa e ao rádio cariocas.

Realizou-se pela primeira vez em nosso país um congresso de protestantes da ala Batista. Foi a IV Conferência Mundial da religião fundada por Lutero por volta de 1517, depois dos grandes acontecimentos da Reforma. O principal templo da Igreja Protestante, à rua Frei Caneca, viveu desde o dia 15 momentos festivos, de grande movimentação, e acolheu milhares de associados de tôdas as raças e camadas sociais. A instalação foi solene e a ela compareceram elementos representativos da sociedade carioca, destacando-se os representantes da religião de todos os países, num total de 1.500 congressistas.

UMA HONRA PARA O BRASIL

Os congressos anteriores realizaram-se em diferentes países, sendo



A voz do pastor é ouvida com atenção. E' a voz da experiência e representa os milhões e milhões de batistas espalhados pelo mundo.



A sua tese abordou o trabalho de missões batistas entre os índios da América do Sul, principalmente, na Bolívia e no nosso Brasil.



Representantes das Filipinas, em meio do Pacífico, onde os batistas exercem considerável influência, inclusive no meio governamental.



Ao canto de «Cristo, Vivo, Reina», os jovens batistas do mundo inteiro dão início aos trabalhos da grande Convenção, no Rio.

O CRISTO. VIVO, REINA!



Mais de quarenta bandeiras foram hasteadas na fachada do edifício da rua Frei Caneca. 45 nações participaram da grande Convenção.

Êste fêz questão de vestir o blusão da sua escola «Royal Ambassadors», cujo quadro de basquetebol é um dos melhores do país.





que o penúltimo teve lugar em Estocolmo. Depois
mentos entre os altos expoentes da Igreja Batista
que caberia ao Brasil acolher a família protestante n
participar do IV Congresso. Foi, sem dúvida, uma
país, uma distinção que encontrou profunda reperc
meios sociais e religiosos dos quatro cantos do mu

A alta finalidade da Conferência dos Protestan
problemas da Juventude Cristã de todo o mundo. Fo



ocolmo. Depois de vários entendi-
a Igreja Batista, ficou deliberado
lia protestante mundial que deveria
m dúvida, uma honra para o nosso
profunda repercussão em todos os
ro cantos do mundo.
a dos Protestantes foi discutir os
do o mundo. Foi uma oportunidade
que se ofereceu aos jovens de se encontrarem com o fim de cultivar a fraternidade e receber inspiração. Rapazes e moças compuzeram as várias embaixadas representativas de seus respectivos países. Estavam presentes a Austrália, os Estados Unidos, o Canadá, México, Inglaterra, Holanda, Itália, Alemanha, China, Líbano, África do Sul e a maioria dos países da América do Sul. A representação do Brasil estava composta de membros das Igrejas Batista de todos os Estados da Federação.

Milhares de jovens de todos os recantos da terra afluíram ao Brasil, para o conclave religioso que despertou o interêsse do povo. A Convenção serviu para o estreitamento das relações dos mais diferentes e longínquos povos do Universo.

PUXE PELO CÉREBRO

1 — **Que significa o nome de Armando:**

— Filho do Senhor?
— Guerreiro?
— Andarrilho?

2 — **Em que cidade se erguia o famoso templo de Diana:**

— Em Éfeso?
— Em Roma?
— Ou em Babilônia?

3 — **Qual o maior e mais valioso diamante até hoje encontrado:**

— O «Getúlio Vargas»?
— O «Cullinan»?
— O «Estrêla do Sul»?

4 — **Quantos lados tem um hexágono:**

— Seis?
— Oito?
— Cinco?

5 — **Que vem a ser planta «imarcessível»:**

— Que não pode ser transplantada?
— Que não vive em climas frios?
— Que não murcha?

6 — **A palavra «incólume» é:**

— Adjetivo?
— Advérbio?
— Substantivo?

7 — **A pronúncia é**

— Fóssil?
— Fossil?
— Ou indiferente?

8 — **O pórfiro é:**

— Vegetal?
— Mineral?
— Animal?

9 — **Em qual dêstes transportes há o «portaló»:**

— Numa carroça?
— Numa jangada?
— Num navio?

10 — **Qual o nome que se dá a uma faca pequena, muito gasta e má de corte:**

— Matungo?
— Quicé?
— Pandorga?

11 — **O «Réquiem» é música:**

— Fúnebre?
— Heróica?
— Romântica?

12 — **Que vem a ser «homem vandálico»:**

— Amante da paz?
— Tuberculoso?
— Destruidor?

13 — **Que vem a ser «pedreiro-livre»:**

— Operário desempregado?
— Maçon?
— Uma árvore?

14 — **Naja é:**

— Serpente africana?
— Uma planta do norte do Brasil?
— Uma ave do Equador?

15 — **Um sinônimo para «casamento»:**

— Himeneu?
— Hipogeu?
— Sinérese?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

JANELA SÔB



● AFOGADOS DE FEIJÃO

As terras do nordeste são um milagre de produção agrícola. Sua fertilidade é decantada em prosa e verso por quantos as conhecem. Vejam o que se passa atualmente na Paraíba. Não faz muito, sua população estava a braços com a fome, a terra calcinada, as safras perdidas. Vieram alguns dias de chuva. O agricultor semeou as várzeas e as «vazantes», de feijão, milho, algodão. O feijão repontou com uma fôrça atômica. Cada pé da leguminosa rachou, de tão carregado. E veio uma safra como não se via há trinta anos. Antes se vendia o quilo a 15 cruzeiros. Agora está a três! A Paraíba está em crise por excesso de feijão! Deus louvado.

● O MAIOR

Jack Rex não é domador comum. Êle, que consegue atrair as atenções dos espectadores que vão ao circo em que trabalha, não alcança êxito com suas feras, apenas fazendo que as mesmas saltem de um lugar a outro, ou que levantem as patas dianteiras e cumprimentem o público. Jack faz o que ninguém fêz até agora: brinca com animais ferozes como se estivesse a divertir-se com um cão de sua amizade no jardim de sua residência. Ei-lo aqui, no circo em que atua, a brincar com um leão de verdade. A fera se chama «Sultão», e Jack Rex faz dela gato e sapato. Êle diz que os domadores acabam sendo devorados pelos seus animais, e, por isso, não há Companhia de seguros que emitam uma opólice sôbre a vida dêsses abnegados.

● Numerosos turistas brasileiros, em excursão pela Itália, foram ao cemitério de Pistóia em visita aos quatrocentos pracinhas brasileiros ali inumados. Essas visitas se revestem sempre de grande emoção e constituem uma prova de patriotismo.

● A opinião inglêsa continua apaixonada em tôrno do falado casamento da princesa Margareth, irmã da Rainha da Inglaterra, com o plebeu capitão aviador Peter Townsend. O «Daily Mirror», de Londres defende o direito da princesa.

● O secretário de Estado, sr. John Foster Dulles, em declaração aos jornalistas, fêz sentir que é da maior importância, que o Congresso dos Estados Unidos não reduza os fundos do Ponto IV para auxílio aos países da América Latina.

● Ocorrendo a 26 de julho o aniversário da morte da sra. Eva Perón, a delegação argentina às Nações Unidas organizou uma série de comemorações em honra da espôsa do presidente Perón, inclusive missa na Igreja de Sto. Inácio de Loiola.

● A reunião do Soviet Supremo da URSS, que seria realizada a 28 de julho, foi transferida para o dia 5 de agôsto próximo. Espera-se notícias de importância internacional decorrentes dessa reunião do poder supremo daquele país.

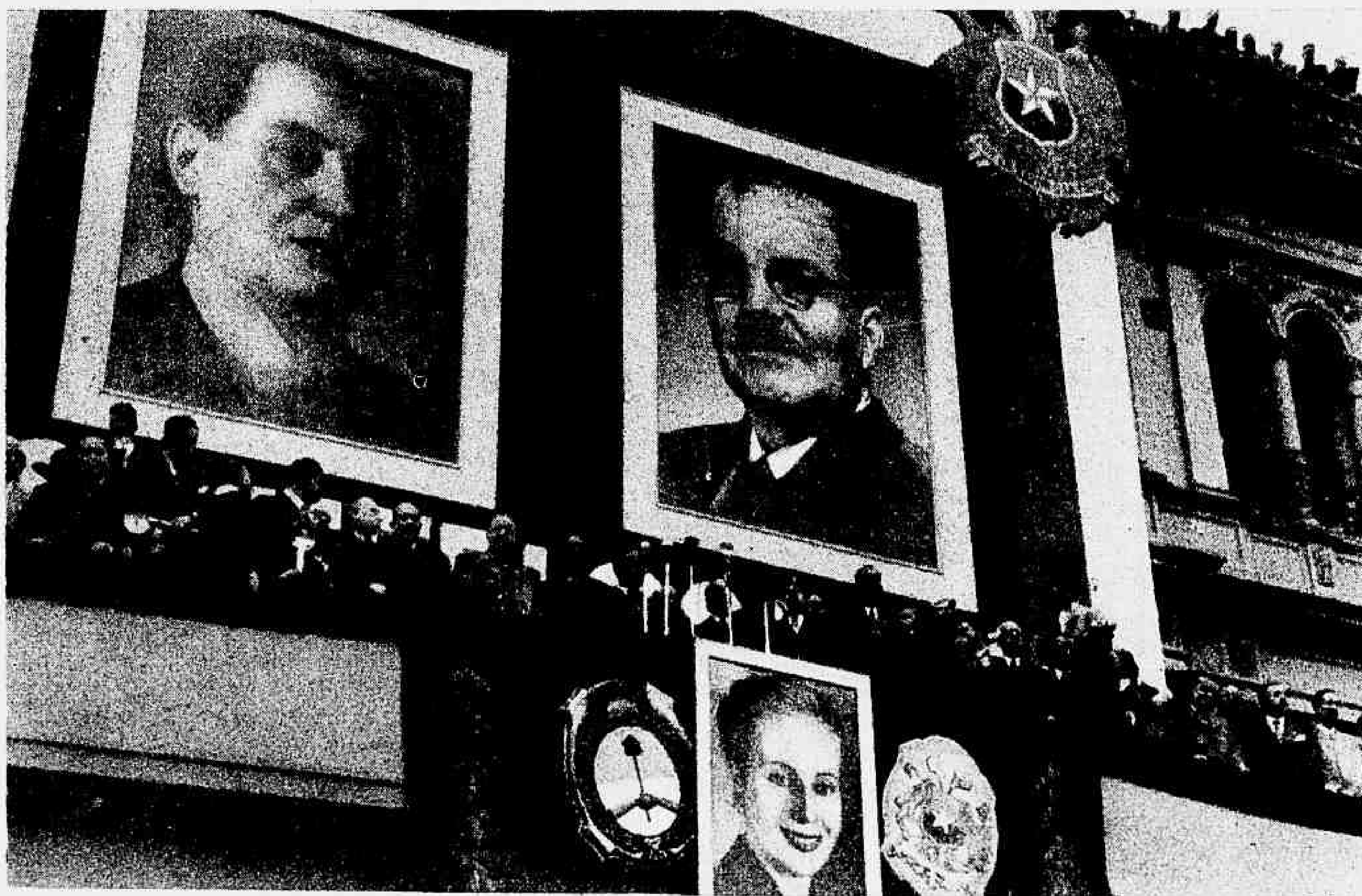
● Noticiam da Suíça, que êsse país estará oficialmente representado na próxima exposição bienal de Arte, a ser realizada em S. Paulo. Êsse certame, que já tem repercussão internacional, constitui grande prova de progresso artístico do país.

● O govêrno sírio acaba de decretar anistia geral a favor de todos os implicados em atos cometidos contra o Estado, durante o período de 29 de novembro de 1951 a 10 de julho de 1953. Cêrca de vinte pessoas, civis e militares, foram sôltas.

● Diante das boas perspectivas de armistício na Coréia, o govêrno dos Estados Unidos está tratando de reduzir de 23 mil para 18 ou 15 mil, por mês, o número de homens convocados para as fileiras das fôrças armadas daquele país.

● Clement Attlee, ex-primeiro Ministro da Inglaterra, criticou severamente a reunião dos chanceleres dos Estados Unidos, Inglaterra e França, dizendo que essa conferência, omitindo a Rússia, vem contribuir para piorar a situação do mundo.

● O jornalista brasileiro, Antônio Calado, convidado pelo govêrno egípcio para as festas da libertação, foi pôsto de quarentena ao chegar ao Cairo, pelo fato de não estar vacinado contra



ARGENTINA-CHILE — O presidente do Chile, Carlos Ibanez, acaba de ir à Argentina, retribuíndo a visita que o presidente Peron lhe fizera anteriormente, em companhia da espôsa Eva Peron. O sr. Ibanez foi agora a Buenos Aires, sendo festivamente recebido pelo mundo oficial e pelo povo. Nas duas fotos aqui estampadas, vemos a multidão acumulada na praça

RE O MUNDO

● ARROZ-AMARELÃO

As autoridades municipais, unidas à COFAP, têm procurado moralizar a venda de gêneros a varejo, especialmente os expostos nas feiras-livres. Sucede, porém, que o chamado arroz-amarelão, que constitui a melhor espécie em nosso país, desapareceu do varejo. Dizem os retalhistas que, pelo preço tabelado não lhes é possível vender o produto ao povo. Mas, usando um processo positivamente criminoso, os varejistas dão ao arroz-agulha o nome de amarelão. E assim vão burlando a fiscalização e embrulhando o povo, que, cheio daquela velha boa fé, não sabe que está comprando gatos por lebre, ou comendo gambá errada...

● HEROÍNA ITALIANA

Não que fôsse «partiggiani» e houvesse matado inimigos da pátria. Esta é Teresa Fusco, ou, popularmente Zi Teresa. Nasceu em Nápoles, casou-se e ficou viúva com dez filhos pequenos. Veio a guerra e muitos morreram na luta, enquanto outros morriam sem guerra. A boa e valente Teresa não se entibiou. Passou a vender pratos de feijão aos pescadores de sua terra. Sempre progredindo, instalou ela um restaurante que se tornou famoso no mundo inteiro, o prazer dos turistas. E aqui a vemos no seu modesto apartamento de Borgo Marinaro, a poucos passos do seu célebre estabelecimento de petisqueiras.



febre amarela, conforme as leis do país.

● Notícias de Londres divulgam que o presidente do «Board of Trade», Mr. Peter Torneycroft, está esperando informações do govêrno brasileiro sôbre as bases definitivas pelas quais o nosso país liquidará os atrasados comerciais em Londres.

● O govêrno da Alemanha Oriental protestou junto ao embaixador norte-americano, contra o fornecimento ilegal de gêneros alimentícios à Berlim soviética. Por sua vez a Rússia concedeu o crédito de 231 milhões de rublos, para alimento.

● A Rússia entregou ao govêrno da Turquia uma nota de protesto contra a presença de duas esquadras no mar Negro, uma, da Inglaterra, e outra dos Estados Unidos. As potências ocidentais não ocultam sua surprêsa pela atitude da URSS.

● O govêrno da Inglaterra, pela bôca do primeiro ministro interino, Mr. R. A. Butler, declarou que continuará a dar todo auxílio material possível às fôrças francesas que combatem os comunistas na Indochina, para conseguir-se a paz na Ásia.

● Está correndo na Justiça do Trabalho o mais estranho caso de que há memória em nosso fôro proletário. A senhorita Raquel Tabrisque, servia no Rotary Club desta capital. Foi despedida e, para compensá-la do desemprêgo, o empregador lhe ofereceu uma boa indenização. A moça recusou. Temendo que ela estivesse a tramar algo perante a Justiça do Trabalho, o Rotary, por seu advogado, deu entrada ali a uma ação de consignação em pagamento. A ex-empregada não deu motivo nenhum sôbre sua atitude, tanto mais que a compensação espontânea do empregador é maior do que a que a Lei permite. Êste mundo tem cada surprêsa! É interessante saber como vai acabar isso.

QUEM DISSE ISSO?

1 — Um ato mau pode deixar de ser repetido e até resgatado pelo arrependimento, enquanto as más idéias acarretam tôdas as más ações.

2 — Sempre nos afeiçoamos àqueles que nos admiram; mas, nem sempre àqueles a quem admiramos.

3 — Uma grande alegria traz lágrimas.

4 — Ou minha alma existe, ou no existe. Se existe, não pode deixar de ser eterna.

5 — A ambição estimula a ambição.

(Respostas na pág. 45)



de Mayo, após a chegada do chefe chileno ao palácio presidencial do govêrno argentino. Na outra foto, um detalhe da fachada da Casa Rosada, com as decorações simbólicas, armas das duas nações e grandes retratos dos estadistas e da falecida Eva Peron. Tôda a América se interessou por essas visitas, prenúncio de maiores entendimentos neste Continente. (Fotos U. P.)

A SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 8 E 14 DE AGÔSTO DE 1953

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Pratique uma espécie de isolamento voluntário, nos próximos sete dias, fugindo das companhias habituais, das visitas costumeiras e das reuniões. Estará sujeito a participar do desastre de outrem.

TOURO (21/10 — 20/11) — Ative a propaganda dos seus negócios. O momento é excepcional para qualquer insinuação de sua parte, visando um maior rendimento da produção. Os negócios melhorarão muito.

GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Seja razoável e limite suas ambições. O novo período de tempo não lhe dará grandes coisas. Dêsse modo, se idealizar grandes realizações, sofrerá uma forte desilusão. As possibilidades são modestas.

CANCER (23/12 — 20/1) — A semana será inteiramente favorável aos planos e às idéias que o leitor sustentar. As astralidades reinantes favorecerão os empreendimentos, aumentarão os lucros e a atuação que desenvolver no plano social.

LEÃO (21/1 — 20/2) — Os dias 6 e 10 serão os mais favoráveis, no seu caso, durante a semana estreante. Poderá, no decurso dos mesmos, conseguir o apoio financeiro de que tiver necessidade e proceder o reajustamento dos seus negócios.

VIRGEM (21/2 — 22/3) — Suas possibilidades na nova semana, serão bem limitadas, notadamente nos três primeiros dias, 8, 9 e 10. Não expenda grandes esforços, sabendo mínimo o resultado. O ambiente não o ajudará.

LIBRA (23/3 — 20/4) — Um período regularmente promissor terá o consulente, nos próximos sete dias. Um favorável concurso de circunstâncias dará andamento rápido aos negócios que empreender.

ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O ambiente que os astros vão formar, nos setores de concurso do seu horóscopo, favorecerá muito as suas aspirações de independência. Os dias 9, 12 e 14 serão os melhores para a solicitação de favores.

SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Suas possibilidades serão grandemente aumentadas. A ambiência dos astros afetará principalmente, o setor profissional, melhorando sua posição e lhe dando uma importância maior no seu meio.

CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não inicie qualquer viagem na próxima semana, principalmente a negócio. Fique no ordinário, nas ocupações habituais. As inovações, no caso do leitor, serão ruinosas, no novo período.

AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Haverá grandes possibilidades para a obtenção de recursos necessários aos investimentos que desejar fazer. A semana será boa, menos no que diz respeito à saúde.

PEIXES (22/8 — 20/9) — Não encontrará a desejada ressonância para suas idéias e projetos de realização. O melhor será esperar outra oportunidade. O ambiente não lhe proporcionará o concurso valioso de terceiros.

OS NOMES DA SEMANA

Agôsto	8	Hervel	—	Anete
"	9	Paulo	—	Eudacília
"	10	Serafim	—	Isménia
"	11	Enoc	—	Flora
"	12	Jovino	—	Edil
"	13	Túlio	—	Altair
"	14	Sérvulo	—	Brígida

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol, ao meio-dia de Greenwich

Agôsto	8 — 15º 37' 45"	(Signo do Leão)
"	9 — 16º 35' 18"	(" " ")
"	10 — 17º 32' 53"	(" " ")
"	11 — 18º 30' 29"	(" " ")
"	12 — 19º 28' 05"	(" " ")
"	13 — 20º 25' 43"	(" " ")
"	14 — 21º 23' 22"	(" " ")

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

ELIZABETH DA INGLATERRA

Por ALMERICO RIBERA

Tradução de LÍGIA JUNQUEIRA

RESUMO DO ANTERIOR — Elizabeth I, rainha da Inglaterra; filha de Henrique VIII e Ana Bolena, é um dos mais misteriosos enigmas femininos de todos os tempos. Recusou tôdas as propostas de casamento que lhe foram feitas, pelos mais poderosos soberanos da Europa. "A Inglaterra é meu espôso e o seu povo os meus filhos". A Rainha Virgem — como era chamada — teve, porém, muitos favoritos... o primeiro dos quais o Conde de Leicester.

CAPÍTULO II

NOS excessos e estravagâncias de sua natureza observam-se, também, não poucas aberrações do gôsto. Preferia, por exemplo, na música instrumental, os rumores ensurdecedores e ressonantes. Durante os seus jantares, fazia tocar uma orquestra de doze trombetas, dez pífaros, quatro tambores e dois tímpanos. Pode-se imaginar o resultado de tudo isso para os ouvidos de seus convidados!

No entanto, ela estudara música quando jovem e recomeçara os estudos quando lhe disseram que sua prima Maria era uma excelente virtuose do cravo.

Decidida a superá-la em tôdas as qualidades do corpo e do espírito, dedicou-se novamente à música com entusiasmo desesperado. Um dia, em que devia receber a Melville, o embaixador da Escócia, em 1564 — ela tinha, então, trinta e um anos e Maria não completara ainda os vinte e dois — ordenou a lord Hunsdon que conduzisse o hóspede a uma sala de onde pudesse ouvir o cravo tocado por ela. Melville, curioso, ao ouvir a música abriu a porta e achou-se, sem querer, diante da rainha.

— Peço desculpas a vossa majestade por ter sido indiscreto, foi, porém, mais forte do que eu... Estou realmente admirado!

— Pois atribua ùnicamente à vossa admiração a minha benevolência para convosco. Não gosto de indiscrições e não tolero que me interrompam quando toco.

— Não poderia desejar nada mais do que ter obtido tão generosamente o perdão de vossa majestade.

— Não falemos mais disso. Disseram-me que também a vossa rainha toca. É verdade?

— Sim, majestade.

— Toca bem?

— Acho que sim, majestade; todos a elogiam muito.

— Os cortesões elogiam com muita facilidade, senhor embaixador.

— É verdade, majestade.

— Achais que vossa rainha toca melhor do que eu?

— Posso responder a vossa majestade que, depois de ter ficado embevecido com a vossa música, há poucos minutos, esqueci completamente o modo de tocar de minha rainha. Por isso, me é impossível, em virtude do estado de alma em que me encontro neste momento, fazer uma comparação entre vossa majestade e minha rainha.

— Vossa rainha, Melville! Sempre vossa rainha! Minha prima é mais bonita do que eu? Desta vez a impressão causada pela música não tem nada a ver com vossa resposta e podeis dizê-la com franqueza.

— Pois bem, direi que vossa majestade é a mais linda mulher da Inglaterra, como a Rainha Maria é a mais linda mulher da Escócia.

— Pode ser verdade. Dizem, porém, que ela não tem boa altura, que é um pouco baixa.

— Devo permitir-me observar a vossa majestade que a rainha da Escócia é um pouco mais alta do que a rainha da Inglaterra.

— Pois então, é alta demais. Estais vendo, Melville, que eu tinha razão quando dizia que ela não tem boa altura.

— Vossa majestade tem sempre razão.

— Também penso isso, Melville, mas não passa de vaidade. Agora, porém, falai-me do motivo de vossa visita, caro embaixador.

★

ENTRE as filigranas da coroa que cingia a cabeça da rainha da Inglaterra, em certo momento pareceram brilhar línguas afiadas de víboras.

— Dizei, senhor embaixador, dizei ao duque de Anjou que agradeço a honra que me dá, mas tenho que recusar sua oferta. Decidi firmemente renunciar ao matrimônio.

— Vossa majestade me deu a honra de me receber em audiência particularíssima. Por isso, sinto-me obrigado a falar com liberdade, da qual me aproveitarei enquanto vossa majestade se dignar concedê-la.

— Que tendes para me dizer, senhor embaixador?

— Que se a recusa de vossa majestade é devida a razões, digamos assim, sentimentais, o duque de Anjou, em nome de quem falo, está mortificadíssimo! Permiti-me ser franco, quase brutal.

No rosto de Elizabeth, palidíssimo, refletiram-se o desdenho, o orgulho, a ameaça. Sua voz era quase rouca.

— Dizei com franqueza tudo que tiverdes para dizer. Antes, porém, quero perguntar-vos, que tem que ver o duque de Anjou com meus motivos sentimentais?

— O duque, majestade, está convencido de que à rainha da Inglaterra têm sido escondidos livros que se publicam sôbre seu reino e que circulam livremente no estrangeiro. Se vossa majestade consente, posso eu, pessoalmente, oferecer-lhe um exemplar do livro que o duque de Anjou, gentil-homem que é, não deve ter lido.

O livro que o embaixador de Anjou apresentou à rainha, tinha como título, «A República de Leicester», e nêle o amante de Elizabeth, Roberto Dudley, era acusado de muitos e nefandos delitos. O primeiro dêsses era ter-se libertado, por meio de veneno, de Gualterio Devereux, conde de Essex, seu maior inimigo, cuja mulher lhe inspirara violenta paixão. De ter, após isso, contraído matrimônio secreto com a viúva de sua vítima. A própria Elizabeth ouvira falar dêsse matrimônio, se bem que Dudley, interrogado, o tivesse negado.

Desta vez, a voz de Elizabeth, estava velada e cansada. Do rosto, caiu-lhe a máscara do desdenho, do orgulho, da ameaça, para dar lugar a um grande desgôsto.

Despedindo, apressadamente, o embaixador, mandou chamar o amante.

— O que fizeste é inaudito! O escândalo é enorme!

— Que importa? Não foi o primeiro, nem será o último. Deixa estar.

— Não posso deixar passar. Tu te esqueces de que sou rainha da Inglaterra e que o escândalo poderá atingir também a minha pessoa.

— Ótimo motivo, então, para que sufoques o escândalo. Tens os meios. Não percas tempo.

— Até quando deverei suportar tuas traições e tuas mentiras?

— Enquanto eu souber me fazer amar, enquanto não puderes passar sem mim.

— Se não fôsses o mais adorável garôto de todo o reino, eu já te haveria mandado encerrar na prisão de Londres.

— Sòzinho? Sabes que sòzinho eu não iria. Nossa alcova é muito melhor, Elizabeth, do que a Tôrre de Londres.

Êle gracejava monstruosamente com a mulher que sabia ligada à sua sorte e enodoava-lhe o cetro e o manto de arminho. Ela, prêsa de uma paixão sem freios, tomava pùblicamente a defesa do homem que a cobria de vergonha, procurando torcer a opinião de seus súditos a favor dêle.

Por que êste modo de agir, quando lhe bastaria levantar um dedo para expulsar de seu lado o homem indigno que elevara até o trono? Que lhe dava êle em troca da insolente e descarada impunidade de que gozava? Êsse é, ou melhor, era, o mistério que envolvia a existência da rainha virgem.

★

EIS que aparece no horizonte turvo da côrte inglêsa a suave e delicada silhueta de Maria Stuart, a belíssima e odiada rival, à qual Elizabeth jurara ódio imorredouro, por culpas que eram méritos. Grave delito era, para Maria, ser a mais linda das rainhas da Europa. Mortificar e aviltar Maria, foi o fim mais intensamente visado por sua prima Elizabeth. Todos os meios para isso eram bons, até mesmo sua paixão perversa pelo favorito.

— Gostarias, Roberto, de tornar-se o rei da Escócia?

— Não brinques!

— Sabes que nunca brinco. Trata-se de casar-se com minha prima Maria.

— Mas, e meu casamento precedente? Sabes que não sou livre.

— Ninguém melhor que tu conhece os meios de quebrar êsse vínculo. Que dizes? Quero que sejas sincero.

— Estás assim tão cansada de mim para propor-me êste matrimônio?

— Não de ti, mas dela.

— Por que te cansastes dela, queres livrar-te de mim?

— Não brinques com palavras. Acreditei que eras mais obediente e mais inteligente. De qualquer forma, se a coroa da Escócia não te atrai, não falemos mais nesse assunto.

— Ao contrário, falemos, e com a sinceridade que pedias há pouco. Para mim não se trataria, como afirmas, da coroa da Escócia, porque, tornando-me viúvo de uma rainha não terei direito ao trono. Segundo teus desígnios, eu teria que ficar viúvo uma segunda vez e o mais depressa possível, e voltar para teu lado. Parece que compreendi perfeitamente, como estás vendo.

— Já que compreendestes, que decides?

— O que, além de eu e tu, decidir Maria Stuart.

O olhar que lançou a rainha a seu favorito e com o qual foi concluído o estranho pacto, era uma terrível mistura de ódio, de inveja, de paixão e de desgôsto.

★

OS DIAS que se seguiram foram muito atormentados para a rainha. Ela mandara à Escócia um de seus mais fiéis embaixadores, para que êle expusesse seus desígnios a Maria Stuart. Esperava febrilmente o resultado. Enquanto isso, o



seu Roberto falava demais de sua rival, a fim de esconder a Elizabeth o prazer que seria para êle trocar a estéril e violenta paixão da soberana inglêsa por outra mais quente e normal, da rainha da Escócia, cuja beleza perfeita era um grande atrativo para seus sentidos insatisfeitos. Ainda que procurasse se conter, para não revelar seus pensamentos a Elizabeth, ela intuía a paixão que suscitara e sofria terrivelmente. Quando, porém, o embaixador voltou com uma recusa categórica da rival, o prazer íntimo de Elizabeth, deu margem a uma reação inesperada.

— Como? Ela ousou recusar a mão do homem que é meu favorito? Ousou acrescentar um insulto a essa recusa? Êsses são atos que se pagam, e que se pagam caro. Que me dirá Roberto por tê-lo exposto a tal afronta? Como poderei consolá-lo por esta humilhação?

Nunca houvera no mundo alma mais complicada de mulher. Sua preocupação pela sensibilidade do favorito recusado nada mais era que o modo de justificar, diante de si mesma, as perseguições que desencadearia contra a prima. Sabia muito bem que Dudley se consolaria por si mesmo e não precisava nem de ajuda nem de conselhos.

À proporção que os anos passavam, ela procurava suprir a decadência de seus encantos protegendo as fugidas clandestinas de seu favorito infiel e tornando-se a confidente de seus segredos íntimos e de seus amôres passageiros.

★

— MURRAY, o casamento entre Maria Stuart e Henrique Darnley não deve ser realizado.

— Procuraremos impedi-lo majestade.

— «Procuraremos» não é a resposta que quero. Não gosto de meios têrmos.

— Nós o impediremos.

Jaime Murray, meio irmão de Maria Stuart, figura sinistra de traidor, há muito tempo era cúmplice de Elizabeth, contra a irmã. Sua mãe lhe incultara, desde pequenino, um ódio profundo contra a filha de Maria de Lorena, que, segundo ela, roubara-lhe o marido, Jaime V da Escócia. Não se sabe por qual presunção êle se cria herdeiro legítimo da coroa escocesa e lesado pela usurpação da verdadeira e natural herdeira do trono. Sabe-se, ao contrário, que, viciado, imoral e prepotente, igualava, se não superava, pela obscenidade de sua vida e pela fácil delinqüência, ao favorito de Elizabeth.

— Quero ter diàriamente notícias de tuas ações.

— Tê-las-á majestade. Mas . . .

— Compreendo. Precisas de dinheiro. Já havia pensado nisso. Nesta bôlsa há mais do que irias pedir. Tome-a.

— Obrigado, majestade.

O traidor, tendo partido com plenos poderes, não recuou diante de nenhuma violência ou fôrça. Naquela ocasião, porém, a sorte não o favoreceu. Os noivos, avisados do perigo que corriam, haviam conseguido fugir e pôr-se a salvo.

Naturalmente, as notícias do fracasso chegaram a Londres atenuadas e deformadas. As do matrimônio, realizado entre os dois noivos, não puderam, porém, ser escondidas e por pouco não comprometeram as relações de «negócios» entre Elizabeth e Murray. Êste conseguiu desculpar-se e recuperar a inteira confiança da rainha.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)



DE TENISTA A SORVETEIRO

CAMPEÃO AOS DEZ ANOS DE IDADE ★ VENCEDOR EM WIMBLEDON ★ GANHOU MAIS DE DUZENTOS TROFÉUS ★ TAÇAS DE SORVETE E OUTRAS TAÇAS

Reportagem de SAMUEL AVERBACH

ROBERT FALKENBURG, nasceu em Nova Iorque. Ainda muito criança, veio para o Brasil, residindo com seus pais em São Paulo, durante alguns anos. Posteriormente, voltou aos Estados Unidos, e passou a morar na Califórnia, onde começou a praticar tênis, com a idade de 9 anos.

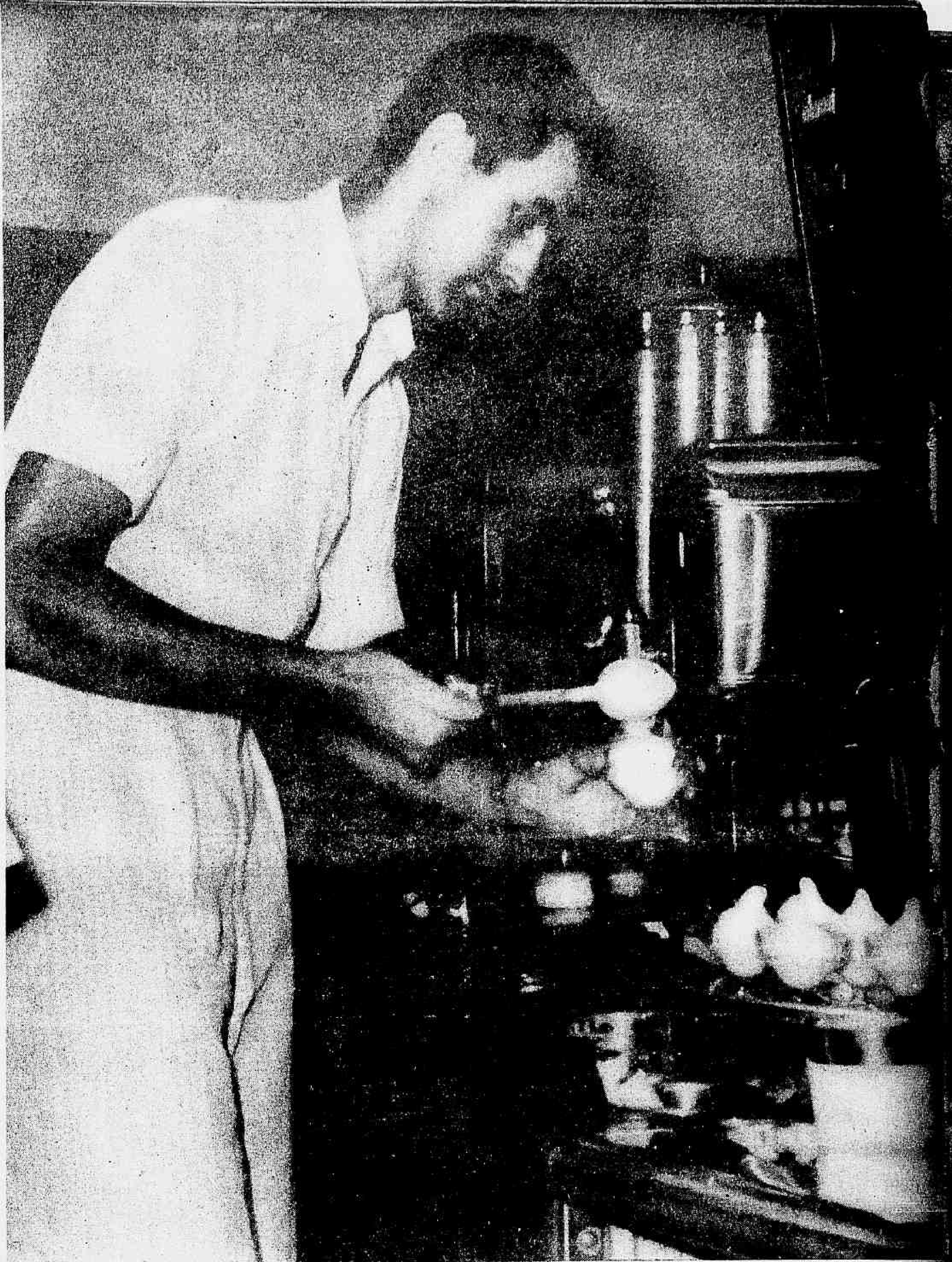
Aos 10 anos, ganhou o seu primeiro campeonato. Daí em diante, sua carreira de tenista ficou repleta de triunfos meritórios. Conquistou diversos campeonatos entre 10 e 13 anos, 13 e 15, 15 e 18, ascendendo de classes, de acôrdo com o avançar da idade. A partir dos 18 anos, tomou parte nos jogos de classe aberta, e tornou-se cada vez mais popular no seu país e no mundo inteiro. Após sagrar-se campeão de duplas, nos Estados Unidos, disputou o campeonato mundial em Wimbledon, Inglaterra, levando a melhor sôbre John Bromwich, seu ferrenho adversário. Merecem registro aqui, os «scores» da melhor de cinco que êles disputaram: o primeiro, terceiro e quinto «sets» foram ganhos por Falkenburg, pelas contagens de 7-5, 6-2 e 7-5; e no segundo e quarto, Bromwich levou a melhor, por 6-0 e 6-3.

Depois da sua magnífica conquista, Bob Falkenburg resolveu interromper a sua carreira por alguns anos. O tênis é um esporte que exige um enorme dispêndio de energias. Calculem então, o que é necessário para a conquista do título mundial! Mais tarde, veio para o Brasil, onde voltou a jogar. Em 1947, contraiu matrimônio com uma jovem brasileira; três anos depois, montou a sua sorveteria, uma das mais bem instaladas do Brasil.

Disse-nos Bob Falkenburg que durante muito tempo acalentou êsse sonho: possuir uma sorveteria bem aparelhada, com máquinas modernas, semelhantes às que existem nos Estados Unidos. No entanto, só depois de algum tempo se tornou possível, e agora tudo lhe corre bem, tanto assim que, após um período intensivo de treinamento a que deverá se submeter, pretende disputar a Copa Davis, competindo pêlo Brasil.

Bob Falkenburg, como pouca gente sabe, é irmão da ex-estrêla de Hollywood, Jinx Falkenburg, que estêve no Brasil há alguns anos. Atualmente, ela trabalha no rádio e na televisão, residindo em Nova Iorque. Tem ainda um outro irmão, que mora em Mississipi. O grande tenista conta atualmente 27 anos, e aparenta já ter atingido a casa dos trinta. Informou-nos que isto se deve às suas constantes

No seu apartamento, Bob Falkenburg cuida da grande quantidade de troféus que ganhou em suas memoráveis batalhas de sua vida de tenista. Já na sorveteria, as taças com que lida são bem diferentes: de vidro, papelão e casquinha, elas não custam tanto esfôrço e suor.



preocupações com a sorveteria. E' um rapaz simples e um tanto lacônico, não deixando, porém, de ser agradável. Uma passagem interessante de sua vida desportiva ocorreu na Argentina, em 1946, quando o ás da raquete tomava parte num torneio. No intervalo, entre as partidas que disputava, comeu uma salada de frutas contendo vários morangos. Sendo alérgico a esta fruta, teve um ataque de urticária par todo o corpo, ficando impossibilitado de disputar os «sets» seguintes. Seu adversário, num gesto altamente esportivo, concedeu-lhe a vitória em «Walk Over». Nas finais dêsse mesmo torneio, Falkenburg derrotou o famoso Moréa.

Acha que as partidas mais duras que disputou foram as finais simples, em Wimbledon, onde quase foi derrotado por seu adversário. Estava propenso a representar o Brasil na Copa Davis de 1953, jogando ao lado de Armando Vieira, mas, por motivos alheios à sua vontade, acabou não participando da mesma.

Bob Falkenburg, em sua já longa vida de tenista, ganhou mais de duzentos troféus e medalhas, tendo deixado algumas dezenas na Califórnia, quando voltou ao Brasil. Ali ficou também a mais importante das suas taças, justamente a que conquistou com a vitória no campeonato de Wimbledon. Apesar disso, é bem grande o número de troféus que tem no seu apartamento, e é fora de dúvida, que êsse número ainda tende a crescer bastante, nos próximos anos. Exibiu-nos duas medalhas de ouro, ganhas em Wimbledon: uma, pelo campeonato de simples, em 1948 e outra, pelo campeonato de duplas, em 1947, em que se sagrou campeão ao lado de J. Kramer. Bob mostrou-nos, também, a medalha que é concedida mensalmente ao melhor atleta da Califórnia, à qual êle fez jus com suas magníficas exibições. Tem ainda uma coleção de pequeninas esferas prateadas e douradas, representando bolas de tênis que, nos Estados Unidos, são concedidas aos vencedores dos campeonatos nas diversas classes. E êle tem cêrca de vinte dessas esferas, datadas de 1940 a 1947...

Ainda no setor esportivo, Bob Falkenburg pratica o «golf», tendo-se iniciado em seu país natal. Aqui no Brasil, conseguiu vencer em várias competições, e **(Cont. na pág. 45)**



Os ás americano ao lado do belga Jacques Van Den Eya, em 1947, quando era considerado o número 5 na «ranking list» dos EE.UU.



Nos momentos de folga, êle se distrai com os 2 filhinhos. Não será, talvez, futuros campeões, seguindo o exemplo de seu famoso papai?



inz Falkenburg, a bela morena da foto, ex-estrêla de Hollywood, é irmã do grande tenista. Miss Falkenburg também já estêve no Brasil.

«Short» em lã mescla, usado com blusa em lonita, de mangas três quartos, listradas de verde e branco. Modêlo Jamison, para inverno.

Calças justas, de pescador, em jérsei negro, com blusão largo em lã quadriculada, com arremates de sanfona.



MODELOS ESPORTIVOS



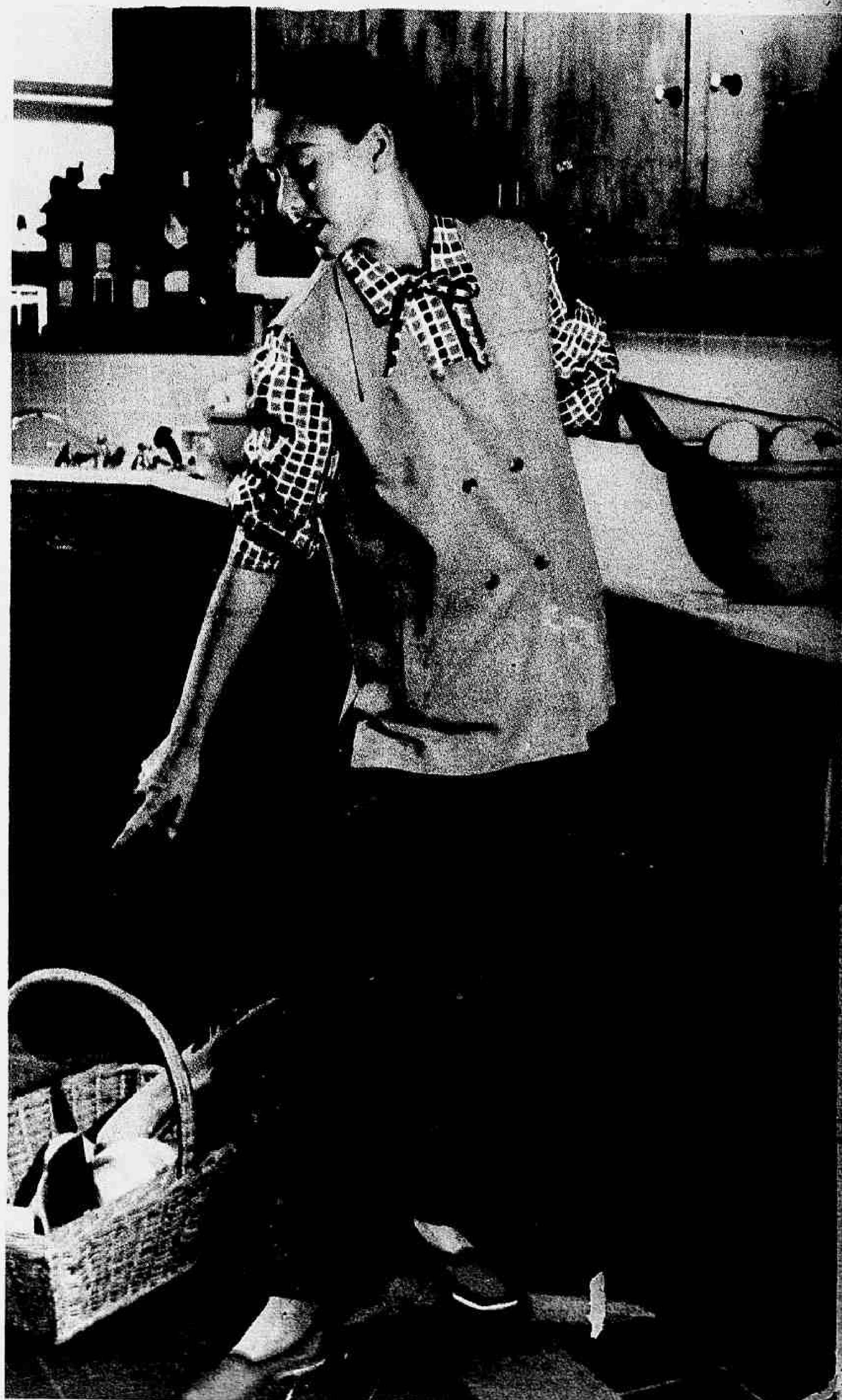
Sôbre um «short» branco, em jérsei de lã, um pulôver folgado, amarelo e prêto, com mangas compridas e gola alta

QUANDO procuramos uma tualete esportiva para o inverno, fazemos duas exigências: que seja quente e confortável. O confôrto do inverno é bem diferente do confôrto de verão. Tem qualquer coisa de íntimo, de aconchegado, de gostoso. Quando saímos, no inverno, para um fim de semana na serra, não pensamos em banhos de piscina, nem em passeios com pouca roupa a sol aberto. Por vêzes, mesmo no sol, há um friozinho que exige agasalho. Preferimos o calor de uma sala fechada. Que o vento passe lá por fora com suas rajadas gélidas! Estaremos jogando uma canasta, lendo um bom livro, conversando, aproveitando o silêncio que nos falta na cidade, ganhando um pouco de paz que não podemos obter na vida atordoada de todos os dias. Ainda que mais fria, a montanha é mais bonita no inverno. O ar é mais puro, as noites são mais estreladas, o céu é mais azul. Tudo isso não é poesia, não. Tudo se reflete nas tualetes que gostamos de usar nesses fins de semana invernais. Alguns modelos práticos e bonitos aparecem nesta página e nas que seguem. — Flama.

Original blusão, em vermelho e negro, usado com calças em lã mescla. Uma criação esportiva para o atual inverno, muito confortável.

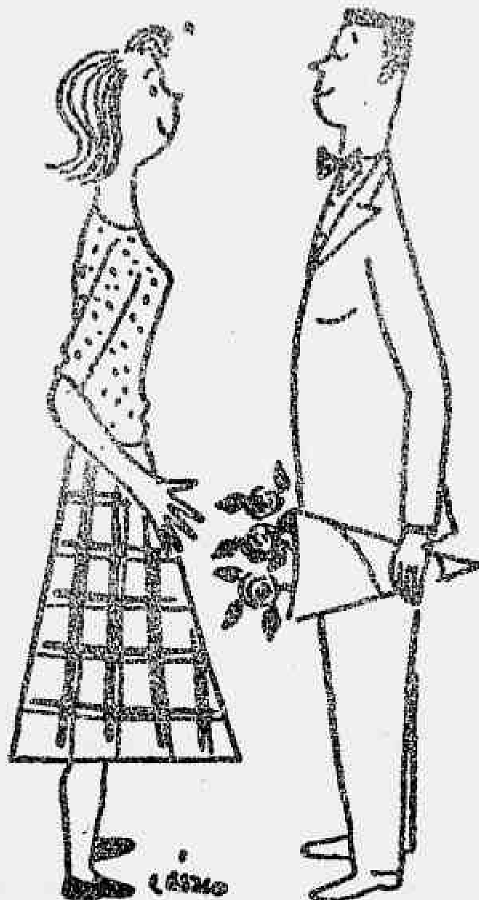


Para ser usado em casa, nas compras ou para fins de semana no sítio, um conjunto em lãzinha fina, com blusinha de algodão quadriculado.



TIMIDEZ

ANTES de falar sôbre a timidez temos que esclarecer que, geralmente, ser tímida é mais uma qualidade do que um defeito. As pessoas tímidas têm um encanto todo especial que desperta simpatia. São mais estimadas do que aquelas que têm um excesso de confiança em si mesmas, sabem falar com todo mundo, e encontram sempre a resposta "na ponta da língua" para qualquer coisa. Há, mesmo, muita gente que julga os tímidos melhores do que são: tomam sua modéstia por discrição, sua moderação por profundidade, e seu silêncio como indício de caráter sério.

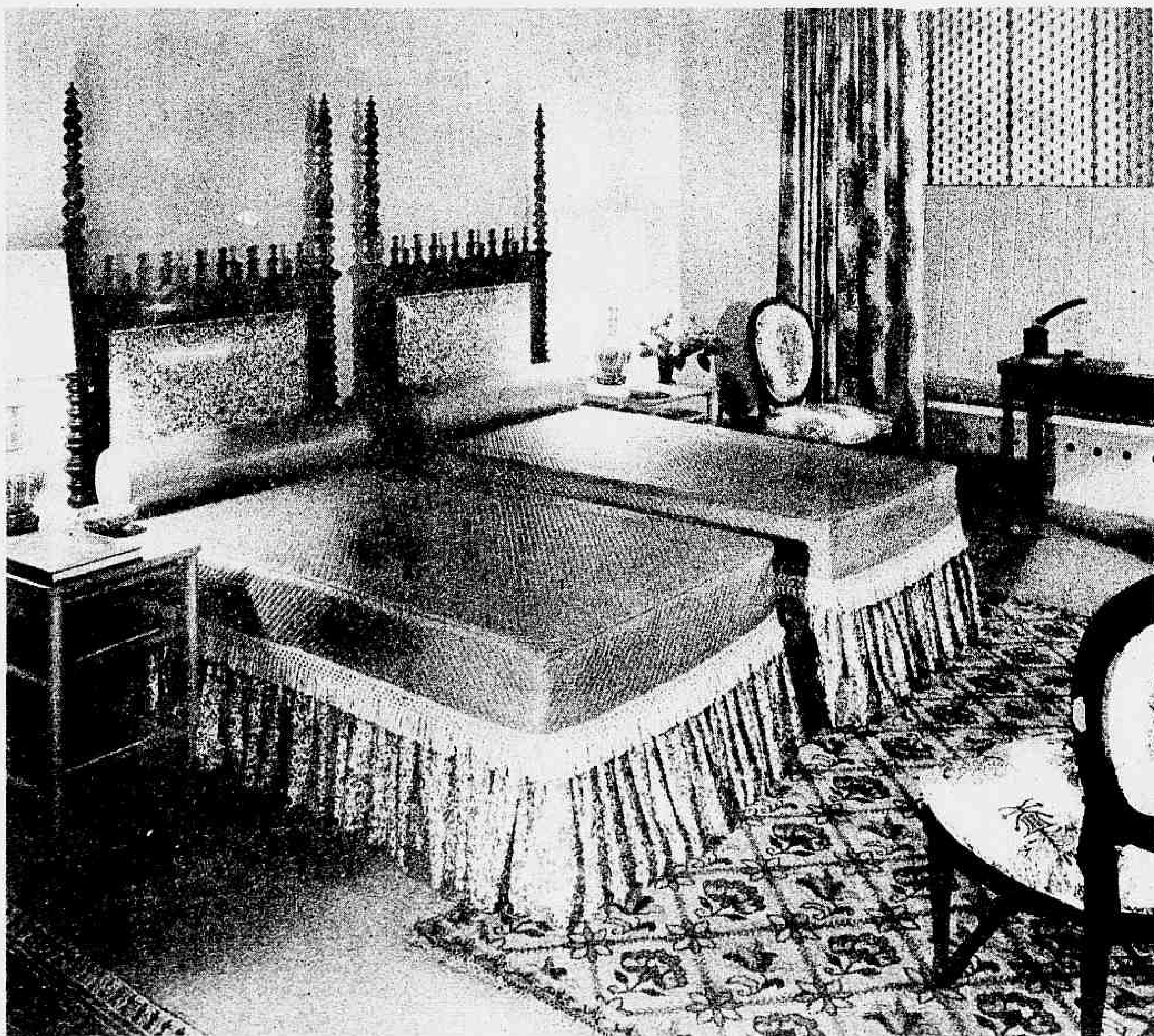


Os jovens são, na maioria das vêzes, tímidos, As vacilações são próprias dessa transição entre a infância e a idade adulta. A timidez é um adôrno para as jovens e elas se lamentariam, provàvelmente, perdê-la, se soubessem o quanto realça sua juventude. As adolescentes que se dizem tímidas percebem isso quando começam a se interessar por algum rapaz. Como invejam as outras que, por vaidade ou audácia, concentram as atenções masculinas em qualquer reunião!

Ficariam mais tranqüilas, porém, se compreendessem que os homens, na maioria das vêzes, sentem aversão por êsse tipo de mulher: êles preferem conquistar a serem conquistados. Não têm muita atração pelas vitórias fáceis. Isso, de um modo geral, porque, na realidade, não há uma norma fixa para se amar ou para se despertar o amor. Existe uma timidez doentia, que só pode ser tratada por um médico especialista, mas a maioria dos tímidos não precisa se preocupar em imaginar-se doente, mentalmente, pois êsses são casos muito raros.

Se você se julga tímida, combata sua timidez sem violentar o seu temperamento. Nada de tornar-se irônica ou mordaz, para disfarçar sua pouca segurança em si mesmo. Não. Lembre-se que o melhor meio para curar a timidez é esquecer-se um pouco de si e procurar ser amável. Lembre-se de dizer ao rapaz de quem gosta que aprecia sua conversa; a uma amiga, que veste um vestido maravilhoso, que seus cabelos estão muito bem penteados e que lhe assentam encantadoramente; aos pais, que têm filhos muito inteligentes... Por menos habilidade que tenha para isso, a pessoa visada não deixará de achá-la encantadora! — L.J.

Sugestões para o lar



AS vêzes, vemo-nos às voltas com uma bonita peça de mobiliário, herança de nossos avós ou de algum tio que conservava com carinho as antiguidades da família. Com estas duas camas em «estilo manuelino», por exemplo. Que fazer com camas apartamento moderno? Seria uma pena, ao contrário, não aproveitá-las para dar um cunho diferente ao seu quarto de dormir.
tão grandes e tão brilhantes num

● Notem como foram transformadas, sem perder, no entanto, suas caraterísticas. As almofadas de palhinha, já velhas, foram substituídas por outras em tecido imitando couro. O mesmo tecido se repete na barra franzida que contorna o colchão. Uma colcha em chintz, de côr lisa, debruada com franjas, completa a decoração da cama. Completou-se o mobiliário com outras peças em jacarandá, em estilo português, estofadas em tecido imitando tapeçaria. Observem, também, o bonito tapête fantasia em côres vivas. A fotografia foi tirada numa exibição de decoração portuguêsa, realizada em Nova Iorque, por William Pahlmann — para o Bazar Português. — Mike.

UM POUCO DE BELEZA

O USO DO ROUGE

O uso do rouge é uma arte e, como tôdas as artes mais ou menos relacionadas com a moda, sofre modificações. Já houve um tempo em que era bonito e elegante pintar duas rodelas de rouge muito forte, uma de cada lado do rosto, conseguindo-se, assim, um aspecto artificial. Hoje, ao contrário, deve-se procurar empregar o rouge de forma a dar ao colorido do rosto um aspecto natural. Para se conseguir um colorido natural, porém, é preciso, antes de tudo, que a tonalidade de rouge que você escolher combine com a côr de sua pele e de seus cabelos e ao mesmo tempo com o seu corado natural. Nas casas especializadas existem muitas tonalidades de rouges, próprias para louras ou morenas.

● Outro ponto importante é **como passar o rouge.** Aí temos que distingüir entre o rouge em pó, em pasta ou líquido. O **rouge em pó** se passa depois de ter completado a maquilagem do rosto, como um retoque final. O **rouge em pasta** — atualmente dos mais procurados — deve ser passado debaixo da maquilagem ou do pó-de-arroz. Precisa ser espalhado com a mão de forma a não ficar uma marca onde começa e onde acaba; ao contrário, deve ir esmaecendo, até desaparecer e se confundir com o colorido da pele. Há quem prefira o **rouge líquido** — por ser mais durável o seu efeito sôbre a pele. Êste, também, se usa por baixo da maquilagem. Um pouco de rouge é necessário para avivar suas côres. Para a noite ou para festas é indispensável.

JÚLIA DE MILO



Patricia Wymore (da Warner Bros.) mostra como o rouge em pó deve ser passado: de leve, com uma esponja.



As mais bonitas sobrancelhas são as que conservam a forma natural e são apenas «acertadas». Vejam como as sobrancelhas grossas de Joanne Gilbert (da Paramount Pictures) contribuem para realçar o brilho de seus olhos.

AS UNHAS DOS PÉS

● As unhas de seus pés devem ser tão bem tratadas quanto as de suas mãos. Mesmo que você não use esmalte nos pés, deverá ter o cuidado de mantê-las sempre limpas, cortadas, limadas e com a cutícula retirada, para que não cubra as unhas. Naturalmente no inverno elas não aparecerão tanto, já que se usam muito mais sapatos fechados do que abertos. Mesmo assim, porém, o cuidado com as unhas dos pés não deve ser pôsto de lado; não sòmente por uma questão de beleza como também de higiene. Se tem as unhas muito curtas, e pinta-as, não deixe meia-lua, que elas parecerão muito maiores e mais elegantes.



A PELE E OS CABELOS

● Há uma relação muito direta entre a pele e os cabelos. Você já reparou que quando seus cabelos estão sujos sua pele não apresenta o mesmo viço? Em geral, quem tem cabelos oleosos, tem também pele oleosa. O melhor meio de contrabalançar êsse excesso de óleo é lavar os cabelos com uma certa freqüência. No intervalo entre um xampu e outro, tenha sempre o cuidado de passar sôbre a pele do rosto e do pescoço, um líquido de limpeza e um adstringente. Escove os cabelos com freqüência para que o óleo se espalhe mais igualmente e não fique limitado ao couro cabeludo, engrossando a raiz dos cabelos.

AS SOBRANCELHAS

● Raras são as pessoas que têm sobrancelhas naturalmente educadas e formando uma linha regular, um arco harmonioso. Ao contrário, quase tôdas as mulheres precisam tirar pêlos supérfluos, num ponto ou no outro das sobrancelhas, para que fiquem mais bonitas e acentuem a personalidade do rosto e dos olhos. A forma geral natural é a que fica melhor para cada uma. Aperfeiçõe essa forma, porém, estudando onde tirar um pouco, aqui e ali. Tanto quanto possível retire sòmente os pêlos que atrapalham a forma geral das sobrancelhas. Se os pêlos são rebeldes, persistem em ficar em pé ou virar para o lado que não devem, procure corrigir isso, aplicando um pouco de óleo e escovando-os pela manhã e à noite.

Apresentamos hoje duas receitas finas — aristocráticas mesmo — para o dia em que você quiser brindar seu marido com um cardápio especial. As ostras, você as encontrará com facilidade no mercado, já sem as conchas. As maçãs são mais em conta nos camelôs das esquinas da cidade. — TIA DULCE.

WEEK-END NA COZINHA



OSTRAS COM CREME

● INGREDIENTES

1/2 litro de ostras
1/4 de xícara de manteiga
Pimenta e noz-moscada
2 colheres das de chá, de sal
6 gemas de ôvo
2 xícaras de creme de leite
6 fatias de torradas, de pão de fôrma.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. **Esquente as ostras com cuidado, no seu próprio líquido, até que as bordas se curvem.**
2. **Enquanto isso, derreta a manteiga em banho-maria. Junte-lhe a noz-moscada e a pimenta (1 pitada de cada) e o sal.**
3. **Bata as gemas, junte o creme e adicione a manteiga, misturando sempre com uma colher de pau, até que forme espuma. (Cuidado para não ferver demais, o creme ficará talhado).**
4. **Arrume as ostras, depois de escorridas, sôbre as torradas. Ponha o creme quente e sirva em seguida.**

Sirva com salada e mais torradas.

MAÇÃS RECHEADAS

● INGREDIENTES

1 quilo de maçãs grandes
1 litro dágua
300 gramas de açúcar mascavo
1 litro de vinho branco
Canela, passas e ameixas pretas.

● **MANEIRA DE FAZER**

1. **Descasque as maçãs e corte-as pelo meio. Retire as sementes de ambos os lados, com a ponta de uma faca e uma colherzinha, formando uma concavidade.**
2. **Ponha numa panela: a água, o vinho branco, o açúcar, um pouco de canela, as passas e as ameixas pretas.**
4. **Vá arrumando as meias maçãs numa travessa grande, com a abertura virada para cima. Encha as concavidades com as passas e ameixas, e derrame sôbre tôdas a calda restante, em que foram cozidas.**

CONSELHOS ÚTEIS

★ *Você tem um aparelho de "waffles" e ainda não experimentou os "waffles" de côco? Espalhe sôbre a massa, antes de fechar a fôrma, uma camada de côco ralado. Fica uma delicia!*

★ *Quer um enfeite diferente para as suas saladas verdes? Corte rodelas de tomate, passe em queijo parmezão ralado e enfeite com elas as saladas. Pode pôr um raminho de salsa no meio das rodelas de tomate, também.*

★ *Uma ótima receita para tirar manchas de frutas é colocar um pouco de bórax em pó e depois coar sôbre as mesmas água fervendo, muito quente. Isso, naturalmente, se o pano fôr lavável.*

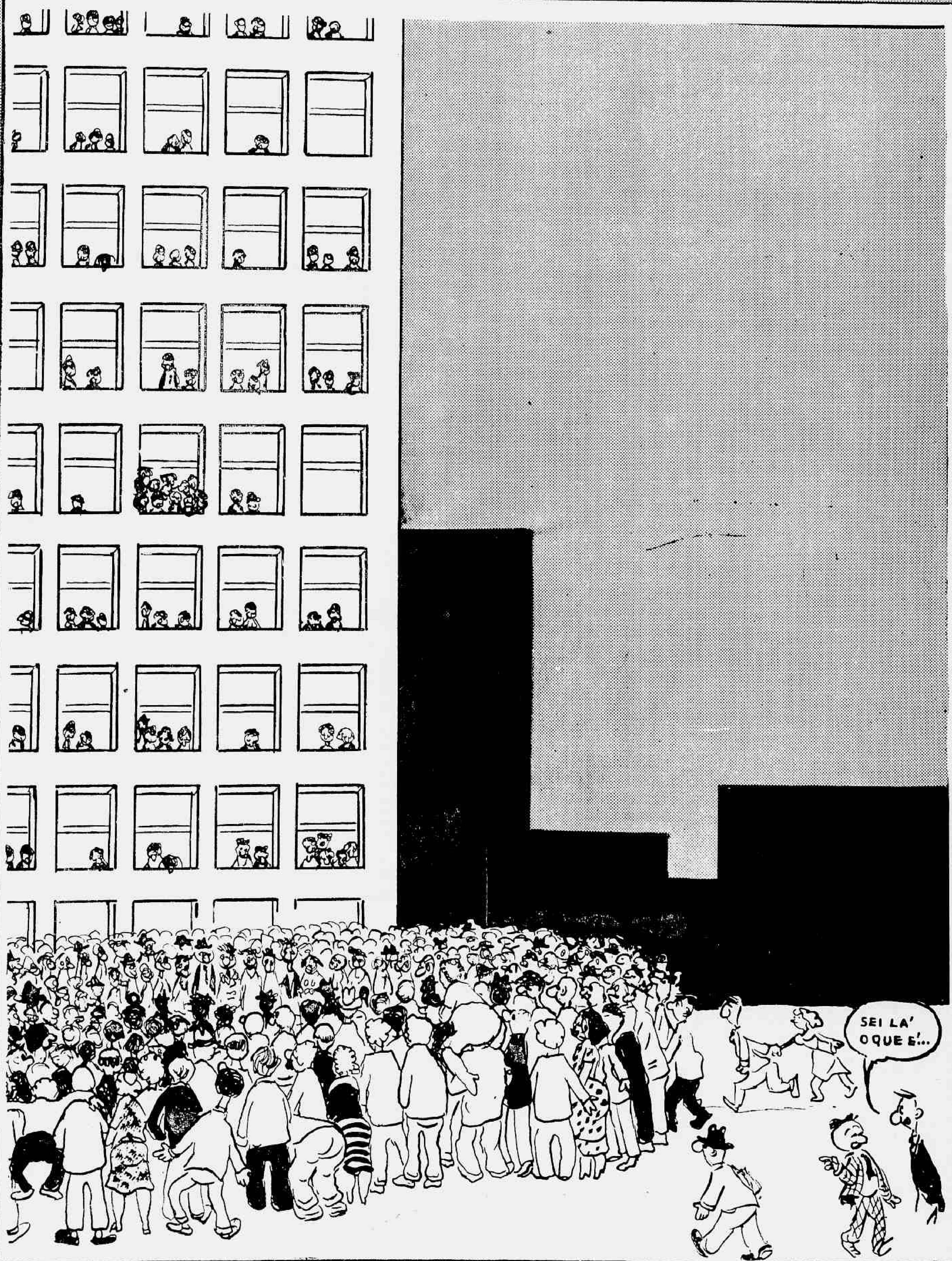
★ *Nunca deixe as verduras para salada muito tempo de môlho dentro dágua. Assim elas perderão sais minerais e vitaminas, principalmente as fôlhas mais delicadas. Lave-as e use-as logo em seguida.*

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

DELÍCIAS CARIOCAS

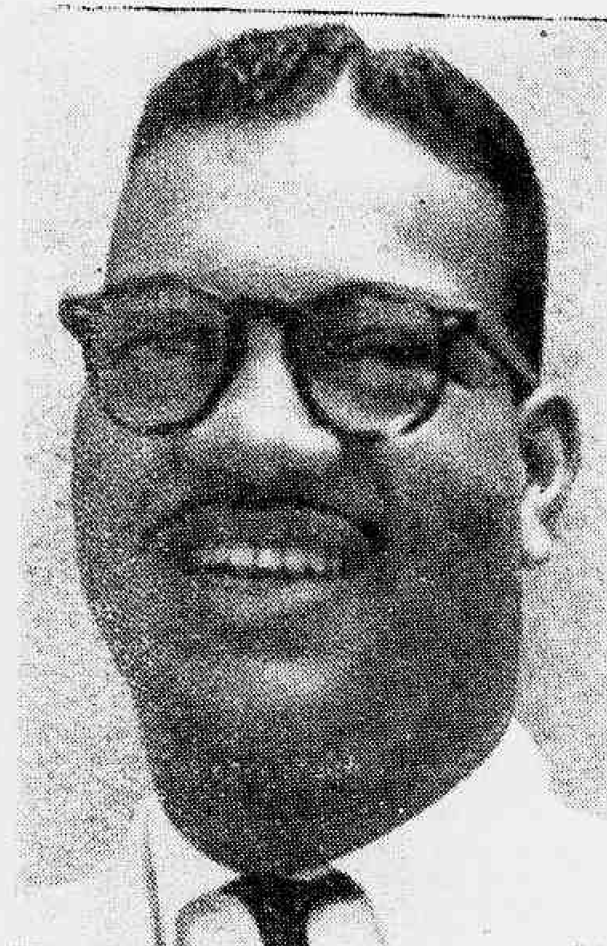
11 -- AGLOMERAÇÕES DE RUA



DE RÁDIO

GUARACY

UM LOCUTOR DE FUTURO



QUANDO de sua permanência na Rádio Guanabara, Jorge da Silva era um dos locutores mais solicitados dentro daquela emissora, por se tratar de um elemento realmente possuidor de qualidades, com uma voz muito agradável e muito seguro nas inflexões, valorizando todos os textos que lhe eram entregues para serem lidos ao microfone. Hoje, Jorge da Silva se encontra atuando ao microfone da Rádio Jornal do Brasil, onde é uma de suas figuras de maior prestígio, sendo usada sua voz nos melhores programas da estação do Jornal do Brasil, além de apresentar algumas atrações de sua autoria, principalmente o jornal-falado, que tem recebido grande aceitação por parte dos ouvintes daquela emissora, que passou a ser uma das mais ouvidas depois que inaugurou os seus 50 «kilowatts».

Jorge da Silva, locutor que vai longe . . .

• UM NOVO AUDITÓRIO

A Rádio Mayrink Veiga depois de passar um período bem difícil, despedindo a maioria de seus artistas e atrasando os seus salários mais de um mês — hoje muito em voga em algumas emissoras — foi vendida, entrando em nova fase, recuperando o seu antigo prestígio, quando era a estação líder do rádio carioca, possuindo um grande «cast» onde despontavam nomes como, César Ladeira, Carlos Galhardo, Carmen Miranda, Barbosa Júnior, Ciro Monteiro, etc., inaugurando o mais moderno auditório de rádio, depois de ter inaugurado um outro dois anos atrás, localizado no segundo andar, quando iniciava então a nova fase de atividades. Trata-se de um auditório, que está situado no andar térreo, de construção original e igual a um teatro, com platéia e balcões inclinados, moderno sistema de refrigeração e um palco de grandes dimensões, com decorações e efeitos de acústica de primeira qualidade, construído pelo talentoso arquiteto Roberto Souza Costa. A inauguração constou de muitas solenidades e uma programação especial que entrou pela madrugada. Que prossiga nesta fase de grandes realizações, são os nossos desejos e de todos os ouvintes.

• A Rádio Mayrink Veiga acaba de lançar uma nova atração no ar, que é apresentada todos os domingos obedecendo ao título «Festa nos Bairros». É um programa interessante e que será transmitido diretamente de uma casa de espetáculos, com a participação de vários artistas populares do rádio. Esperamos que seja um programa de qualidade e não igual a muitos que existem por aí, que no fim não passam de programas de auditório, com farta distribuição de prêmios . . .

• Com o programa «Desafio aos Carrancudos», a Rádio Tupi lançou um outro produtor humorístico no rádio carioca — Rui Lemos. Trata-se de um veterano produtor e rádio-ator característico de São Paulo, que movimentará todo o «cast» de comediantes da rádio, na apresentação de «Desafio aos Carrancudos». A Rádio Tupi reforça, desta maneira, o seu quadro de humoristas, depois de ter contratado Max Nunes por uma cifra astronômica : cinqüenta mil cruzeiros por mês.

• ALVARO MOREYRA NA GLOBO

Retornou ao «cast» da Rádio Globo, estreando no dia 29 de julho, o escritor Alvaro Moreyra, que passou a participar, novamente, das programações daquela emissora, que, assim, voltou a contar com aquela prestigiosa figura. No mesmo dia, a Rádio Globo inaugurou, também, os seus 50 «kilowatts», enfileirando-se entre as grandes estações. Ao que parece, a Rádio Globo também pretende reagir, depois de passar por uma fase delicada, em que despediu todos os artistas, ficando apenas com alguns locutores, reduzindo-se a uma dessas emissoras que sòmente transmitem programas de discos, como é o caso da Rádio Guanabara.

• Com o título «A Dança dos Números», a Rádio Tupi está apresentando todos os domingos às 19 horas, substituindo o antigo programa «Festa na Taba», que era irradiado neste horário, sendo animado e produzido por Fernando José, tendo como a atração o calculista português Manoel Lopes Júnior. O título é sugestivo, mas acontece que o programa talvez siga o mesmo exemplo de outros, transformando-se num dos enfadonhos programas de auditório.

• O produtor J. Caspary está escrevendo para o programa «Seqüências G-3» **um monólogo, que é ouvido todos os dias às 11,45, intitulado** «Pedido a **Santo Antônio»** e interpretado por Leda **Maria. Mais um motivo, portanto, para provocar o interêsse dos ouvintes daquele programa. É um monólogo cômico, onde J. Caspary pode tirar todo o partido de comicidade.**

QUATRO JORNALEIROS . . .

(Cont. da pág. 21)

O «OBRIGADO» DE JIMMY DURANTE

— «Uma das coisas que achei mais interessantes, foi a palavra «obrigado» — disse-me o jornalista Johnny Jones, no «Pão de Açúcar».

A nossa curiosidade foi logo desfeita, com a explicação : — Há vários anos que escuto esta palavra. Conheço-a, porque, o cômico Jimmy Durante, após os seus espetáculos de teatro, fala sempre : — «Ladies and gentlemen : obrigado».

— Nunca soube o que significava, — adiantou-me Johnny — e só vim a saber, após várias anos de ignorância. Eu pensava que esta palavra fôsse uma invenção maluca de sua autoria . . . Fiquei pasmo quando descobri que corresponde a «thank you».

CARETAS

Depois de várias pôses fotográficas no «Pão de Açúcar», os jornaleiros desejaram beber alguma coisa. Tomamos água tônica. Ao primeiro gole fizeram caretas e mais caretas. Todos, sem exceção, acharam um gôsto horrível e perguntaram se não era cerveja velha. Acabaram tomando guaraná, que acharam espetacular . . . Outra coisa que comeram bastante : pipocas. É incrível como êles gostam de pipocas !

Durante sua estada no Rio, em particular, em Copacabana, foram assaltados por garôtas que queriam tirar retratos. Unânimes, declararam que tôdas eram «very pretty» . . .

PAÍSES VISITADOS

A excursão começou a 27 de junho. Já estiveram no Panamá, Quito, Cuzco, La Paz, Buenos Aires, Montevidéu e Rio. Daqui êles foram para Trinidad. Depois para Port of Spain, e em seguida, para New York.

O que mais impressionou os jovens, em tôda esta longa viagem, foram : o Corcovado, o Pão de Açúcar, os churrascos de Montevidéu, a altitude da cidade de La Paz e o Lago Titicaca. Johnny Jones, por sua vez, declarou ao visitar o Jockey Club Brasileiro :

— Já estive no prado de Santa Anita, em Califórnia, considerado o mais belo do mundo. Mas o que vejo, agora, é fora de dúvida, superior a qualquer hipódromo do mundo.

As palmeiras do Jardim Botânico, principalmente a «Palma Mater», que fotografaram em todos os ângulos possíveis, deslumbraram os jornaleiros. Êles preferiram a praia a qualquer outro tipo de diversão. Estão todos queimados e querem mais sol ainda. Ficaram hospedados no «Copacabana Palace» e chegaram ao Rio, de madrugada, pela «Pan American». E deixaram o Rio rumo a «Port of Spain».

O LAGO DA SAUDADE

(Cont. da pág. 19)

fazenda quase o dia todo, ansioso. A verdade é que desde a véspera se achava inquieto. No domingo, após o café, consultava o relógio repetidas vêzes, saía ao terreiro, dava uma volta, sempre com os olhos na entrada, vigiando. As horas passaram-se, monótonas; ficou aflito. Depois do almôço, um amigo veio buscá-lo para um passeio à cidade, e êle foi aborrecido, depois de alguma insistência. À noite, voltou mais cedo que de costume, e soube que Rosana estivera ali. Entristeceu. O saber que ela aceitara o cargo, acalmou-o um pouco.

Já se estava em princípios de março, quando Rosana voltou à fazenda, para lecionar. Fernando achava-se na Universidade de São Paulo.

Um mês depois, inesperadamente, chegou o rapaz à fazenda. Alegou necessitar de alguns livros. No dia seguinte levantou-se tarde, e não via chegar a hora de terminar a aula. Tomou o café, voltou ao quarto e ficou à janela, a observar. A escola ficava à frente de seu quarto. Consultou o relógio. Pouco depois, viu saírem os alunos em meio de gritaria. Encaminhou-se para a escola, disfarçando, chegou à porta e bateu palmas. Rosana demorou-se a atendê-lo; estava sòzinha, olhando alguns exercícios. Ergueu os olhos, levantou-se e dirigiu-se à porta.

— As ordens ! O senhor parece-me ser . . .

— Fernando Rubens, adiantou êle.

— Lembro-me, sim ! O filho do sr. Guilherme ? Não deveria estar já na Universidade ?

— Realmente, estava lá, mas precisei de alguns livros. Uma vez aqui, lembrei-me de visitar a escola e a senhora.

— Obrigada !

Rosana convidou-o a entrar, mostrou-lhe a sala das aulas, que êle já conhecia demais, falou dos alunos, de que estava gostando muito, que era estimada, que se ia esquecendo da cidade, e outras coisas, que Fernando escutava com prazer.

Dessa visita à convivência, foi um pulo. Fernando adiou a volta o mais que pôde, e não ocultou seu desejo de passar todo o tempo junto de Rosana. Esta o recebeu com satisfação.

★

Esse, o primeiro capítulo do romance. Pouco tardou que o amor sentasse à porta do coração de Rosana; ali entrou, cresceu rápido e violento, capaz de qualquer decisão. Nas férias de junho, com pesar, Rosana deixou a fazenda, antes da vinda de Fernando. Êste, não a encontrando, correu à casa do tio dela, e só foi achá-la em casa dos pais, onde o receberam alegres. Chegou até a correr que êle veio pedi-la; realmente, Fernando lhe falou em casamento.

Não faltou quem contasse a Rosana que Fernando era noivo, e iria casar-se dentro de um ano, ou menos. Embora

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2 BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 88 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

grande fôsse o amor que sentia pelo filho do fazendeiro, ela estimou saber em tempo aquela notícia; esperou pacientemente, mas tinha a morte no coração. Fernando foi obrigado a vir à fazenda visitar o pai, que adoecera gravemente; medicado, entrou logo em convalescença. Rosana procurou-o. Agora, raro lhe passava o sorriso pelos lábios. Fernando notou a diferença e estremeceu. Rosana aproveitou a ocasião em que estavam sós, olhou-o demoradamente e apenas perguntou :

— Quando é o seu casamento com Regina ? !

O tom com que foram ditas estas palavras, bem revelou a dor que ia na alma de Rosana. Fernando empalideceu e nada disse. Rosana agradeceu-lhe a verdade e retirou-se.

No dia seguinte, antes da aula, Fernando procurou-a; em vão quis desculpar-se; disse que não amava Regina; que iria desfazer o noivado . . .

— Não, Fernando, ela tem mais direito que eu ! Cheguei um pouco tarde ! Não quero !

Daí por diante, Rosana o tratava com aparente indiferença, mas o amor, êste não mudara em ambos os corações.

Em cumprimento à promessa do pai e também à sua, sem esperanças de possuir Rosana, Fernando casou-se. Rosana estêve presente a tôdas as cerimônias, que se realizaram na fazenda. Acompanhou tudo com o olhar meio baço, perdido, como um corpo, cuja alma estivesse prestes a abandoná-lo.

Tarde. O sol lentamente se ia escondendo; a escuridão avançava triste, triste como agora a existência de Rosana.

O estrépito da festa espalhava-se ao longe. Rosana desceu à cavalariça, encilhou um animal, à pressa, montou-o e galopou.

Quando deram por sua falta, era madrugada. Procuraram-na, em vão, por tôda parte, aflitíssimos. Só encontraram seu animal, nas proximidades do lago.

★

— Fernando ! Fernando ! Por que tanta demora ? Temos muito que fazer hoje !

Fernando teve um sobressalto; aquêle chamado o revocou à vida. Levantou-se e caminhou para sua espôsa, que se achava à frente, ao alto de uma pedra, na margem oposta do lago.

— Ninguém soube onde encontrar Rosana, ninguém ! exclamou Fernando, com a voz prêsa pela emoção, enquanto andava. Uma lágrima brotou-lhe nos olhos, cresceu e caiu.

Ainda uma vez olhou o lago, e as águas indiferentes continuavam a encrespar-se leve, suavemente.

DE TENISTA A SORVETEIRO

(Cont. da pág. 37)

tivemos oportunidade de observar alguns dos seus troféus nesse esporte.

Além dêsses esportes, voltou sua atenção para o automobilismo, nos últimos meses e, para tanto, adquiriu um possante «Jaguar 1953», com o qual disputou, em princípios de julho, a corrida de arrancada, na Lagoa Rodrigo de Freitas. Para sua surprêsa e contentamento, sagrou-se vencedor da prova. Animado, por essa «performance», tomou parte na Subida das Canoas, uma semana depois, colocando-se em segundo lugar. Como vemos, Bob Falkenburg não restringe sua vitoriosa atividade, apenas ao tênis. Confessa-nos, no entanto, modestamente, que não passa de um amador principiante no automobilismo e que, graças ao bom carro que possui, aliado ao fator sorte, conseguiu tais resultados.

Quanto à sua sorveteria, ela lhe deu bastante trabalho, no início — Bob ia para lá de manhã e voltava de madrugada. Agora, porém, tudo corre bem, e êle tem mais tempo para descansar.

Perguntamos se gosta do Brasil e do Rio, e êle respondeu que o Rio é uma ótima cidade; depois de Los Angeles, é uma das que mais lhe agradam. Está bastante satisfeito no Brasil. Mostrou-nos retratos de seus dois filhos, que pouco depois tivemos oportunidade de conhecer ao seu lado. O menino conta cinco anos e a menina, dois.

Antes de despedir-nos, Bob Falkenburg deu-nos ainda pequenas particularidades de sua vida, que registramos com curiosidade : sofre de alergia, especialmente em relação a morangos. Depois que retornou ao Brasil, foi atacado de sinusite e asma, um dos motivos pelos quais resolveu tirar um bom descanso em suas atividades esportivas. Mas, como o esporte é algo que lhe está profundamente arraigado no íntimo, pretende retornar ao tênis, a fim de recuperar a antiga forma, que lhe valeu tantos e tão merecidos triunfos.

RESPOSTAS DAS PÁGS. 32/33

Puxe pelo cérebro

1 — Guerreiro
2 — Éfeso
3 — Culliman
4 — Seis
5 — Que não murcha
6 — Adjetivo
7 — Fóssil (acento tônico na primeira sílaba)
8 — Mineral
9 — Num navio
10 — Quicé
11 — Fúnebre
12 — Destruidor
13 — Maçon
14 — Serpente africana
15 — Himeneu

Quem disse isso :

1 — Tolstoi
2 — La Rochefoucauld
3 — Sêneca
4 — Alexandre Dumas, pai
5 — Sêneca



DE CINEMA

NEWTON COUTO

ROMANCE PROIBIDO



Dany Robin e Daniel Gelin numa das cenas principais de «Romance Proibido».

«Romance Proibido», pode ser assistido sem receio, pois é um espetáculo interessante, onde o bom gôsto predominou em larga escala. A adaptação, cenário e diálogos de Michel Audiard refletem, claramente, a inteligência com que soube conduzir a história, apesar da mesma carecer de mais substância, que justificasse a profunda investigação que fazem em tôrno do suicídio do casal de namorados. Mesmo assim, não prejudica muito o espetáculo, pois «Romance Proibido» tem uma narrativa muito intensa, que faz o espectador esquecer por completo esta falha da história. No elenco, encontramos grandes composições de tipos como, por exemplo, Louis Jouvet, que faz o inspetor de polícia Ernest Plonche, muito parecido com aquêle que fêz em «Crime em Paris». É seu último trabalho no cinema, tendo falecido logo após a filmagem, quando o celulóide se encontrava em montagem. Georges Chamarat no pai do rapaz (August Bompart), está esplêndido, interpretando com rara felicidade êste tipo, demonstrando ser um ator de alto quilate artístico, que justifica a sua inclusão na «Comédia Francesa»; Daniel Gelin no rapaz Jean Bompart mostra que é realmente um grande ator, porque compõe outro tipo completamente diferente dos anteriores. Vai longe êste rapaz ! Marcel Herrand, que também acaba de falecer recentemente, vive a figura do industrial Charles Mareuil com aquela classe que lhe é peculiar; Dany Robin na pequena Catalina, deliciosa e extraordinária; e Yolande Laffon na pele de Mme. Mareuil, sóbria.

● A música de Paul Misraki, que se assemelha muito ao estilo dos compositores cinematográficos do cinema norte-americano, sublinha de maneira inteligente a «Romance Proibido», mostrando novamente o seu valor artístico tantas vêzes presentes em «Crime em Paris», «Rumo a Paris», etc. A fotografia de Louis Page, se bem que prejudicada por uma má revelação, tão característica ao cinema francês, é muito boa, apresentando composições muito bonitas e de grande efeito. A direção de Guy Lefranc é segura, conduzindo com bastante firmeza os momentos de maior lirismo, além de tirar o maior proveito do talento dos elementos que contou dentro da película. (Distribuição da França Filmes).

O PALHAÇO

«O Palhaço» (The Clown), que a Metro produziu, serviu para mostrar que Red Skelton é, realmente, um ator de grandes qualidades artísticas. De um antigo argumento filmado com o título de «O Campeão», tendo nos principais papéis o falecido Wallace Berry e Jakie Cooper, sob a direção de King Vidor, a Metro deu essa grande oportunidade a Red Skelton, modificando apenas a figura principal, que era a de um «boxeur», para a personalidade de um palhaço. O argumento e cenário, poucas modificações sofreram, preferindo a Metro conservar o conteúdo do trabalho anterior, sendo apenas de mau gôsto o acréscimo daquela seqüência de «ballet» do filme «Escola de Sereias», mas que de nenhuma maneira poderia ser colocado dentro de uma tragédia como é «O Palhaço», principalmente por tratar-se de uma seqüência filmada em tecnicolor, com dupla iluminação e que ao ser transportada para o prêto e branco, destoa completamente da unidade fotográfica.

● Red Skelton tem o melhor trabalho de sua carreira em «O Palhaço», vivendo um personagem altamente dramático, demonstrando que pode desempenhar grandes papéis no cinema, ao invés de estar fazendo essas baboseiras que a Metro lhe reserva quase sempre. É um ator de muita sensibilidade. Secundando-o, há o ator juvenil Tim Considine, que compõe com grande talento a figura do filho de Red Skelton. Mostra que não é um dêsses garotos precoces, mas um verdadeiro ator. A fotografia de Paul Vogel, premiado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood em «O Preço da Glória» e responsável pela esplêndida fotografia de «A Dama no Lago», nada tem de extraordinário, sendo apenas uma fotografia comum, mas muito bem cuidada na composição e na iluminação, prejudicada ùnicamente na unidade pela seqüência que foi introduzida e que comentamos acima. A música de David Rose, o ex-espôso de Judy Garland, é simples e sem nenhum virtuosismo, mas sublinha de maneira aceitável. O diretor é o veterano Robert Z. Leonard, que demonstra que ainda pode fazer alguma coisa no cinema, conduzindo com muita firmeza e inteligência a narrativa inteligente de «O Palhaço».

INAUGURADO O "TEATRO DO RÁDIO"!



O sr. José Américo, Ministro da Viação e Obras Públicas, assiste à programação inaugural do teatro do rádio, ao lado do sr. Antenor Mayrink Veiga, presidente da PRA-9.

NO dia 17 do mês passado a Rádio Mayrink Veiga inaugurou o seu novo auditório, o «teatro do rádio», em cerimônia das mais expressivas, à qual estiveram presentes inúmeras personalidades. Em seguida à bençâo, pelo Bispo dom Pedro Massa, o Superintendente da emissora, doutor Gilson Amado, proferiu palavras alusivas ao acontecimento. O ato foi prestigiado por ilustres figuras do nosso mundo social e político, entre as quais os Ministros Antônio Balbino, José Américo e Tancredo Neves, titulares das pastas de Educação, Viação e Justiça; o sr. Lourival Fontes, chefe do gabinete civil da Presidência da República; o senhor Nereu Ramos, presidente da Câmara dos Deputados; o sr. Manoel Barcelos, presidente da A.B.R.; o ex-ministro da Justiça, embaixador Francisco Negrão de Lima, numerosos congressistas, intelectuais artistas, etc. O novo auditório da Mayrink — perfeito em acústica, decorações, ar condicionado — está localizado no andar térreo e será um centro de cultura popular diferente, promovendo debates sôbre os problemas do povo, conferências e atividades culturais. Nas gravuras que ilustram estas páginas, flagrantes da inauguração do teatro do rádio.



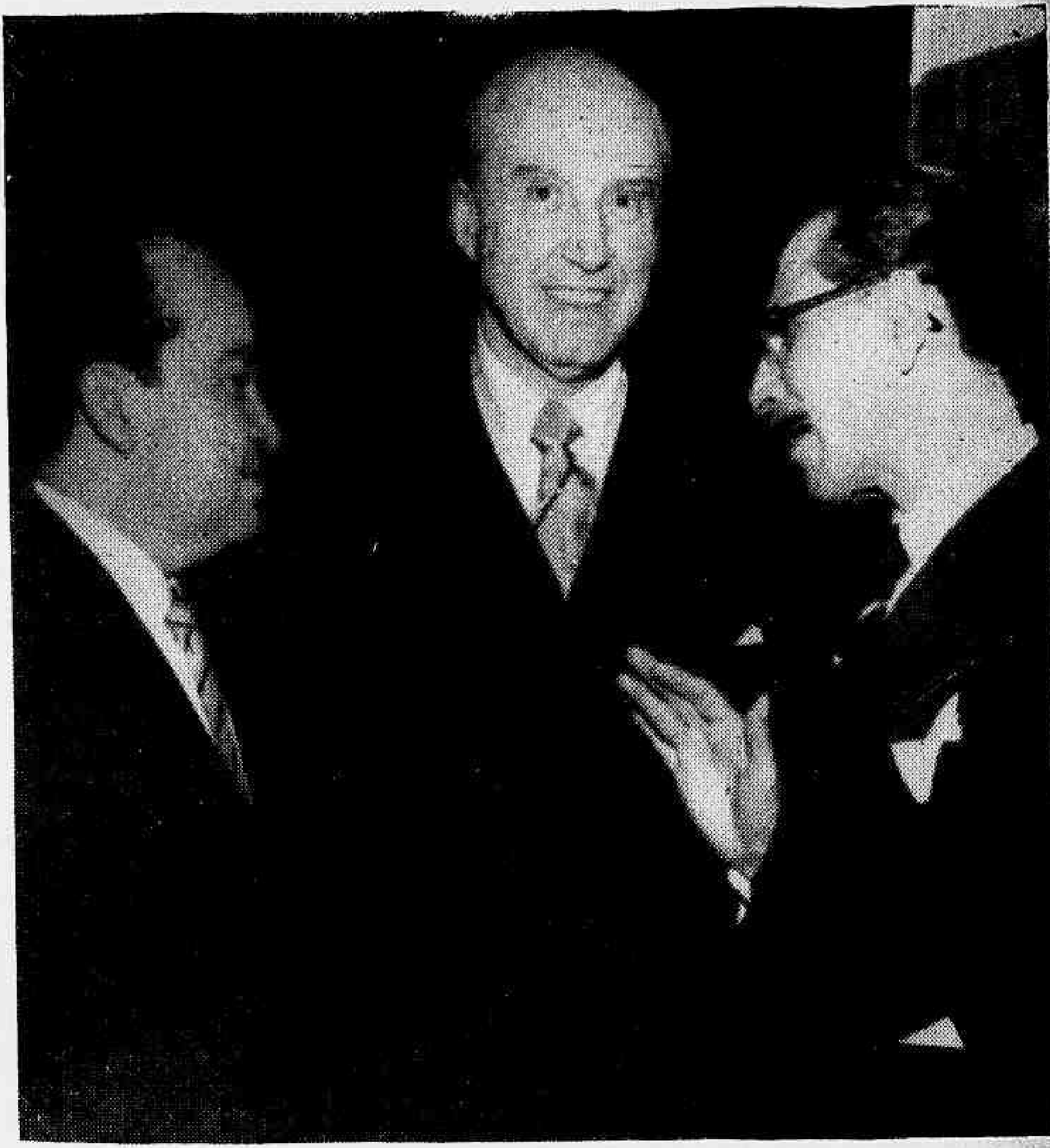
O Ministro José Américo quando chegava à Rádio Mayrink Veiga, falando à reportagem da PRA-9 sôbre o expressivo acontecimento



Flagrante de quando o doutor Gilson Amado recebia, no saguão da Mayrink Veiga, ilustres personalidades do mundo social e político.



O Ministro da Justiça, sr. Tancredo Neves, à sua chegada à Mayrink Veiga, recebe os cumprimentos do dr. Gilson Amado e diretores da emissora.



O dr. Gilson Amado ouve as palavras de admiração do deputado Tenório Cavalcânti, a respeito da PRA-9. Presente o sr. Xavier da Silveira.

Flagrante do auditório da Mayrink Veiga, o teatro do rádio.



PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 66

A	Maconha ou cânhamo europeu →	37	134	43	13	83	105	■
B	Rumores súbitos; crepitações →	56	21	11	111	29	90	137
C	Em tempo anterior →	77	17	34	7	133	■	■
D	Permissão; autorização →	84	12	76	121	33	44	113
E	Volume enorme; massa informe →	31	92	9	18	■	■	■
F	Encontro, choque impetuoso →	20	55	115	124	66	96	■
G	Chamou; implorou →	25	47	74	6	19	136	59
H	Monstro fabuloso, com cauda de serpente, garras e asas →	40	24	118	2	79	16	■
I	Instrumento de costureira →	131	5	71	117	53	38	■
J	Flores do goiveiro →	107	48	67	98	127	14	■
K	Clima →	73	3	126	22	■	■	■
L	Pede por meio de requerimento →	100	28	58	82	4	123	■
M	Respira ruidosamente, dormindo →	50	64	125	132	26	88	70
N	Enrolo; movo em espiral →	94	68	110	52	36	135	80
O	Embaraçar; estorvar; privar →	122	8	130	104	51	112	■
P	Entra na foz (um rio) →	99	57	49	109	86	69	■
Q	Tiras a roupa →	63	30	95	81	116	128	■
R	Junção; adesão; casamento →	41	103	85	15	54	■	■
S	Privados da vista →	129	39	101	75	61	■	■
T	O mesmo que empolas →	23	72	91	46	120	87	65
U	Não resistes; condescendes →	78	32	93	62	114	■	■
V	Suaves; brandos →	45	97	60	108	35	119	■
W	Motivo; tempo disponível →	1	42	10	27	106	89	102

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

W 1	■	H 2	K 3	L 4	I 5	G 6	■	C 7	■	O 8	■	E 9
W 10	B 11	D 12	A 13	■	J 14	R 15	H 16	■	C 17	E 18	G 19	F 20
B 21	K 22	T 23	H 24	G 25	M 26	W 27	■	L 28	B 29	Q 30	E 31	U 32
D 33	C 34	V 35	N 36	■	A 37	I 38	■	S 39	H 40	R 41	W 42	A 43
D 44	V 45	T 46	■	G 47	J 48	P 49	M 50	O 51	■ .	N 52	■	I 53
R 54	F 55	B 56	P 57	■	L 58	G 59	V 60	■	S 61	U 62	■	Q 63
M 64	T 65	F 66	J 67	N 68	P 69	■	M 70	■	I 71	T 72	K 73	■
G 74	S 75	D 76	C 77	U 78	H 79	N 80	■	Q 81	L 82	A 83	D 84	R 85
P 86	T 87	■ ,	M 88	W 89	B 90	■	T 91	E 92	U 93	N 94	■	Q 95
F 96	V 97	■	J 98	P 99	L 100	S 101	W 102	R 103	O 104	A 105	■	W 106
J 107	V 108	P 109	N 110	B 111	O 112	■	D 113	U 114	■	F 115	G 116	I 117
H 118	V 119	■	T 120	D 121	O 122	L 123	F 124	M 125	■	K 126	■	J 127
Q 128	■	S 129	O 130	I 131	M 132	C 133	A 134	N 135	G 136	B 137	Otaner	

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 65 — J. ESTEVÃO — DISCURSOS POLÍTICOS — «Eu tenho asco à guilhotina e não tenho consideração pela espada, quando ela serve a violentar os povos, já porque a guilhotina é sempre a ignomínia das revoluções, e a espada muitas vêzes o opróbrio dos governos»

OS SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

AUTO SUGESTÃO (III) — Devemos condenar o hábito que certos professôres têm de pôr em relêvo, sem piedade, os menores pecadinhos, não os perdoando nunca. «É preciso, dizem êles, sublinhar em nossas crianças, qualidades que as tornariam vaidosas, pondo em maior relêvo outras, aumentando-as mesmo, um pouco», de modo a fazê-las compreender que não são, como pensam, superiores. Que êste método seja útil, quando em presença de crianças excessivamente vaidosas, a coisa é possível, desde que se não exagerem as críticas e se as não renovem à cada instante, porque elas irritariam o mal sem o curar, mas, em todos os outros casos êste método é mau e perigoso. Seus efeitos sôbre a sensibilidade são necessàriamente variáveis segundo os indivíduos e as circunstâncias são, quase sempre, desagradáveis, suscitando uma irritabilidade e uma suscetilidade incômodas, provocando ciúmes e revoltas. Escutando um mestre que, à cada instante, parece ter prazer em assinalar as suas fraquezas; que, antes de cada exercício, sem uma palavra de encorajamento, sem um testemunho de confiança lhe prediz insucessos, a criança ficará indignada. Como não ficará ela odiando o estudo e, possìvelmente ao próprio mestre? Ficará indiferente, no futuro, a qualquer elogio ou a qualquer reprimenda. Sôbre a inteligência a sua ação é sempre deprimente. Encorajar uma criança, depositando sua confiança em trabalhos futuros, quando corrigindo os erros cometidos, é dar-lhe esperança que alegra e prepara-lhe o sucesso. O primeiro método provoca o mêdo de errar; isto cega e paralisa, fazendo com que a criança se acredite incapaz de compreender. À fôrça de ouvir dizer que é um tolo, um incapaz, acaba por se convencer, destruindo-se, pois no porvir, repetirá inconscientemente e não vencerá sem o auxílio de um psicanalista. É necessário encorajar a criança à luta, para torná-la independente e livre.

● **Temos assistido a alguns casos de adolescentes que mal começaram a viver e já se acreditam fracassados. Um dêles, ùltimamente, era uma vítima de um professor de ginásio que lhe tendo corrigido alguns deveres positivamente descuidados, tornou-se-lhe um algoz, desistindo de ler os demais deveres, para os quais o nosso observado votara todo o esfôrço possível em sua idade. — «Você é caso perdido; por que não desiste e vai procurar outra vida?» Outras vêzes, não procurando sentir o desejo de recuperação do estudante, prometeu-lhe reprovação, nas provas finais. O moço desistiu sem relatar aos pais o sucedido. Agora, aos vinte e cinco anos de idade, bancário, tendo-se-lhe oferecido boa oportunidade de promoção, dependente de concurso, para o qual se preparara, temia fazê-lo. Surgia o espectro do «mestre» ignorante dos princípios comezinhos de psicologia.**

● Temos que educar os «nossos educadores», para que êles possam educar os nossos filhos. Fujamos das fachadas e dos «ranzinzas»; de todos aquêles que separam os nossos filhos em grupos de primeira, de segunda, etc.; dos que selecionam crianças pelas aparências e descobrem «retardados» pelo cheiro e pela voz. Devemos ser contra o exagêro e a grandeza em tôdas as suas formas e ficarmos com as fôrças moleculares morais e invisíveis que atuam de indivíduo para indivíduo, irrompendo através das fendas do mundo como tantas radículas minúsculas, ou como a transpiração capilar da água, abrindo, contudo, brechas nos mais duros monumentos do orgulho humano, se lhes dermos tempo. Quanto maior é a unidade com que tratarmos, mais vasia, mais brutal, mais falsa é a vida que ela tem. Por isso devemos ser contra as grandes organizações como tais, principalmente e acima de tudo, se são nacionais.

Temos de educar muitos dos «nossos educadores». Teofrasto, sustenta que são passíveis da mais grave censura os erros cometidos com prazer consciente do que aquêles a que acompanha o sofrimento. No primeiro caso o homem é vítima da injustiça, pois foi a dor que o arrastou à cólera, no outro, porém, foi êle mesmo que procurou ser injusto, porque, voluntário, entregou-se ao êrro.

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... Profissão ....

Residência ....

Sensacional!
CR.$ 50
ÁLBUM RUBRO NEGRO
CR.$ 40
ÁLBUM DO CRACK
CR.$ 5
CRACK
VIDA DO CRACK
ADEMIR
BIGUÁ
ZIZINHO
CASTILHO
SANTOS
PINGA
À venda nas bancas de jornais
Pedidos pelo Reembôlso Postal à Editôra Brasilidade Limitada. Rua da Quitanda nº 59-2º and. Rio de Janeiro — C. Postal 2733

ARABELLE a última sereia



Reina a maior alegria entre todos os presentes e Arabelle está encantada com a jovialidade do chefe de polícia. Mas, de súbito, chamam-no ao telefone. Era um caso urgente.



Instantes depois volta a autoridade, com o semblante visivelmente conturbado. E dá uma infausta notícia aos presentes: «Caiu um avião de passageiros ao largo das costas da Califórnia e o mar está bravo.



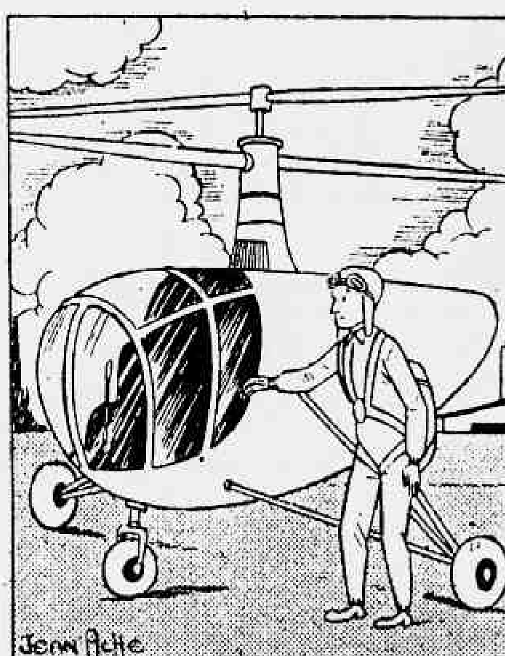
Arabelle, sabendo das dificuldades do salvamento dos passageiros e tripulantes, se oferece. Teria muita satisfação em socorrer os sinistrados. Era uma prova de sua dedicação à humanidade.



Bimbleton e o chefe de polícia procuram dissuadi-la de seu intento; mas ela insiste com veemência e Pat consente em levá-la imediatamente até ao Ministério.



Momentos depois, recebe ela todo o equipamento para saltar no local do desastre. Ràpidamente um carro levou-a ao aeroporto.



Pela manhã, despediu-se dos seus amigos e foi tomar o helicóptero, pilotado por um dos melhores aviadores do país



Ao chegar ao local indicado, entre fortes trovões e relâmpagos, ela vê o horror da catástrofe: todos os passageiros lutando agarrados aos destroços



Arabelle pede ao aviador que a deixe perto do avião sinistrado que imerge aos poucos. Ela terá que nadar cêrca de um quilômetro.



O aviador fica perplexo. A moça vai ser tragada pela fúria das imensas ondas. Ela nada, mas, já começavam a lhe faltar fôrças.



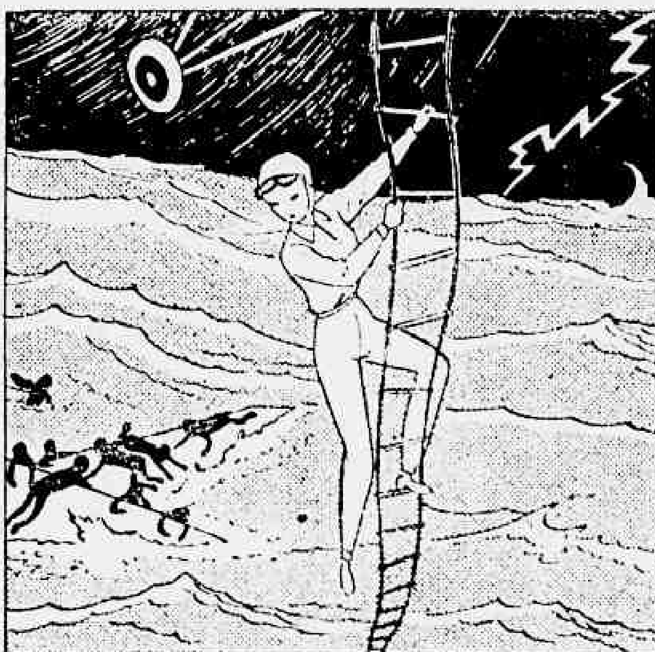
Procura livrar-se das ondas e se aproxima dos náufragos, por entre objetos e caixas a flutuar ao léu da sorte.



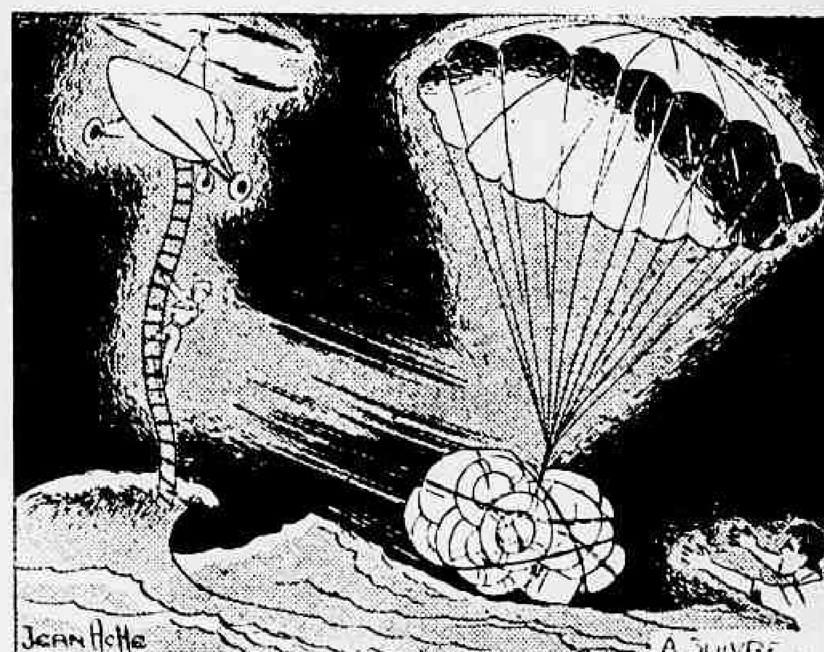
Encontra vagando um volume e sobe para descansar e refazer-se. Perto, uma senhora grita angustiosamente por socorro, tendo em seus braços uma inocente criancinha.



O pilôto continua a circular sôbre o local do acidente e atento ao menor sinal de Arabelle. A borrasca prossegue com sua fúria assassina e os trovões estrondavam ensurdecedoramente. O mar está terrível.

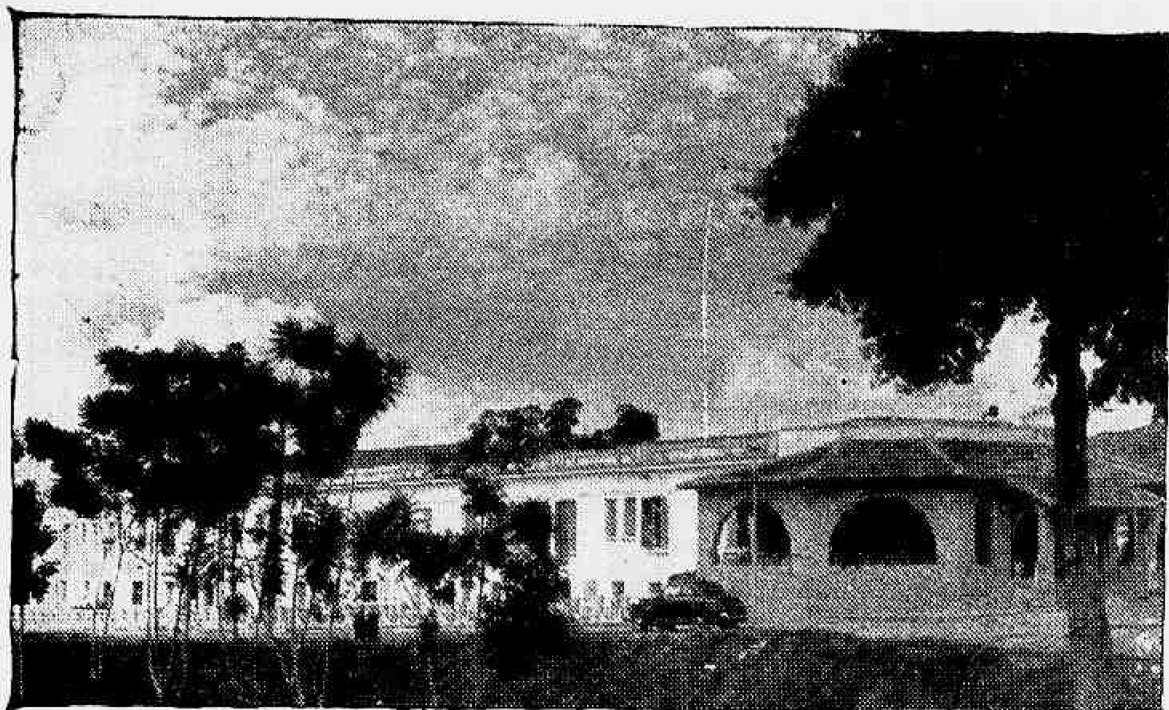


Arabelle pede que estenda a escada. O pilôto imediatamente a atende. A moça se agarra nas cordas e sobe até ao bôjo do helicóptero. Os náufragos apreciam o lance.



Logo que Arabelle chega ao helicóptero, joga de bordo um enorme pára-quedas todo cheio de bóias, garrafas térmicas e outros objetos para alimentar os pobres náufragos e ajudá-los a se salvarem.

História de VANIA LAUREZ — Desenhos de JEAN HACHE



ÁGUAS DA PRATA

ESTADO DE SÃO PAULO

Telefones 41, 20 e 29 (Rêde interna)

GRANDE HOTEL PRATA

Avenida Vichy Nº 9

O mais bem montado da Estância — 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados, com telefone em todos os aposentos



- SALÃO PARA CRIANÇAS
- SALÃO DE CHÁ
- SALÃO DE JOGOS
- SALÃO DE ESTAR E FESTAS
- CINEMA ÒTIMAMENTE INSTALADO
- BILHAR E «SNOOKER»
- BAR BEM INSTALADO
- BARBEARIA E MANICURE

RESERVAS PELAS EMPRÊSAS DE TURISMO, OU DIRETAMENTE PARA O HOTEL POR CARTA, TELEFONE OU TELEGRAMA.

★

Até 30 de dezembro: desconto de 20% sôbre os preços da tabela.



DE TEATRO

J. TEIXEIRA

OS IDEALISTAS

INICIANDO a temporada de 1953-1954, ao mesmo tempo que comemoram o 2º aniversário de suas atividades teatrais, «Os Idealistas» vão reaparecer nos dias 24 e 28 de agôsto no Teatro da A.A.B.B., antigo Cassino Atlântico, apresentando a comédia de Geraldo Campos «Meus Adoráveis Amigos», sob a direção artística de Daniel Rocha, com Lícia Magna, Cícero Nadis, Eunice Fernandes, Ester Hagk e Ademar Alvim, sendo os cenários dêste último. Trata-se de um conjunto de amadores, que vem trabalhando em prol do nosso teatro, merecendo, por êste motivo, os maiores aplausos e o incentivo de todos aquêles que realmente se interessam pelos destinos da arte cênica no Brasil. São êles os futuros artistas de amanhã, que desfilarão como autênticas atrações em nossos palcos, que precisam, antes de mais nada, de elementos artísticos capazes, que sirvam de alicerces para um teatro sadio e sèriamente encarado do ponto de vista estético.

• UM GESTO EDIFICANTE



Áurea Paiva, do teatro de revista.

OUTRA AGREMIAÇÃO teatral amadora que merece grandes elogios é o Teatro do Estudante, que vem cumprindo um programa de ação brilhante e altamente educativo, percorrendo com doze equipes dirigidas por Pascoal Carlos Magno, asilos, orfanatos, escolas, abrigos, hospitais, sanatórios, favelas, ilhas e bairros (zonas norte e sul), onde têm representado as peças infantis «Revolta dos Brinquedos», de Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga, e «Joãozinho Anda Para Trás», de Lúcia Benedetti. Êstes espetáculos inteiramente grátis para as crianças, têm a duração de quarenta e cinco minutos, possuindo cada equipe de 9 a 11 artistas, sob a direção de um diretor, realizando o Teatro do Estudante até agora 500 representações, o que constitui um verdadeiro recorde. O transporte dos artistas tem sido feito por intermédio de caminhões e camionetas, postas à disposição dos mesmos pelo prefeito da cidade, verificando-se essas visitas aos sábados e domingos. Aí está, portanto, um gesto que devia ser imitado por outras companhias, estimulando o interêsse das massas pelo teatro, pois é na criança que se começa a incutir o gôsto pelas artes, além de proporcionar também divertimento aos desfavorecidos pela sorte e aos que se acham presos ao leito de um hospital.

EXEMPLO A SER IMITADO

OUTRO GESTO que calou profundamente no coração de todos os trabalhadores de teatro, foi o da companhia espanhola «Romeria», dedicando a vesperal de «Viva La Gracia» do dia 18 aos artistas velhinhos que se encontram no retiro de Jacarepaguá. Foi um gesto que muito sensibilizou aquêles antigos artistas, que tiveram oportunidade de conhecer mais uma companhia espanhola, divertindo-se com as passagens cômicas e os números musicais de pronunciado gôsto. Êste espetáculo não se revestiu de mais um dia comum de representação, mas sim de uma festa de confraternização de artistas, onde os espanhóis prestaram uma significativa homenagem aos seus colegas que já deixaram a ribalta. Igual atitude devia ser seguida pelas companhias brasileiras, que deviam prestar também seu tributo no sentido de divertirem os velhinhos de Jacarepaguá, dedicando-lhes alguns espetáculos. Ou será que isso é difícil? Acreditamos que não. Um pouco de boa-vontade e tudo estará resolvido . . .

CANTOR CIGANO NO BRASIL

O EMPRESÁRIO Zilco Ribeiro contratou para atuar na revista «Tout Va Très Bien», que se acha em cartaz no Teatro Follies, o famoso cantor gitano Mário Campana, que acompanhou a companhia espanhola «Romeria» em sua excursão artística à Argentina e Uruguai, de onde se desligou da mesma, cumprindo uns contratos por conta própria. Em Montevidéu, a Associação Brasileira dos Empresários Teatrais, que foi recentemente criada, entrou em ação no sentido de punir certos artistas que não cumprem os respectivos contratos, desrespeitando as leis. Para que a indisciplina não tome conta das relações contratuais entre os artistas e os empresários, o presidente da A.B.E.T., sr. Luís Iglésias, resolveu tomar providências junto aos poderes públicos. Idéia acertada, sem dúvida alguma, pois só trará benefícios para ambas as classes, evitando-se futuros aborrecimentos, que viriam acarretar o rompimento de outros contratos, bem como abalar os vínculos de amizade que unem artistas e empresários, criando um ambiente pouco propício, como aconteceu com Luís Galvão e Miguel Khair no caso de Virgínia Lane.

• A MORTE DE FAMOSA ATRIZ DE TEATRO

FALECEU COM a idade de 80 anos na cidade de Tannersville, em Nova York, a famosa atriz do teatro norte-americano Maude Adams, provàvelmente do coração, conforme declarou seu médico. Sua fama começou quando estreou em Nova York em 1906 na peça «Peter Pan», conhecendo outros sucessos em «Quality Street», «What Every Woman Knows», «A Kiss For Cinderella» e «Juana de Arco». Em 1918 desligou-se do teatro, voltando em 1931 na peça «O Mercador de Veneza», de Shakespeare. Maude Adams morreu em sua casa de campo.



Curiosa diversidade de cédulas do velho padrão «mil réis», emitidas pelo «Banco do Brazil», quando ainda se usava com Z.

CEM ANOS DE DINHEIRO E CRÉDITO

QUANTOS "BANCOS DO BRASIL" JÁ HOUVE NO PAÍS? ★ MUITAS FUSÕES LEVARAM A MUITAS CONFUSÕES ★ O NOME DE MAUÁ NO 1º CENTENÁRIO DO PRINCIPAL ESTABELECIMENTO DE CRÉDITO DO BRASIL ★ AGORA QUEM EMITE É O TESOURO ★ SEIS BILHÕES E QUINHENTOS MILHÕES DE CRUZEIROS EM OURO PURÍSSIMO ★ EM QUE FICOU A VELHA IDÉIA DO NOSSO BANCO CENTRAL?

Texto de RENATO DE ALENCAR ★ **Fotos de ARNALDO VIEIRA**

A fundação do Banco do Brasil nasceu de uma corrida. Não de corrida bancária, mas de uma fuga real, a de D. João VI, com a sua côrte de quinze mil retirantes, de Portugal até às águas da Guanabara. Embora Portugal fôsse mais heróico do que banqueiro, o gorducho rei estava cercado por muitos homens de valor, e, ao lado das providências em matéria de arte, cultura e urbanismo, meteu mãos à obra no sentido de dotar o Brasil, com um banco capaz de proporcionar os necessários recursos para o desenvolvimento da nova sede do império lusitano. Nasceu então o «Banco Público» ou «Nacional», o qual, em 1808, tomou o nome de Banco do Brasil, com o **enorme** capital (para a época), de mil e duzentos contos de réis. É esta a origem remota do atual «Banco do Brasil». Seguindo o exemplo das velhas nações capitalistas, com

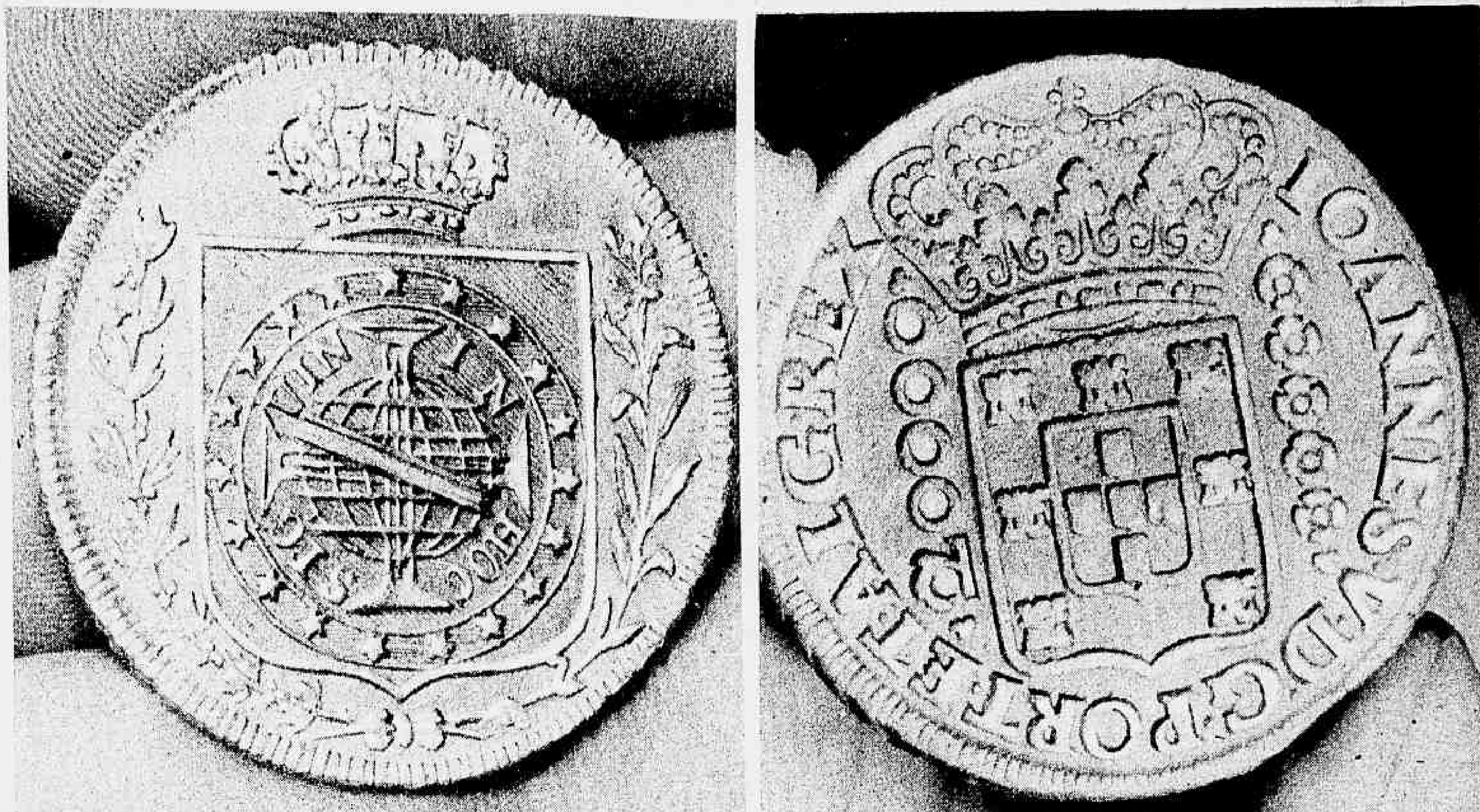


O Ministro Joaquim José Rodrigues Tôrres, (Visconde Itaboraí) fundador do atual Banco do Brasil.



Cédulas dos mais variados valores do 2º reinado e ainda dos princípios da República, emitidas por diversos estabelecimentos bancários emis-

a Inglaterra à frente, D. João VI deu ao seu Banco o caráter de emissor. A faculdade de emitir papel-moeda é tão perigosa para um Banco, mesmo oficial, como a uma criança o brincar com fogo. No fim alguém se incendeia. Ou naufraga. Foi o que sucedeu com o primeiro Banco do Brasil, liqüidado em 1829, ao extinguir-se o prazo estatutário. Veio então o Banco Comercial, fundado um ano antes da extinção do primeiro Banco do Brasil. Fundando-se êste, com os Bancos do Pará, Pernambuco, Bahia e Maranhão, surge em 1853 o segundo Banco do Brasil, graças à capacidade realizadora do Ministro do Império e depois Ministro da Fazenda, Joaquim José Rodrigues Tôrres, mais tarde Visconde de Itaboraí. É a êle que o país deve a fundação do Banco do Brasil de 1853, muito tendo lutado para fazer passar no Parlamento o projeto de criação dêsse estabelecimento, do qual foi presidente. Apesar de já possuirmos um Banco emissor, concedia o govêrno imperial tal privilégio a outros estabelecimentos de crédito do país, como sucedeu com o Banco dos Estados Unidos do Brasil, fundado em 1890, o qual foi absorvido pelo Banco do Brasil, três anos depois, com o batismo de sabor político, de «Banco da República». Deu-se aí o desastre que os financistas e conhecedores de economia política sempre esperam em casos semelhantes : quebrou o Banco por excesso de emissão de papel. Apesar da experiência que nos davam as velhas nações da Europa, com os seus grandes bancos emissores, especialmente o da Inglaterra com o sistema **act Peel** de 1844, nossos financistas enveredaram pelo delírio das emissões sem lastro nenhum, desprezando os vários tipos de emissão, preferindo a circulação fiduciária à representativa. Em 1905 foi a pique o Banco da República, uma das reencarnações do Banco do Brasil. Com o Decreto 1.455, de 30 de dezembro de 1905, surge o terceiro Banco do Brasil, em forma de sociedade anônima, e que seria o definitivo, origem próxima do atual que hoje comemora o seu primeiro centenário de fundação. Obra de homens de grandes conhecimentos de finanças, o Banco do Brasil nº 3, já caldeado nos cadinhos da experiência indígena e de fora, manteve-se mais prudente e, com a emissão de

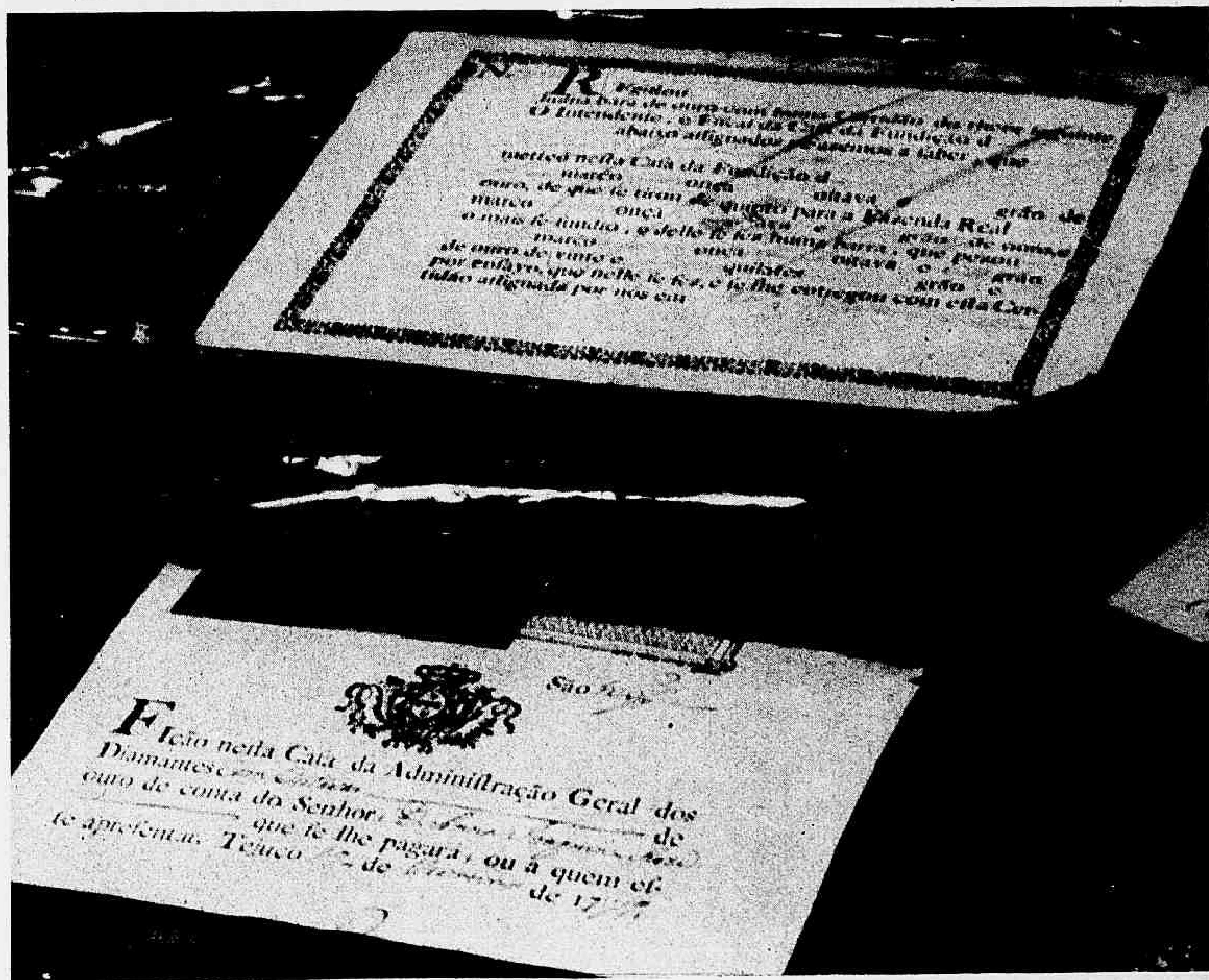


Dobrão de ouro do valor de 24$000 cunhado na Casa da Moeda de Vila Rica de Ouro Prêto, Minas, 1725-1727.



sores, na era do «Encilhamento».

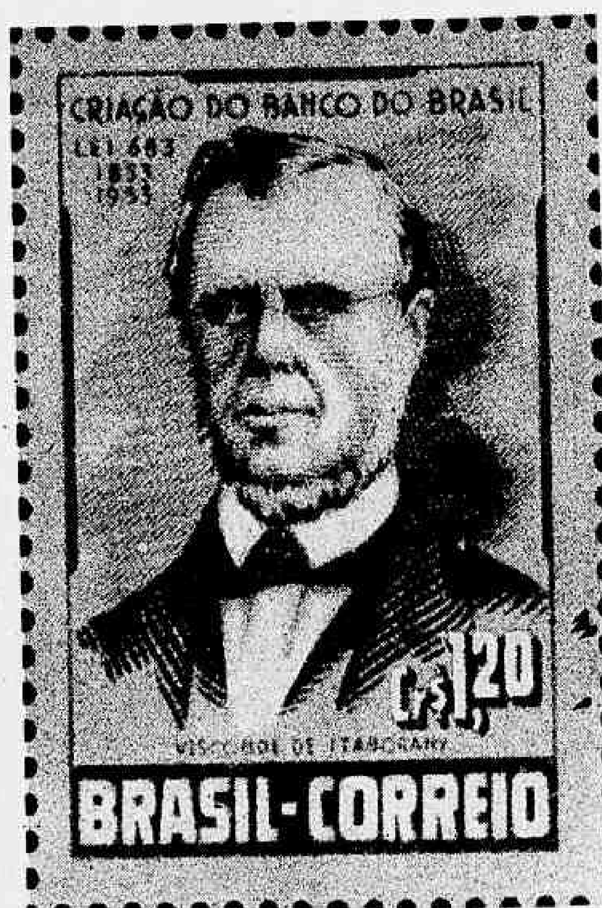
...noras a cargo da Caixa de Conversão em 1906, no govêrno Afonso Pena, consolidou-se o estabelecimento do Visconde de Itaboraí e veio até nós, como banco público, de caráter oficial, em virtude de possuir o govêrno da União o contrôle da maioria das ações. O comércio bancário, cujas origens datam da Grécia, com os **trapezite**, e de Roma, com os **argentarii**, teve no Banco do Brasil a coluna vertebral de nossa circulação de dinheiro e crédito, e, apesar de todos os erros do passado e até do presente, coube ao Banco oficial a irrigação da moeda nas artérias nacionais, adquirindo através dos tempos o mais alto prestígio de que há notícia na história financeira do país. Ocorrendo agora comemorações convencionais do seu centenário de fundação, tomando-se por base o decreto de Itaboraí (Lei 683, de 5-7-1853), poderá o nosso povo apreciar no segundo andar do seu edifício-sede, uma exposição relativa à vida do estabelecimento oficial, que reflete tôda a sua história através dêsse primeiro século de existência. Cédulas de variados tipos e de múltiplos valores, emitidas por outros bancos emissores; coleção de moedas do Brasil-Colônia, bem como as do primeiro e segundo reinados; a moeda de ouro conhecida como a da «Coroação», em memória da subida de D. Pedro I ao trono, com a curiosidade de só terem sido cunhadas sessenta e cinco unidades. Trata-se de moeda raríssima, com um valor atual de Cr$ 150.000,00 cada uma. Até hoje não se sabe, ao certo, o motivo por que foi sustada a sua cunhagem e circulação. Vêem-se ainda, moedas de derréis (10 réis), vintém, tostão, pataca, dobrões, cruzados, etc. de ouro, prata, bronze e cobre, que são uma página de informação histórica da existência do Brasil através dos tempos, e do im-



Recibos de depósito de ouro em 1772, em Tejuco, (Diamantina), onde era a Administração Geral dos Diamantes.



Efígies dos Chefes de Estado do Brasil, até a data de hoje, e o sêlo postal comemorativo do primeiro centenário do Banco do Brasil.



portante papel que o Banco centenário desempenhou em nossa terra. Seria injusto não citar no momento em que se comemora o primeiro centenário do Banco do Brasil, a figura do maior banqueiro de nossa terra, o Barão, depois Visconde de Mauá, Irineu Evangelista da Silva. Ao fundar-se o atual Banco do Brasil, já funcionava no Rio o «Banco do Brasil» de Mauá, e o Banco Comercial do Rio de Janeiro, o primeiro a funcionar entre nós depois da liqüidação do primitivo Banco do Brasil, ao tempo de D. João VI. Mauá, bem como os seus amigos e os diretores do Banco do Comércio, concordaram com a fusão para a existência de um só Banco, que tomou também o nome de Banco do Brasil, instituto de depósitos, descontos e emissão. Daí a dúvida em que está muita gente, julgando que o Banco do Brasil de hoje foi fundado por Mauá. O que o grande economista fêz, foi fundar, realmente, um «Banco do Brasil», que não é o de Itaboraí, ou de D. João VI. Houve muitas fusões que determinaram **confusão.**

Com a mostra do primeiro centenário, se passou um episódio bastante curioso. Certo professor de economia política do Distrito Federal, havendo feito uma preleção sôbre a matéria a um grupo de alunos, referiu-se ao depósito-ouro existente na tesouraria do Banco do Brasil, no valor de seis milhões e quinhentos mil contos de réis, representados em alguns milhares de tijolos do «vil metal».

Os rapazes não acreditaram, sendo necessário que o catedrático os levasse até lá, para que os discentes vissem com os próprios olhos, como S. Tomé. Isso vem mostrar-nos, quanto está enfraquecida a confiança da própria mocidade no valor intrínseco do país, nas suas reservas metálicas, em nossa capacidade econômica. Com as atuais comemorações, uma pergunta vem à lembrança de cada brasileiro : em que ficou a criação do Banco Central ? Já que ao Banco do Brasil não é mais facultada a missão de emitir papel-moeda, os estudiosos de economia indagam sôbre os velhos planos do Banco Central.



Curiosa cédula de noventa mil réis emitida pelo primitivo Banco do Brasil, fundado pelo então príncipe regente D. João VI, no ano de 1808.



Notas de trinta, cinqüenta e cem mil réis de estabelecimentos bancários emissores, do Rio de Janeiro e da Bahia. Todos autorizados por lei.



Uma das milhares de barras de ouro depositadas no Banco do Brasil, como lastro metálico. Cada uma pesa cêrca de 30 quilos.



Ato festivo, com a presença do Presidente Rodrigues Alves e Prefeito Passos, ao iniciar-se a abertura da Avenida.

O JUBILEU DO BOTA ABAIXO

PEDRO CALMON
(Da Academia Brasileira)

Fotos de AUGUSTO MALTA



Dois anos depois, em 1905, uma vista da Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco) da esquina de Ouvidor para o Passeio Público.

HÁ cinqüenta anos o Rio de Janeiro civilizava-se. A canção da moda popularizou o estribilho. Em 1903, guarda-sol sob o braço, de «frack», cartola no alto da cabeça, andava o prefeito Francisco Pereira Passos a desobstruir a capital. Tinha consigo a lei, o famoso decreto de 29 de dezembro de 1902, que o armara com poderes especiais, para expropriar as casas velhas, despejando os moradores recalcitrantes. Mais do que a lei, tinha consigo, de um lado, o entusiasmo dos que criam no progresso, do outro lado, a vontade firme do presidente Rodrigues Alves. E meteu-se a demolir, com uma coragem fabulosa, que ficou célebre, nas reações contraditórias da capital aturdida, com o seu apelido irônico: «bota-abaixo». Urbanista de intuição e ciência, o prefeito era também um homem de ação, dotado dêsse mínimo de heroísmo, que é a condição essencial dos estadistas, nas graves horas do seu povo. Se enfraquecesse, receioso, se recuasse, prudente, ou se temesse, debilitado pela oposição convergente dos interêsses que feria, com a sua picareta implacável, a remodelação da cidade ficaria pelo meio: ou não se completaria nessa metade de século. Ninguém teve pelo direito de propriedade mais aparente desprêzo: exatamente porque êsse venerável direito se entrincheirava na velharia, aliando-se à ruína, ao desasseio, à rotina, à resistência, ao retrocesso. Precisava esvaziar os cortiços, remover dos sobradões insalubres uma população molemente acostumada a essa mediocridade, ventilar, varrer, espanejar a capital, com uma vassourada valente, que lhe espalhasse o lixo. Apenas a tarefa parecia superior à bravura tranqüila de um engenheiro incumbido de traçar avenidas largas em vez de ruas estranguladas: requeria tenacidade, desassombro, astúcia. Sobretudo fôrça moral. Acima das paixões aguçadas pela exasperação dos prejudicados, a serena energia do homem que constrói. E foi esta admirável qualidade que permitiu ao prefeito Passos a conclusão do seu trabalho. Capacitaram-se os cariocas de que bota-abaixo era uma fase curta de desconfôrto: seguiu-se logo a restauração em grande estilo, com o esplendor das artérias novas, êsse mimo urbano da Avenida Central.

Até aí carecia a metrópole de perspectivas, que a arejassem, fora dos seus subúrbios verdes. Sofria de uma insuficiência vital. Tinham-



A 30-12-1905, aspecto da então Avenida Central, vista de uma das abas do antigo morro do Castelo, próximo à atual movimentada Cinelândia.

na construído de costas e não de frente para o mar, contra a paisagem, insensível à solicitação do seu maravilhoso espetáculo. Descendo há trezentos anos das abas do morro do Castelo, escorregará timidamente para a rua Direita, enfiara pelo dédalo das ruas estreitas, e ficara nos vales, sem o apetite das praias, a sensibilidade da natureza, o gôsto do sol. Asfixiava-se naquele centro malsão onde, a partir de 1850, a febre amarela se instalara, veraneando, pelo menos seis meses por ano. O resto, era arrabalde. O prefeito Passos mudou-lhe a fisionomia, transformando em principal o acessório: e indo em busca do mar, no seu traçado perimetral, revelou aos cariocas a Guanabara. A Avenida, que Frontim abriu, entre a praça Mauá e a arvoredo romântico do Passeio Público, sendo a artéria viva dessa remodelação, foi igualmente a saída do Rio de Janeiro para o seu anfiteatro marítimo. Porque dali partiria, marginando a baía, a avenida Beira Mar. Cortava fundos de quintal, um sossegado litoral de pescadores, os baldios depreciados que passavam a ser a fachada da metrópole, atraída violentamente para o azul das águas. Reencontrou-se, nessa deslumbrada descoberta das belezas que até aí ignorara, agarrada à rua do Ouvidor: e viveu vigorosamente a sua vida nova. Osvaldo Cruz foi o genial parceiro do prefeito. Exterminou a peste, que era como o dragão da fábula, a guardar a humilhação desconsolada da cidade-hospital: libertou-a.

Há cinqüenta anos começou aqui a verdadeira batalha do progresso, que botava abaixo, com as fôrças morosas e teimosas da descrença, que atrofia as iniciativas, que afoga as idéias, que desencoraja os empreendimentos.

O jubileu, que lembramos, é o da cidade que ressurgiu, com a sua fisionomia cosmopolita, do casulo colonial, distendendo as asas de ouro pela amplidão dessa topografia cenográfica, que os altos montes coroam com os seus penachos de selva. Mas é também da cultura brasileira, que superava o período da formação metódica e lenta para absorver, de um fôlego, as sugestões da civilização. O Rio de Janeiro, cantaram os poetas, civilizava-se... Realmente, era o Brasil que mudava — com grandes brasileiros à frente dêsse amável prodígio.



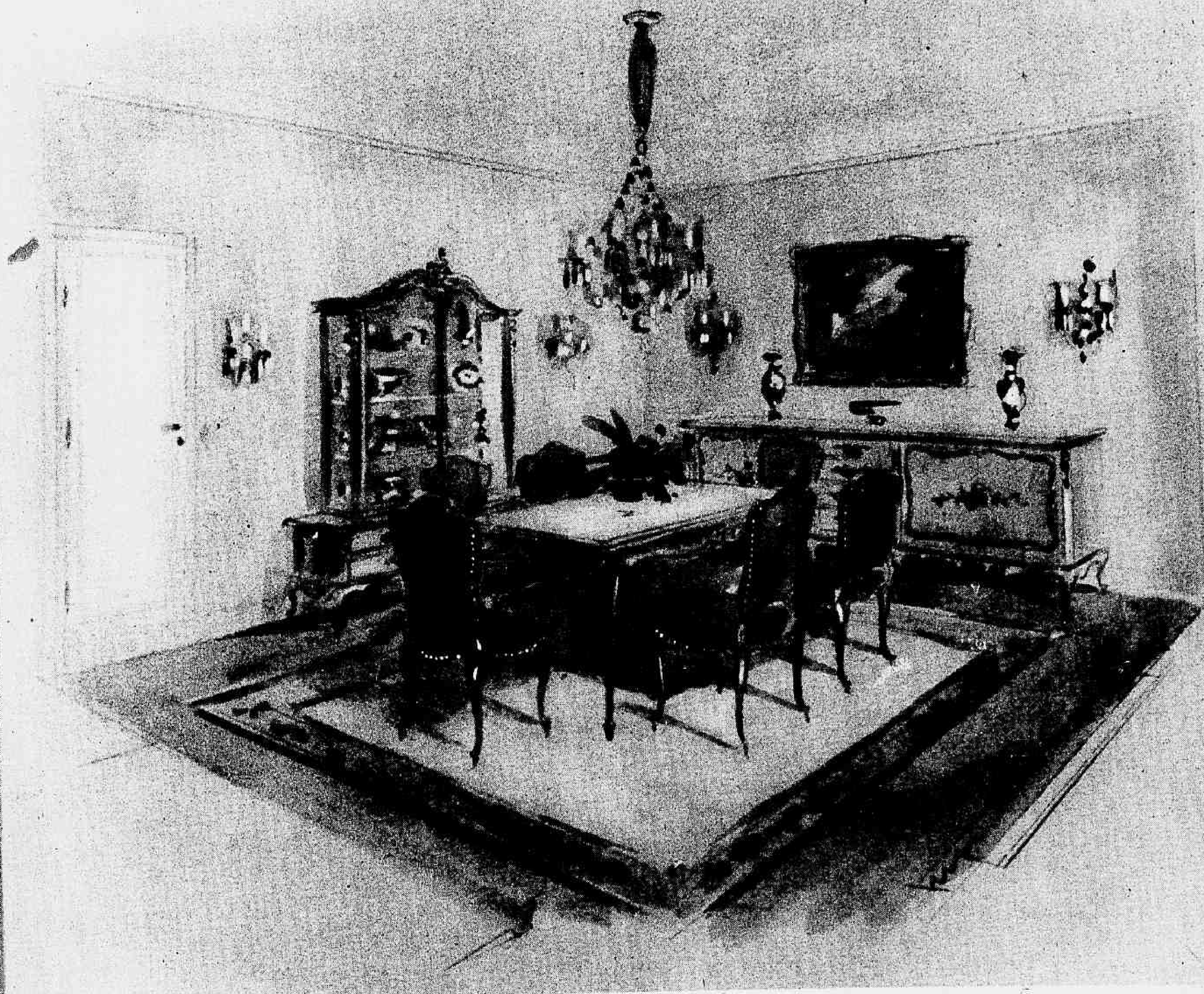
Setas indicando vários edifícios da rua de São Pedro, demolidos para o traçado de 1903. Depois, com o correr do tempo, foi tôda ela abaixo.



ÚLTIMO FLASH

DEPOIS de três anos e dias de luta na Coréia, parece que a tranqüilidade caiu sôbre aquelas regiões sofredoras. Foi êste armistício um dos mais atribulados da História. Há muito que o sol da paz raiava sôbre a península, intermitentemente, oferecendo esperanças e desilusões. E, por incrível que pareça, talvez não fôsse absurdo afirmar que os coreanos, sob certos aspectos, receassem sentir falta desta guerra, que derramou muito sangue naquele recanto da terra, mas também ali espalhou muito dinheiro. Afinal, não rugem mais os canhões naquela ponta da Asia. Se alguns adultos poderão — quem sabe? — ter saudades da tenebrosa brincadeira, as crianças de certo que se sentirão felizes. E poderão sonhar com uma Coréia unida, realmente independente e pacífica. Esta foto, em que um punhado de guris coreanos aparece envolvendo um soldado das Nações Unidas, é um belo flagrante, assim de inocência como de cordialidade, de esperança e de amor — sentimento com que haverão de "construir para a eternidade".

MÓVEIS, TAPÊTES E CORTINAS



Projeto da CASA NUNES



TAPÊTES E PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO

em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —

TAPÊTES FEITOS A MÃO

verdadeiras obras de arte

VENDAS A VISTA E A PRAZO



Uma tradição de bom gôsto



CIGARROS Hollywood

H-88.214

UM PRODUTO SOUZA CRUZ